

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM ESTUDOS DE LITERATURA

**A NECESSIDADE DA PERIODIZAÇÃO PARA UMA (RE)LEITURA DOS
ROMANCES *THE ADVENTURES OF TOM SAWYER* (1876) E *THE
ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN* (1885), DE MARK TWAIN**

Eduardo Alves de Deus Barbizan

Orientadora: Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira

São Carlos - SP

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS DE LITERATURA

**A NECESSIDADE DA PERIODIZAÇÃO PARA UMA (RE)LEITURA DOS
ROMANCES *THE ADVENTURES OF TOM SAWYER* (1876) E *THE
ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN* (1885), DE MARK TWAIN**

Eduardo Alves de Deus Barbizan

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, segundo a linha de pesquisa Literatura, história, cultura e sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira

São Carlos - SP

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Eduardo Alves de Deus Barbizan, realizada em 16/07/2018:

Prof. Dr. Daniel Marinho Laks
UFSCar

Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues
UNICENTRO

Profa. Dra. Ana Paula dos Santos Martins
USP

À minha querida e importante família, que sempre me incentivou e apoiou meus estudos. Assim, agradeço à minha mãe Neusa, ao meu pai, Osmar, e ao meu irmão, Guilherme.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus que me criou e ao meu anjo da guarda que me acompanha pelo Norte, Sul, Leste e Oeste.

Agradeço a **Universidade Federal de São Carlos, UFSCar**, que, ao longo desses anos, proporcionou valiosos ensinamentos educacionais e humanos. Não devo esquecer do **Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, PPGLit**, da mesma instituição.

Expresso minha gratidão para com minha orientadora **Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira**. Trabalhamos em conjunto durante um período que se estende há mais de dois anos. Durante o processo, ela sempre estava disposta a ouvir as várias propostas e indicava o melhor caminho para que tudo se desenvolvesse da melhor maneira possível. Apesar do ambiente universitário e todas as funções, a orientação da pesquisa foi permeada por apoio mútuo e certeza da realização de um bom trabalho.

À minha orientadora na Frente de Tradução e de Proficiência do Instituto de Línguas da UFSCar, **Profa. Dra. Camila Höfling**, por todos os ensinamentos a mim transmitidos no campo profissional. Agradeço pela confiança e por ser um grande exemplo de pessoa.

E também a todos os professores do **Curso de Pós-Graduação em Estudos de Literatura** da UFSCar; em especial a **Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha**, por ter me ensinado os diferentes reflexos da representação e pela condução nos estudos da Literatura Brasileira Contemporânea e a **Profa. Dra. Patricia Nakagome**, que possibilitou o enriquecimento da teorização das teorias críticas literárias. E aos professores que contribuíram para minha formação acadêmica nessa nova etapa: **Profa. Dra. Joyce Ferraz Infante**, **Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues** e **Prof. Dr. Wilson Alves Bezerra**.

Além disso, gostaria de agradecer as professoras presentes na banca de qualificação do meu trabalho de mestrado, **Profa. Dra. Ana Paula dos Santos Martins** e **Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues**, que, a partir da enriquecedora leitura, possibilitou o avanço da pesquisa realizada.

Aos meus amigos da turma de Pós-Graduação do PPGLit, turma de 2016. E também aos meus amigos do Curso de Graduação em Letras/Inglês (2012), **Amanda Guimarães**, **Natália Cardoso** e **Vitória Doretto**; em especial à **Amanda Aprile**, que sempre possibilitou que as aulas e seminários de língua inglesa se tornassem momentos divertidos e tranquilos. E também à **Cirlene Doretto**, por sempre perguntar sobre o andamento do trabalho e por ser uma leitora crítica do mesmo.

E para finalizar, quero expressar minha gratidão para minha amiga **Rogéria Veronese**, que sempre me apoiou e compartilhou seus ensinamentos.

À minha amiga-irmã **Patrícia Lucas**, que, apesar da distância, sempre estará em meu coração. Apesar de não nos encontrarmos com frequência, sempre que conversamos parece que deixamos de conversar somente por um dia, não é mesmo? E afinal: “Paty vamos voltar para Ann Arbor (Michigan)?”

Aos colegas do grupo de pesquisa “Diálogos Literários”, pelos encontros produtivos e pelas leituras dialéticas. A partir dessas simples palavras quero expressar minha gratidão para com todos.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apontar para a necessidade da periodização (JAMESON, 1992) dos romances *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain, no sentido de rever a recepção contemporânea dos livros, marcada nessas leituras pelas possíveis acusações de racismo e preconceito feitas às obras pela crítica literária. A proposta é a de reinsserir os textos literários em seu contexto de produção para, de fato, investigar como a questão étnica e racial é figurada nos romances de Twain. Por meio de conceitos da Estética da Recepção como proposto por Jauss (1967), principalmente os de horizonte de expectativas, recepção sincrônica e diacrônica ampliados pela leitura política como apresentada por Fredric Jameson (1992), Antonio Candido (1970) e Roberto Schwarz (1987), buscar-se-á fazer uma releitura desses romances atrelada a seu contexto histórico de produção.

Palavras-chave: Mark Twain. Literatura Norte-Americana. Literatura infantil. Leitura Política.

ABSTRACT

The aim of this research is to point to the need for periodization (JAMESON, 1992) of Mark Twain's novels *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) and *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885) to revisit the contemporary reception of books, marked in these readings by the possible accusations of racism and prejudice made to works by critics. The objective of that thesis is to reintegrate the literary texts in their production context and investigate how the ethnic and racial issues are figured in these Twain's novels. By means of concepts of Reception Theory as proposed by Jauss (1967), especially those of horizon of expectations, synchronic and diachronic reception amplified by the political reading as presented by Fredric Jameson (1992), Antonio Candido (1970) and Roberto Schwarz (1987) will seek to re-read these novels tied to their historical context of production.

Keywords: Mark Twain. North American Literature. Children's literature. Political Reading.

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1: Autor, narrativas e contextos	21
1.1 Mark Twain: Piloto das letras	21
1.2 Navegando pelas marés do contexto literário: ajustando a bússola	27
1.3 Quem é afinal o novo homem Americano? O fermento histórico na análise literária	40
1.4 Fundamentação teórica: Fredric Jameson e Leitura Política	62
Capítulo 2: <i>The Adventures of Tom Sawyer</i> (1876)	70
2.1 Primeiro nível de leitura: Tom Sawyer	70
2.2 Segundo nível de leitura: questionando padrões	84
2.2.1 As desventuras de Tom Sawyer	90
2.3 Terceiro nível de leitura em <i>Tom Sawyer</i>: figurando a coletividade do século XIX nos Estados Unidos da América	99
Capítulo 3: <i>The Adventures of Huckleberry Finn</i> (1885)	103
3.1 Primeiro nível de leitura: antigos e novos olhares para o garoto Huck	103
3.2 Segundo nível de leitura: Verdades e valores são questionados	118
3.2.1 “Outra vez Tom Sawyer!!!”: As ações realizadas por Huck e Tom Sawyer em relação a Jim	121
3.3 Terceiro nível de leitura em <i>Huckleberry Finn</i>: novos caminhos e perspectivas	126
Considerações finais	134
Referências bibliográficas	141

Introdução

Para este estudo propomos que seja considerado um novo contexto de produção, de conhecimento e negociação de sentidos, para assim esclarecer os confrontos que ocorrem no processo de interpretação dos textos literários de Mark Twain (1835-1910), a saber *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885). Diante desse cenário de aventuras permeadas pelo humor, a pesquisa buscou investigar e ampliar a leitura dos romances.

Desse modo, destacamos a necessidade da *periodização*, conforme proposto pelo crítico literário Fredric Jameson (1992), para refletir sobre o tema preconceito racial para com o personagem Jim, uma criança em *Tom Sawyer* e Jim, um adulto que figura as pessoas escravizadas em *Huckleberry Finn*.

Com um olhar atento para a recepção dos romances no momento de produção, século XIX, e revendo a recepção contemporânea, no século XXI, buscamos refletir sobre o inconsciente político da sociedade norte-americana do século XIX e ampliar a interpretação dos textos a partir dos estudos com a periodização, no contexto atual.

Em adição, sabemos que temos em mãos exemplares que carregam muitas críticas e pareceres positivos ao longo de seu período de circulação, compreendidos desde o momento de produção até a contemporaneidade.

O autor apresenta dois importantes personagens: Tom Sawyer e Huckleberry Finn. O primeiro, figurando a sociedade norte-americana do século XIX, pratica ações que não são aprovadas pela coletividade do momento de produção do romance. E Huckleberry Finn, personagem temido pelos adultos e admirado pelas crianças presentes no texto narrativo, que transita entre dois mundos, a sociedade civilizada e marginalizada.

Desse modo, Huck pode auxiliar um importante amigo na luta contra a soberania das grandes plantações do sul dos Estados Unidos e, assim, apontar a necessidade de resistência para com os antigos padrões em uma sociedade em mudanças políticas e industriais.

O romance, *The Adventures of Huckleberry Finn*, marca um dos momentos importantes na literatura norte-americana, pois o personagem Jim – figurando no romance a população negra – ganha voz, carrega a cultura coletiva de determinado grupo social e aponta para as dificuldades

encontradas pelas pessoas que foram escravizadas em um contexto histórico marcado por importantes mudanças políticas e industriais proporcionadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa.

A partir disso, o leitor pode identificar a diferença entre o tratamento dado a Jim pelos personagens Huck e Tom. Nessa perspectiva de leitura podemos identificar que Tom busca manter a antiga organização social em um ambiente de mudanças, mas já transparece que a resistência por manter o trabalho escravo não acompanhava a organização do sistema capitalista, em sua primeira fase, que se implantava no jovem país. Por outro lado, Huck, por viver à margem da sociedade, pode refletir e decidir que ações antigas não poderiam ser sustentadas nesse novo cenário econômico e social.

O autor Samuel Langhorne Clemens, reconhecido por seu pseudônimo Mark Twain, foi um dos escritores e humoristas do Realismo da literatura norte-americana. Suas produções de destaque no cenário local, assim como mundial, são os romances *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885), considerado pela crítica literária como um romance que apresenta importantes mudanças no meio literário e humano, e *The Adventures of Tom Sawyer* (1876), narrativa que prepara o leitor para as questões relevantes que serão tratadas em *Huckleberry Finn*.

Twain cresceu na cidade de Hannibal, localizada no estado de Missouri, localidade que mais tarde forneceu o cenário para suas produções acima apresentadas. Ao longo de um período, o autor dedicou-se ao ofício de impressão, mas também trabalhou como tipógrafo e contribuiu com artigos para o jornal de seu irmão mais velho, Orion. Logo após trabalhar como impressor em várias pequenas cidades, o autor tornou-se piloto de barco a vapor e experimentou viajar ao longo do rio Mississippi, um sonho de todos os jovens norte-americanos da sua época. Tal acontecimento ocorreu antes do autor se aventurar para o oeste do país e iniciar o trabalho com Orion, seu irmão mais velho. Além disso, Twain tentou a sorte no trabalho de mineração, momento que proporcionou uma série de mudanças no oeste dos Estados Unidos da América. Entretanto, essa experiência foi um fracasso e ele voltou a dedicar-se ao jornalismo. Enquanto repórter escreveu uma história humorística, *The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County and Other Sketches* (1867), que se mostrou muito popular e trouxe atenção nacional para as suas produções. Os relatos de viagens escritos por Twain também foram bem recebidos e o autor, enfim, encontrou seu chamado para dedicar-se ao universo literário.

Desse modo, Twain alcançou grande sucesso como escritor e orador público. Sua inteligência e sátira foram elogiadas por críticos e colegas que se dedicavam a produção literária da época. Twain foi elogiado como o maior humorista norte-americano de sua época, o século XIX.

Apesar de todo o seu sucesso, ele não tinha conhecimentos sobre o mercado financeiro, pois apesar de ter ganhado uma grande quantia com suas obras e palestras, o autor apostou em vários empreendimentos, em particular com a invenção do *Paige Compositor*, que buscava substituir o trabalho humano na formatação de texto por uma prensa mecânica. Apesar de todos os seus investimentos e parcerias, o autor declarou falência. No entanto, com a ajuda financeira de seu irmão, Orion Clemens, os problemas financeiros foram superados e Twain garantiu que seus credores fossem pagos, embora sua falência o tivesse aliviado da responsabilidade legal.

Nas páginas do romance *The Adventures of Tom Sawyer*¹, Tom Sawyer e seus amigos, às margens do rio Mississippi, procuram constantemente por aventuras que fossem similares às histórias encontradas nas leituras que tinham contato ou às lendas folclóricas contadas pela população, como por exemplo a lenda do anti-herói inglês Robin Hood.

Desse modo, em uma noite no cemitério, Tom e Huck buscam realizar um feitiço para curar verrugas e para espantar bruxas, mas os garotos acabam testemunhando o assassinato do médico do vilarejo praticado por Injun Joe e um dos bêbedos da cidade e amigo de Huck, Muff Potter, que receberia toda a culpa pelo ato criminoso. Apesar de ter conhecimento sobre toda a verdade, os meninos fazem um juramento de sangue e determinam que nunca poderiam revelar o segredo e, assim, fogem para serem piratas em busca de tesouros escondidos.

Porém, mesmo com a vida de pirata tão almejada pelos meninos, a falta de casa domina o pensamento de todos e até mesmo Huck sofre por estar longe da vila e de seus outros amigos. Além disso, o pensamento de serem detentores da verdade que poderia salvar a vida de um homem inocente age sobre o personagem Tom. Os garotos voltam para a vila ribeirinha que estava em luto pela possível trágica morte dos meninos. Assim, com a surpresa de todos pela notícia do retorno do grupo, a narrativa ganha outros caminhos para alguns dos personagens presentes no romance. O julgamento de Muff Potter, acusado pelo assassinato do médico, teve outro final com a revelação de Tom Sawyer. Entretanto, o verdadeiro culpado pelo ato não foi

¹ Ressaltamos que utilizamos o texto integral em inglês, publicado pela Penguin Books em 2014 e que consultamos, assim como apresentamos alguns trechos no presente trabalho, a versão traduzida para a língua portuguesa por Alda Porto, publicado pela editora Martin Claret no ano de 2013.

detido e passa a buscar vingança pelo ato realizado no julgamento que contava com a presença de toda a população da vila ribeirinha. Porém, quando Tom fica preso em uma caverna com o assustador Injun Joe, ele consegue escapar ileso e descobre o esconderijo de uma grande quantia de dinheiro que estava escondida na caverna.

O personagem Tom Sawyer figura um menino de cerca de 12 anos de idade que reside na cidade fictícia de São Petersburgo, no estado de Missouri, por volta do ano de 1845. O círculo de melhores amigos de Tom Sawyer inclui Joe Harper e Huckleberry Finn. No romance, Tom mora com seu meio-irmão Sid, um garoto de conduta exemplar e bons modos, sua prima Mary e sua tia Polly, a matriarca da casa que batalha pelo sustento da família em uma sociedade com severos princípios patriarcais do século XIX. Não há menção ao pai de Tom, pois a mãe e o pai faleceram após o nascimento do menino. Tom tem outra tia, Sally Phelps, que mora em uma plantação no sul do Mississippi.

Alguns registros ao longo da publicação do romance apontam que o nome do personagem fictício pode ter sido derivado de um bombeiro que tinha o mesmo nome do protagonista do texto literário e com quem Twain estava familiarizado em San Francisco, no estado da Califórnia, enquanto o autor trabalhava como repórter no *San Francisco Call*. Desse modo, Twain costumava ouvir as histórias que seu amigo contava sobre o período da infância. No entanto, Twain muda a afirmação dizendo que o personagem Sawyer fora criado apenas em sua imaginação.

O romance *The Adventures of Huckleberry Finn*² (1885), sequência direta de *Tom Sawyer*, é considerado um dos grandes romances da literatura norte-americana e tido como a primeira produção literária que empregou a linguagem oral – essa caracterizada pelo regionalismo local. O texto narrativo está redigido em primeira pessoa, dessa forma, Huckleberry Finn, ou Huck, passa a ser o narrador de experiências vividas na sociedade da vila ribeirinha e a margem desse ambiente civilizado do século XIX.

Desse modo, no segundo romance, continuação de *Tom Sawyer*, um menino, a margem da sociedade civilizada, de uma pequena vila do rio Mississippi do século XIX, conta suas aventuras enquanto viaja rio abaixo com Jim, uma pessoa que fora escravizada e estava fugindo em busca da liberdade. A jornada dos personagens é influenciada pelo imponente rio. Além

² A versão do texto em idioma original foi disponibilizada pela Dover Publications, de 1994, e a versão traduzida para a língua portuguesa por Sergio Flaksman, da Editora Ática, de 2002.

disso, o percurso dos personagens é entrelaçado com os problemas enfrentados por duas famílias que viviam uma infinita rivalidade, com dois personagens que fingindo ser realeza aplicavam golpes nas pequenas cidades com apresentações teatrais, e, como desfecho, um momento de tensão na propriedade da tia de Tom Sawyer, família Phelps, que até mesmo confundiu Huck com Tom Sawyer.

O texto narrativo é reconhecido por sua descrição da população local, dos ambientes ao longo do rio Mississippi e por retratar a questão racial na sociedade norte-americana do Pós-Guerra Civil. Apesar do romance ser ambientado em uma sociedade Pré-Guerra Civil, que deixou de existir cerca de 20 anos antes da publicação do autor, *The Adventures of Huckleberry Finn* é uma reflexão contundente das atitudes arraigadas advindas do período colonial e dos grandes proprietários das plantações localizadas no sul do país.

A popularidade entre os leitores, jovens e adultos, não anula o emprego do romance como objeto contínuo de estudo por parte da crítica literária. O texto literário foi amplamente criticado no momento de produção pela utilização em excesso de uma linguagem informal e por figurar atitudes que partiam contra os bons costumes da sociedade norte-americana no século XIX. No período atual, apesar dos argumentos de que o protagonista e narrador do romance desempenhe um pensamento antirracista, a crítica ao romance continua a levantar questionamentos devido ao uso frequente do de um vocábulo pejorativo e inutilizável pela maioria dos falantes da comunidade global do século XXI.

Desse modo, diante das contribuições dadas pelos conceitos da Estética da Recepção (JAUSS, 1967), principalmente pelos horizontes de expectativas, recepção sincrônica e diacrônica ampliados pela leitura política (JAMESON, 1992; CANDIDO, 1970; SCHWARZ, 1987) e pelos resultados deste estudo, buscamos aplicar a (re)leitura destes romances atrelada ao seu contexto histórico de produção para, assim, rever a recepção contemporânea, atenuada pelas acusações de racismo e preconceito levantadas a partir dos textos literários de Mark Twain.

Salientamos que respeitando as especificidades do período literário em que o autor está inserido, o Realismo norte-americano do século XIX, ele apresenta a tensão enfrentada por determinado grupo social de sua época, compreendido pelo período do Pós-Guerra Civil e após a abolição da escravidão no país. Mesmo que envolta em um tom de humor, temos as lutas e dificuldades enfrentadas pelas pessoas ex-escravizadas para sobreviverem em uma sociedade dita, majoritariamente, branca, puritana e no início de um imponente marco econômico.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, considerações finais e introdução. No capítulo 1, apresentamos os dados biográficos e a fortuna crítica, os romances trabalhados no presente trabalho, o contexto histórico, o momento literário em que Twain está inserido e a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos a leitura em três níveis do romance *The Adventures of Tom Sawyer*³ (1876) que nos apresenta um microcosmo do sul dos Estados Unidos, enfatizando suas tensões sociais, oriundas de uma história de colonização específica para aquela região. Essas tensões são apresentadas subjetivamente, em nível textual, concomitantemente aos acontecimentos do período da infância dos personagens comuns ao perfil de muitos leitores adultos quando da publicação do texto literário. Twain apresenta já no prefácio do romance sua intenção em compartilhar e explicar o objetivo de sua produção:

Most of the adventures recorded in this book really occurred; one or two were experiences of my own, the rest those of boys who were schoolmates of mine. Huck Finn is drawn from life; Tom Sawyer also, but not from an individual – he is combination of the characteristics of three boys whom I knew, and therefore belongs to the composite order of architecture⁴ (TWIN, 2014, p. 1).

No capítulo 3 é feita a investigação sobre o romance *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884-5), que apresenta, de certo modo, a continuação de *Tom Sawyer*, pois um personagem já conhecido pelo público leitor de Mark Twain, Huck Finn, e no mesmo ambiente, um povoado de São Petersburgo, é reinserido em um livro que apresenta suas aventuras narradas em primeira pessoa no cotidiano da sociedade norte-americana do final do século XIX. Por meio do uso de uma linguagem coloquial, de gírias, dialetos sulistas e da descrição da natureza local, Twain diz buscar retratar a verdade. Por meio desse intento, o autor rompe com opiniões

³ *Tom Sawyer* foi adaptado para o cinema e podemos destacar: *Tom Sawyer* (1930), do diretor John Cromwell (produção EUA); *The Adventures of Tom Sawyer* (1938), sob direção de Norman Taurog (produção EUA) e *Tom Sawyer* (1973), direção de Don Taylor (produção EUA). Além da presença na sétima arte, o texto literário de Twain inspirou o grupo Rush a escrever uma música para o álbum *Moving Pictures* (1981) com referência direta para a produção do autor. Outras adaptações foram feitas com base no texto de Twain e abrangem outras áreas artísticas como jogos para *games*, desenhos animados e anime. Em 2007, o autor japonês Shin Takahashi (1967), reconhecido por suas produções *Ii Hito* (1992) e *Mero Neko* (2004), publicou uma edição baseada no texto de Mark Twain para o gênero *mangá* com o título *Tom Sawyer* (2007). No Brasil, a produção foi traduzida para a língua portuguesa e publicada em 2014 pela editora JBC (São Paulo, 2014).

⁴ [Trad. nossa: A maioria das aventuras narradas neste livro de fato ocorreu; uma ou duas constituem experiências pessoais minhas, as demais se relacionam aos colegas de infância com os quais frequentei a escola. Huck Finn corresponde a uma vida real; Tom Sawyer também, mas não apenas a de um único indivíduo – consiste na combinação das características de três meninos que conheci, e, portanto, pertence à ordem da criação híbrida de ficção e realidade].

estabelecidas pela sociedade de sua época e apresenta firmes posições contra injustiças sociais e contra o imperialismo norte-americano do século XIX. Reflexões que serão estabelecidas pela leitura em três níveis e atenção para as estratégias de contenção presentes nos textos literários.

Nas considerações finais esperamos que os leitores possam compreender o papel da periodização na verificação do diálogo entre os produtos de um determinado modo de produção e as mudanças sociais ocorridas na coletividade em diferentes séculos e, assim, apontando, a partir da análise de alguns aspectos temáticos presentes nas narrativas, os resultados do terceiro nível de leitura na interpretação dos romances de Twain.

Capítulo 1: Autor, narrativas e contextos

1.1 Mark Twain: Piloto das letras

Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), conhecido posteriormente pelo pseudônimo Mark Twain, foi um importante escritor do realismo da literatura norte-americana do século XIX. Ernest Hemingway (1899-1961) diz que: “all modern American literature comes from one book by Mark Twain called *Huckleberry Finn*⁵”.

O autor nasceu no dia trinta de novembro de 1835, no vilarejo Flórida, estado do Missouri, um novo e desconhecido estado dos Estados Unidos que estava em desenvolvimento. Porém, Clemens passou muitos anos de sua infância, até completar doze ou trezes anos, na fazenda de seu tio Dan'l, em Hannibal, também localizada no estado de Missouri, onde cresceu às margens do rio Mississippi e viveu suas maiores aventuras juvenis.

O pequeno vilarejo era muito simples e, dentro de seu perímetro, comportava poucas casas, uma igreja, uma escola e duas lojas comerciais. Desse modo, o meio modesto pode possibilitar a compreensão que seus habitantes levavam uma vida simples. Em sua produção *The Autobiography of Mark Twain* (2006), o autor, com uso de um tom sarcástico, diz que:

The village contained a hundred people and I increased the population by one per cent. It is more than many of the best men in history could have done for a town. There is no record of a person doing as much – not even Shakespeare. But I did it for Florida⁶ (TWIN, 2006, p.1).

Assim, podemos destacar que a fazenda de seu tio foi um ambiente de grande importância na infância do autor, que em sua autobiografia descreve com saudades esse período de sua vida. Recordações que possibilitam a identificação da estrutura social e do cotidiano de uma família tradicional do momento de produção das obras do autor, como por exemplo no trecho:

⁵ [HEMINGWAY, trad. nossa: “toda a literatura moderna vem de um único livro *Adventures of Huckleberry Finn* (1884)”].

⁶ [Trad. nossa: A aldeia continha uma centena de pessoas e eu aumentava a população em um por cento. É mais do que muitos dos melhores homens na história poderiam ter feito para uma cidade. Não há registro de uma pessoa fazendo tanto - nem mesmo Shakespeare. Mas eu fiz isso pelo por Flórida].

The Family room of the house, the vast fire-place, the lazy cat spread out in front of it; the sleepy dogs; my aunt in one chimney corner, knitting; my uncle in the other, smoking his pipe; the shiny and carpet less floor faintly mirroring the dancing flames; half a dozen children playing in the background⁷ (TWIN, 2006, p. 5).

Em semelhanças às outras propriedades do sul agrícola e escravocrata, um ponto que contempla críticas nas leituras realizadas no século XXI que serão abordadas posteriormente, é estabelecido pela figuração das pessoas escravizadas, do trabalho e das dificuldades que afligiam a maioria da população dos Estados Unidos desse período. Os textos literários do autor apresentam criticidade sobre o tema e uma visão distorcida das demais pessoas que apoiavam o serviço escravo nas propriedades do sul.

Devido à falta de escolas públicas no Estado de Missouri, Clemens iniciou seus dias escolares, com quatro anos e meio de idade, na instituição particular *Mrs. Horr' school*, sobre a qual o autor diz que: “Mrs. Horr was a New England⁸ lady of middle age with New England ways and principles and she Always opened school with prayer and a chapter from the New Testament; also she explained the chapter with a brief talk⁹” (TWIN, 2006, p. 15). Um importante relato que possibilita o entendimento da base educacional ofertada no século XIX nos Estados Unidos.

Com a morte do pai do autor, em 1847, a família Clemens passa por grandes mudanças. Enfrentando esse período de dificuldade com a ajuda financeira de Orion, irmão mais velho do autor que tentava se estabelecer como editor em St. Louis, e com as aulas particulares de piano ofertadas pela única irmã, Pamela.

Nesse período conturbado, além de frequentar a escola, o autor foi aprendiz de tipógrafo para o jornal *Missouri Courier*, em 1848. Apesar de ser um ofício não remunerado, o editor, chefe da empresa de impressão, optou por realizar o pagamento pelo trabalho prestado com roupas usadas. O autor, empregando uma visão envolta em humor, diz que: “I was only about

⁷ [Trad. nossa: A sala familiar da casa, a vasta lareira, o gato preguiçoso espalhado na frente dela; os cães com sono; minha tia em um canto de chaminé, tricotando; meu tio no outro, fumando o cachimbo; o piso brilhante e o tapete refletindo levemente as chamas dançantes; meia dúzia de crianças tocando no fundo].

⁸ Compreendida pela região onde estava localizada a Baía de Massachusetts, na Costa Atlântica da América do Norte.

⁹ [Trad. nossa: “A Sra. Horr era uma dama de meia idade da Nova Inglaterra com maneiras e princípios ingleses. Ela sempre iniciava a escola com oração e com um capítulo do Novo Testamento; também explicava o capítulo com um breve diálogo”].

half as big as Ament, so his shirts gave me the uncomfortable sense of living in a tent¹⁰” (TWIN, 2006, p. 41).

Em seguida, em 1849-50, Orion rompe a conexão com a casa de impressão em St. Louis e passa a editar o jornal *Hannibal Journal*, no qual Samuel Clemens foi repórter e redator.

Entretanto, Clemens não segue o grupo de editores que mudam para Muscatine, em Iowa, e passa a trabalhar para o *Evening News*, de St. Louis. Todas essas atividades foram realizadas com o intuito de viajar pelo mundo. E essa aventura ocorreu em New York City e seus pequenos mundos encantados ao seu redor, ao que o autor comenta: “I arrived in New York with two or three dollars in pocket change and a ten-dollar bank bill concealed in the lining of my coat¹¹” (TWIN, 2006, p. 44).

Assim, entre os anos de 1853 e 1856, Clemens viajou para trabalhar como pintor em St. Louis, New York City e Philadelphia. Uma forma escolhida para viver em diferentes localidades em seu país. Nesse período, o jovem aventureiro teve conhecimento sobre as possibilidades de fortuna no Brasil. Ele havia planejado sua viagem, mas encontrou um piloto de barco a vapor que lhe ofereceu a oportunidade de também se tornar um piloto, sonho de todo jovem de sua época, assim, seus planos ganharam um novo horizonte.

Desse modo, logo após viajar para Washington, em 1854, Clemens retorna para o vilarejo às margens do Mississippi, realizando trabalhos na pequena imprensa em Keokuk (Iowai) e a bordo do famoso barco a vapor *Pennsylvania*, com viagens de New Orleans para St. Louis.

Entretanto, após quatro anos, Clemens deixou os grandes barcos para servir voluntariamente no batalhão da confederação durante a Guerra Civil, nos Estados Unidos. Logo após realizar o serviço militar, seguindo outros aventureiros, seguiu para o Oeste, território de Nevada, em busca de ouro e prata. Assim, participou do desenvolvimento do comércio de madeira, das minas de mineração e garimpo. Destarte, não deixou de escrever para o jornal local e, assim, desenvolveu atividades editoriais para *Enterprise*, da cidade de Virginia, em Nevada.

Em uma de suas reportagens, o Sr. Clemens foi enviado para *Carson City* para reportar reuniões legislativas que foram realizadas para elaborar novas leis. Ele ficou responsável por redigir cartas semanais para o jornal local, que integravam as edições dominicais, com o

¹⁰ [Trad. nossa: ““Eu a metade do tamanho de Ament, então suas camisetas me proporcionaram a desconfortável sensação de se viver em uma tenda”].

¹¹ [Trad. nossa: [“Cheguei em Nova York com dois ou três dólares no bolso e uma nota bancária de dez dólares escondida no revestimento do meu casaco”].

conteúdo dessas reuniões. Como resultado, logo após a circulação da edição, o procedimento legislativo foi cancelado pelos indicativos de insatisfação da população. O corpo legislativo reagiu e respondeu, com ódio, para o correspondente do jornal local responsável pelas cartas. Assim, o repórter e futuro autor renomado da literatura norte-americana, passa a assinar suas cartas com o pseudônimo Mark Twain: “To save their time, I presently began to sign the letters “Mark Twain” (two fathoms¹² – twelve feet), the Mississippi river boat man’s call for announcing the depth of the water¹³” (TWIN, 2006, p. 44). Desse modo, em 1863, o novo escritor norte-americano Sr. Clemens, adotou o pseudônimo Mark Twain, como passaria a ser conhecido, pensando a partir da expressão utilizada pelos barqueiros do rio Mississippi para indicar o nível mínimo exigido para a navegação segura de um barco a vapor.

Após dois anos no jornal *Enterprise*, Twain muda-se para o Oeste do estado de Califórnia para ser repórter do jornal *Morning Call of San Francisco*. Em suas matérias eram descritas sessões de julgamentos no tribunal policial, as brigas ocorridas nas madrugadas, as visitas aos teatros, para acompanhar peças e óperas. Assim, depois da reunião e organização de fontes para seus textos, Twain redigiu suas impressões para a coluna do noticiário local.

Em 1867, Twain inicia seu caminho no meio literário, experiência não muito bem-sucedida. O autor compareceu até o escritório do Senhor Carleton para oferecer seu livro para publicação e sua resposta foi dada envolta por uma atmosfera negativa: “Books – look around you! Every place are books that are waiting for publication. Do I want any more? Excuse me, I don’t. Good morning¹⁴” (TWIN, 2006, p. 52). Desse modo, Twain tomou conhecimento que para obter crédito no mercado editorial norte-americano, seus livros entrariam em uma competição pelo título e merecimento de ser publicado.

Para sua primeira publicação, Twain contou com o auxílio de Charles H. Webb que publicou em parceria o texto intitulado *The Celebrated Jumping Frog of Cavaleras County and Other Sketches* (1867). O livro ganhou uma pequena versão em capa azul com letras douradas e com valor no mercado de \$1.25. O resultado de seu primeiro trabalho foi uma carta da *American Publishing Company of Hartford* oferecendo a oportunidade de redigir um texto narrativo sobre suas aventuras em *Quaker City*.

¹² *Fathom*: a unit of measurement equal to six feet, used in figuring the depth of a river or other body of water.

¹³ [Trad. nossa: "Para economizar nosso tempo, eu comecei a assinar as letras com "Mark Twain" (duas braças - doze pés), a chamada do homem do barco do rio Mississipi para anunciar a profundidade da água"].

¹⁴ [Trad. nossa: "Livros - olhe ao seu redor! Por todos os lados temos livros que aguardam publicação. Eu quero mais? Com licença, não. Bom Dia"].

Em 1870, Twain casa-se com a senhorita Olivia, irmã de Charles Webb, e, logo após, muda-se para Buffalo, New York para ser editor do jornal *Buffalo Express* e para iniciar seu novo lar:

I knew nothing about Buffalo, but that made my household arrangements through a friend, by letter. I had instructed him to a boarding house of as respectable a character as my light salary would command¹⁵ (TWIN, 2006, p. 60).

Sem dúvida esses acontecimentos na vida de Twain contribuíram para sua formação como escritor. Os trabalhos como jornalista, encarregado de coletar e elaborar pequenas notícias sobre acontecimentos e seus habitantes ao longo do rio, favoreceram no desenvolvimento da capacidade de redigir, em tom humorístico, suas observações e impressões armazenadas ao longo de suas experiências.

Até mesmo alguns fatos de sua vida particular se diluem em suas produções. O autor foi fumante na maior parte de sua vida. Um ponto semelhante em seus textos e comum entre os jovens e adultos de sua época. E na atualidade, repercute como ponto de crítica por alguns de seus leitores, por acreditarem transmitir algo negativo para seu público, principalmente, o infantojuvenil.

O trabalho com a palavra, de forma fiel as suas impressões, fez com que Mark Twain se tornasse um autor lido e discutido por diferentes leitores de sua época, e dos dias atuais. Seu estilo possibilitou uma *ruptura da tradição* (JAMESON, 1992) almejada pelos escritores norte-americanos do início do século XIX.

Como o autor transmite a voz nacional em seus textos, temos a utilização de uma linguagem popular em seus livros. Além de gírias e dialetos em suas obras, Twain apresenta episódios que retratam as crenças populares da sociedade de sua época, a cultura daquela parte da nação. Esses aspectos são apresentados por meio de um tom humorístico, despertando a curiosidade de seus leitores e mantendo suas obras sempre atuais.

¹⁵ [Trad. nossa: "Não sabia nada sobre Buffalo, isso fez com que os arranjos da casa da família fossem feitos por um amigo, por carta. Eu tinha-o instruído para procurar por uma respeitável casa como a de um personagem e que meu leve salário poderia comandar"].

Além disso, a família de Twain, com três filhas e a esposa, se aventurou pelo mundo: visitou ou estabeleceu residência por um curto período em Londres, Itália, Suíça, Viena, Nova Zelândia, Tasmânia e Austrália.

As produções literárias do período compreendido como Realismo norte-americano contribuíram para a formação da literatura nacional dos Estados Unidos, pois figuraram as cidades de fronteira, as minas de ouro, as reuniões em torno da fogueira, a arte de contar histórias e os velhos heróis cômicos do velho sudoeste dos Estados Unidos.

Twain conquistou seus leitores por empregar a descrição das paisagens, da cultura popular e do tom satírico empregado em suas obras. Assim, o autor entremeou suas produções literárias com muitas histórias de viagem e que configuram alguns de seus textos mais engraçados entre os relatos de viagens.

Com a publicação de *The Celebrate Jumping Frog of Cavaleras County and Other Sketches* (1867), Twain foi reconhecido por seus leitores como um excelente autor de contos. Com a viagem realizada para a Europa, o autor publicou *The Innocents Abroad* (1869), em que narra suas impressões sobre a sociedade europeia. Essa e outras produções com a mesma finalidade foram um grande destaque entre suas publicações.

Forgest G. Robinson (1995), em seu artigo intitulado *The Innocent at Large: Mark Twain's Travel Writing*, diz que: “His reputation firmly established, Mark Twain enjoyed continued success with *Old Times on the Mississippi* (1875), *A Tramp Abroad* (1880), *Life on the Mississippi* (1883), and *Following the Equator* (1897)¹⁶” (p.17).

Forgest (1995) diz ainda que os textos de viagem de Twain resultaram em uma grande repercussão na sociedade da época, em que sessenta e sete mil exemplares foram vendidos em vinte meses, atingindo a marca de cem mil cópias vendidas logo após o primeiro ano de sua publicação.

A partir do sucesso de suas primeiras obras, Twain dedicou-se a ser escritor e a relatar suas lembranças das aventuras de sua infância, nos livros *The Adventures of Tow Sawyer* (1876) e *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885). Essas obras marcantes contribuíram para a formação da literatura realista norte-americana e influenciaram as produções nacionais. Contudo, não podemos deixar de destacar *The Prince and the Pauper* (1881), *Life on the Mississippi*

¹⁶ [FORGEST, 1995, trad. nossa: Sua reputação foi firmamente estabelecida, Mark Twain continuou fazendo sucesso com *Old Times on the Mississippi* (1875), *A Tramp Abroad* (1880), *Life on the Mississippi* (1883), and *Following the Equator* (1897).]

(1883), e *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* (1889). Suas obras realistas propõem um compromisso com essa estética literária para além de seus temas.

Entretanto, problemas de saúde de sua filha Susy e complicações graves no desfecho desse momento foram o início da tragédia de sua vida. Fatos de impossível compreensão para o autor e que impossibilitaram a continuidade de produção de novos trabalhos. Podemos observar que seus últimos trabalhos refletem esse desastre familiar através do uso de um tom irônico e de amargura cada vez maiores. Como últimos grandes reconhecimentos, Twain recebeu, em 1901, diploma honorário pela *University of Yale*, e depois de alguns anos, em 1907, pela *University of Oxford*. O autor faleceu em 1910.

1.2 Navegando pelas marés do contexto literário: ajustando a bússola

A literatura do Sul, *the Literature of the South*, dos Estados Unidos, assim como a literatura norte-americana em geral, iniciou-se no período em que o Sul se diferenciava das políticas e da cultura advinda da Europa e da Inglaterra. No material intitulado *Perfil da Literatura Americana* (1994), Kathryn Vanspakeren, diz que: “a literatura pré-revolucionária do Sul era aristocrática e secular, refletindo os sistemas sociais e econômicos predominantes nas plantações do Sul” (VANSPACKEREN, 1994, p. 12).

Como marco das produções da literatura norte-americana, não devemos considerar os primeiros manuscritos produzidos pelos *Elizabethans* em *Jamestown*. Segundo Thomas Daniel Young, Floyd C. Watkins e Richmond Croom Beatty (1968), nos estudos organizados na obra *The Literature of the South* (1968), os autores afirmam que: “John Smith and other ranging Englishmen of early colonial times were neither Southerners nor Americans; they were the sojourners and adventures of an expanding empire¹⁷” (YOUNG; WATKINS; BEATTY, 1968, p.5). E Vanspakeren, complementa que:

O principal relato da colônia de Jamestown, os escritos do Capitão John Smith, um de seus líderes, é o oposto do trabalho preciso e científico de Hariot. Smith, romântico incorrigível, parece ter floreado suas aventuras. A ele devemos a famosa estória da jovem índia Pocahontas. Fato ou

¹⁷ [Trad. nossa: "John Smith e outros ingleses do início da época colonial não eram Sulistas e nem Americanos; eles eram os jornalistas e aventureiros de um império em expansão"].

ficção, ela está arraigada no imaginário histórico americano (VANSPACKEREN, 1994, p. 5)

Entretanto, devemos destacar que no período colonial a Nova Inglaterra, colônia inglesa localizada na Baía de Massachusetts, contava com um grupo de colonos intelectualizados, os puritanos. Eles almejavam o conhecimento para compreender e executar a vontade de Deus no processo de colonização. Sendo assim, os textos para leitura deveriam transmitir o ensinamento sobre a importância de se adorar a Deus e se atentar para os perigos espirituais enfrentados pela alma no planeta Terra. A autora Vanspakeren diz que:

O estilo puritano variava muito – da poesia metafísica e complexa até diários caseiros e relatos históricos religiosos tremendamente pedantes. Mas a despeito do estilo ou gênero, certos temas eram constantes. A vida era vista como prova; o fracasso levava à condenação eterna e ao fogo do inferno e o sucesso, recompensado com o êxtase celestial. O mundo era a arena de combate constante entre as forças de Deus e as hostes de Satanás, inimigo terrível com vários disfarces. Muitos Puritanos aguardavam ansiosamente a chegada do “milênio”, quando Jesus voltaria à Terra, acabaria com a miséria humana e inauguraria 1000 anos de paz e prosperidade (1994, p. 5).

Como outros exemplos de textos nesse período temos: *The Stepmother: a domestic Tale from a real life* (1799), de Helena Wells, obra em que a autora descreve seu cotidiano em Charleston, no estado de South Carolina. Apesar do ambiente descrever o cotidiano local, o texto literário passou a ser considerado como uma propaganda enganosa sobre o Sul do jovem país. Além disso, temos o texto *The First Settlers of Virginia* (1805) de John Davis, romance histórico sobre a Colônia de Jamestown e sobre as viagens para as Índias. E também, o trabalho do escritor Gilbert Imlay, autor da obra *The Emigrants, or The History of an Expatriated Family, being a Delineation of English Manners drawn from Real characters* (1793), que foi denominado como o primeiro romance do estado de Kentucky.

Assim, a partir dos textos produzidos no período colonial, percebemos que a tradição dos textos literários ingleses do século XVIII foram modelos para os escritores norte-americanos. Entretanto, as produções norte-americanas eram alvo de críticas bem rigorosas na Inglaterra, Vanspakeren (1994, p. 14) afirma que “os americanos estavam dolorosamente cientes de sua excessiva dependência em relação aos modelos literários ingleses. A busca de uma literatura própria tornou-se obsessão nacional”.

Nesse período, produções poéticas de importante valor estético eram raras tanto no Sul como no Norte. Somente depois de 1800 poetas como Freneau e Edward Taylor escreveram com destreza algumas das produções poéticas norte-americanas. Segundo S.M. Tucker (1974), foram encontrados poucos materiais de autores sulistas do século XVII e entre esses incluem-se produções como: *Bacon's Epitaph, Made by His Man* (provavelmente de John e Ann Cotton) e *Ballad on the Settlement of Jamestown*, de Richard Rich. A maioria das produções literárias nas colônias do Sul pertenciam a tradição oral e, assim, se tornaram inacessíveis, pois a preocupação em registrar a Literatura Oral inicia-se no século XIX. Devemos destacar que variantes como o *Old English* e *Scottish ballads* estavam presentes no tempo colonial. Devemos também destacar que, para alguns críticos literários, a literatura norte-americana se inicia com a transmissão de mitos, lendas, histórias e canções das culturas indígenas, através da língua oral nativa desses grupos.

Devemos considerar que os escritores sulistas do período da Revolução da Independência ainda, no final do século XVIII, não entrariam na categoria de arte, pois eles são classificados como autores de uma literatura estrangeira, com registros e diários de viagens:

Os escritores revolucionários, apesar de seu patriotismo genuíno, eram, por necessidade, conscientes e nunca puderam encontrar raízes em suas sensibilidades americanas. Os escritores coloniais da geração revolucionária haviam nascido ingleses, chegando à maturidade como cidadãos ingleses e cultivando hábitos de pensamento e conduta ingleses. Seus pais e avós eram ingleses (ou europeus), assim como seus amigos. Além disso, a consciência americana das modas literárias era sempre defasada em relação à inglesa, o que intensificava a imitação pelos americanos (VANSPACKEREN, 1994, p. 14).

Desse modo, os principais textos lidos pelo Sul eram, até então, os romances ingleses ou as produções que se espelhavam na tradição inglesa. Somente após a Declaração de Independência e as produções protestantes das ideias divergentes entre o Sul agrícola e o Norte industrial, temos a classificação da literatura sulista como “the greatest rhetorical achievement of the age¹⁸” (YOUNG; WATKINS; BEATTY, 1968). Sobre a mudança na sociedade depois do conflito da Guerra Civil, Vanspanckeren (1994) destaca que se antes se lutava pelo estabelecimento dos direitos humanos, o final da disputa idealizou o progresso: “essa foi a era do

¹⁸ [Trad. nossa: “a maior realização retórica da era”].

industrial milionário e do especulador, quando a evolução darwiniana e a ‘sobrevivência do mais adaptado’ parecia sancionar métodos pouco éticos do magnata industrial bem-sucedido”(1994, p. 47).

No século XIX, marcado por autores potencialmente reflexivos, temos produções que contemplam as complexas facetas sociais da jovem nação. Assim, temos, em alguns textos, o questionamento social e político sobre o momento vivenciado por seus autores:

Walt Whitman, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, Edgar Allan Poe, Emily Dickinson e os transcendentalistas representam a primeira grande geração literária surgida nos Estados Unidos. No Romantismo, a visão Romântica tendia a expressar-se em forma que Hawthorne denominou “Romance”, um tipo elevado, emocional e simbólico de romance (VANSPACKEREN, 1994, p. 36).

Com as novas produções, que buscavam uma identidade nacional para a literatura norte-americana, os leitores sulistas não deixaram de expressar descontentamento para com essas produções, pois, muitas vezes, retratavam o regionalismo sulista com humor. Os escritores do Sul também buscavam atingir o público leitor do Norte, devido a concentração da maioria dos grupos de escritores e por concentrar o grupo da imprensa do século XIX.

Durante as décadas de 1830 e 1840 houve o aumento da necessidade da defesa de contra-ataques políticos que almejavam a separação da Sessão Política Unificada do Sul, com a formação dos Estados Confederados, ações que não ocorreram no período colonial, mas que se iniciou no período pré-independência da nação. Apesar de Nat Turner (1831) apoiar a insurreição da escravidão em Virginia e priorizar a demanda de militantes abolicionistas, seguindo os ideais das colônias do Norte; o Sul permanecia em defesa pelo trabalho escravo; com a afirmação que isso representava a segurança e supremacia dos brancos aristocratas.

O escritor Willian Grayson (1740-1790) produziu um poema heroico enfatizando o momento de escravidão no Sul; mesma ideia expressa por George Fitzhugh (1806-1881) em *Cannibals All! Or Slaves Without Masters*. O poema de Grayson figura a escravidão na Inglaterra e nas colônias do Norte, e contrasta, de forma romantizada, o trabalho de pessoas escravizadas nas colônias do Sul. O autor enfatiza a opinião de muitos representantes do Sul que alegavam que a escravidão nas lavouras de seus territórios era mais humanitária que o trabalho assalariado realizado pelos trabalhadores no Norte e conclui que a prática no Sul retoma o trabalho de servidão empregado no Norte logo no início da colonização.

Já o importante trabalho que Harriet Beecher Stowe publicou, em 1852, o livro *Uncle Tom's Cabin*, é um romance em reação à aprovação da Lei dos Escravos Fugitivo. O texto literário de Stowe figura, mesmo em sentimentalismo e estereótipos, a força inegável da crueldade imposta pelo trabalho escravo e o conflito entre as sociedades livres e escravocratas: “a nova geração de eleitores no Norte foi profundamente impactada pela obra” (VANSPACKEREN, 1994, p. 158).

Mesmo com um período de conflito, o Sul, cada vez mais, passa a ter contato com intelectuais do Norte. Porém, com a deriva da separação nacional dos Estados Sulistas, o movimento literário também estava presente para figurar o pensamento presente no Sul, uma estratégia para justificar o modo de vida defendido pelos donos das grandes plantações. Assim, mesmo com a Guerra Civil e a literatura do Norte se associando como parte da Literatura Renascentista Americana, alguns autores escrevem em defesa do grupo sulista. Esse momento, acometido por dificuldades, resultou na necessidade de diferentes medidas para contornar as circunstâncias, como por exemplo: os Estados do Norte criaram centros de imprensas e estabeleceram um monopólio literário. Assim, os autores sulistas enfrentaram dificuldades para publicar seus trabalhos, ou, se uma vez publicado, não encontravam suas produções no mercado.

Reconhecendo as diferenças em seus próprios meios e forçados a publicar nas imprensas localizadas no Norte, os autores sulistas separaram-se em distintos meios artísticos. Um dos centros literários sulistas de grande relevância foi o *Charleston*, na Carolina do Sul. Os membros discutiam questões literárias, elaboravam ensaios críticos para romances e poemas. Hugh Swinton Legaré foi, certamente, um renomado líder na fase inicial da escola e contribuinte da *Southern Review* (1828) e da *Russell's Magazine* (1857).

As narrativas sulistas apresentam-se como uma forma distinta de concepção da arte literária. Assim, os autores contribuíram com produções textuais que atendiam o mercado editorial dos Estados Unidos da década de 1820, pois apresentavam a sociedade de forma caricatural e humorística.

William Gilmore Simms (1806-1870), romancista, escritor crítico, jornalista e editor; foi um dos escritores do Sul do Pós-Guerra Civil. Suas narrativas, poesias humorísticas e histórias curtas rebatem a ideia que muitos críticos afirmavam que a forma de vida norte-americana não poderia ser objeto para as produções literárias. Talvez seus trabalhos mais conhecidos sejam os

romances *The Yemassee* (1835), a história de um indiano no estado de South Carolina; e *The Forayers* (1855), uma série de romances sobre a Revolução Americana.

Assim como na ficção sulista, a poesia produzida depois de 1860, com poucas exceções, não obtiveram mérito, embora necessitassem de atenção. Por exemplo, Edward Coote Pinkney retoma para a literatura norte-americana a tradição dos poetas metafísicos do século XVII na Inglaterra. Henry Timrod e Paul Hamilton Hayne foram dois poetas sulistas importantes que iniciaram sua jornada no campo literário no início da Guerra Civil. Os dois poetas apontam sua visão sobre o conflito e, assim, o tom trágico é reforçado pela métrica presente em seus trabalhos.

O escritor Edgar Allan Poe (1809-1849), apesar de possuir uma escrita voltada para o sobrenatural, recurso que pode ser compreendido como uma *estratégia de contenção*, também apresenta em suas produções o questionamento social sobre questões de seu momento de produção. Poe reúne elementos de realismo, paródia e burlesco. Assim, torna-se reconhecido por aperfeiçoar o gênero do conto e da ficção policial. Suas produções pertencentes aos gêneros de ficção científica, horror e fantasia são populares na atualidade. O autor acreditava que o elemento estranho era um recurso essencial para seus textos.

Em várias obras o ambiente crepuscular, a vida, a morte e os cenários góticos não devem ser analisados como decorações, mas o reflexo do interior da psique perturbada de seus personagens ficcionais. Desse modo, são expressões simbólicas do subconsciente, ponto de investigação em suas produções textuais.

A poesia do autor, como de outros sulistas, possui um lado musical e segue métrica pré-estabelecida e demonstra ser seguida fielmente nas produções. A combinação entre decadência e primitivismo romântico oferecem a precisão necessária para Poe descrever o outro lado do sonho do homem norte-americano, que começou a ser cobrado pelo materialismo e pelo excesso de competição - a solidão e alienação, sociedade caminhando para a fragmentação do sujeito.

No século XIX, os textos de Poe refletem a desvalorização dos símbolos, pois havia uma tendência de mesclar objetos de arte de diferentes localidades. Assim, resultando no caos de estilos, pois a literatura nacional carecia de estilos próprios tradicionais. Essa mistura reflete no momento histórico em que o país recebeu um grande número de imigrantes, passava por urbanização e industrialização - fatos importantes para o desenvolvimento da nação, mas

cortaram as raízes tradicionais. Para a arte, esse momento de confusão dos símbolos alimentou o elemento grotesco na literatura norte-americana.

Escritores dos estados de Georgia, Alabama, Mississippi, Tennessee, Louisiana e Arkansas foram os responsáveis pela elaboração de textos carregados com um humor peculiar. Para os críticos literários, o humor do Sul seria uma representação do período em que as fronteiras haviam sido moldadas para a inserção de um padrão dito como sociedade civilizada. E também, como uma resposta do isolamento social que, dessa forma, possibilitou, posteriormente, a escrita que abordasse elementos da cultura local ou, como teorizado pela crítica literária, *local colorists*. Conforme Vanspakeren (1994, p. 50), “o que distingue os coloristas é seu interesse consciente e exclusivo em reproduzir um lugar e a técnica escrupulosamente factual e realista”. E, “aparentemente realista, foi um dos primeiros a introduzir personagens menos nobres – jogadores astutos, prostitutas espalhafatasas e ladrões rudes – em obras literárias sérias” (VANSPACKEREN, 1994, p. 50).

Os textos humorísticos produzidos por diferentes autores estavam presentes em jornais, livros ilustrados com caricaturas, contos e registros sobre situações inusitadas em relação a fatos ocorridos nas fronteiras e no cotidiano nas áreas rurais do sul. Young, Watkins e Beatty dizem que: “times were flush in the South in many ways, and in any village there could be found manners to serve as worthy subjects for humorous social satire¹⁹” (YOUNG; WATKINS; BEATTY, 1968, p. 98).

Nesse sentido, a literatura do *Old Southwest* empregava a comédia para ironizar as boas maneiras e os bons-costumes, apesar da vida descrita ser discrepante das sociedades à qual se originaram as regras das boas maneiras. Assim, as recreações no Sul eram repugnantes aos olhos da sociedade europeia, mas seu conteúdo despertava interesse de muitos leitores da Grã-Bretanha e demais localidades. Desse modo, sobre a borda das convenções dos padrões da alta etiqueta, os escritores derramaram o local e, assim, suas produções contemplavam flores regionais, flora e fauna local, as caçadas de gambá, de guaxinim - fauna particular do novo país, gargalhadas nas reuniões envoltas na fogueira, lendas e os acampamentos de diferentes grupos de militantes e marginalizados. E para finalizar, sempre havia uma loja com produtos regionais que emergiam com a nova nação. Assim, a suspensão voluntária da moralidade resultou na escrita de textos

¹⁹ [Trad. nossa: "As épocas no Sul passaram de muitas maneiras, e em qualquer vilarejo podiam encontrar maneiras e assuntos dignos para o humor e sátira social"].

com humor e prazer em retratar o local que para Young, Watkins e Beatty (1968, p. 99): “the leading figures of Old Southwest humor were picaresque heroes, close relatives to the swindlers, adventures, and rogues described in Elizabethan prose. It is an essential requirement of humor that the victim be either laughed at or forgotten²⁰”.

Portanto, constituindo seus personagens com exageros e características de pessoas comuns, o humor do *Old Southwest* não se espelhou em personagens de terras estrangeiras. Pela primeira vez houve o emprego de uma essência verdadeiramente norte-americana, mostrando a ação de homens e não o culto a lendários heróis ou com conteúdo sobre boas maneiras. Com a passagem da marca de meio século e com as inibições dos americanos vitorianos, as produções humorísticas foram sendo substituídas pelo realismo, porém a Guerra Civil acentuou a produção de textos com sátiras políticas.

Desse modo, o humor do *Old Shoutwest* atraiu o olhar de outros países, mas não eram do agrado de alguns leitores sulistas que preferiam os romances populares ingleses. Assim, os escritores adaptaram a literatura baseando-se em sua realidade local e não subscreveram o romantismo bucólico e melodramático como outras literaturas realizaram no início do século XIX. Segundo Young, Watkins e Beatty (1968, p. 99):

They were some of America’s first realists, the first writes to describe Southern life with the veneer of civilization stripped off and with all pretenses to respectability neglected. Their stories are primarily narratives of situation, based on the comic crudities of the most ludicrous and desperate incidents of the society around them. They were no more solicitous for prudery than any folk, and if they were not always retelling folk fabliaux, they retained the masculine and folkish qualities. They professed no desire to appeal to the tastes of those who were readers of Lamb or Tennyson, or of Holmes and his New England contemporaries²¹.

²⁰ [Trad. nossa: "as principais figuras do humor do Velho Sudoeste eram heróis picarescos, parentes próximos dos trapaceiros, aventuras e bandidos descritos na prosa da Era Elizabethana. É um requisito essencial de humor que a vítima seja rejeitada ou esquecida"].

²¹ [Trad. nossa: "Eles foram alguns dos primeiros escritores realistas da América, o primeiro escreve para descrever a vida do sul com o folheado da civilização despojado e com todos os pretensos de respeitabilidade negligenciados. Suas histórias são principalmente narrativas de situação, com base nas crueldades cômicas dos incidentes mais ridículos e desesperados da sociedade à sua volta. Eles não eram mais solícitos para a prudência do que qualquer outra pessoa, e se eles nem sempre estivessem voltando para o popular folclórico, eles mantiveram o masculino e as qualidades folclóricas. Eles não professaram nenhum desejo de apelar aos gostos daqueles que eram leitores de Lamb ou Tennyson, ou de Holmes e seus contemporâneos da Nova Inglaterra"].

Twain, ao lado de grandes trabalhos de Edgar Wilson Nye (1850-1896) e Charles Farrar Browne (1834-1867), ganhou reconhecimento no meio literário do século XIX. Conforme Young, Watkins e Beatty, nas últimas publicações Twain escreve em tom semelhante utilizado pelos autores do Oeste e do Norte do que pelos autores sulistas. Porém, o modelo literário do Sul pode ser identificado nos textos do autor, pois temos o emprego dos conhecimentos da região. Assim, justificando que: “they were among the first Southern authors to break with the Old World tradition, to look at the life around them, and to record it as they saw it²²” (YOUNG; WATKINS; BEATTY, 1968, p. 100).

Mark Twain é reconhecido pela utilização de um tom humorístico-crítico em suas obras. Observamos que a realidade social desigual e problemática, figurada metaforicamente em seus textos, ganha uma leveza com a produção de passagens engraçadas e divertidas. Como resultado dessa abordagem, assuntos até então não discutidos na época de produção do romance e na atualidade, a defesa da liberdade e a questão racial, são apresentados ao público leitor.

O humor presente no livro de Mark Twain se apresenta como uma das problemáticas na construção do texto, pois se destaca como elemento primordial da leitura e suaviza outras questões que o romance pode proporcionar para diferentes leitores. Assim, a ação de intensificar alguns elementos empregados na produção literária, que saltam aos olhos de uma leitura desatenta, possibilita o questionamento de limitações e o levantamento de interpretações negativas para determinados trechos.

Com a destituição do Sul e o final da Guerra Civil, milhares de pessoas dos estados enfrentaram problemas. Os soldados retornaram para seus lares e se depararam com uma destruição eminente do conflito entre os dois lados do país. Como resultado da guerra, país sofreu com falta de dinheiro, de crédito nas agências bancárias e com a escassez de mão-de-obra para as atividades profissionais. Além disso, uma grande porcentagem da população sulista não sobreviveu a batalha e as pessoas que foram escravizadas permaneceram deslocados (*displaced*) da sociedade no novo cenário econômico e industrial que se estabeleceu com o final da Guerra Civil. Segundo Young, Watkins e Beatty (1968, p. 427):

²² [Trad. nossa: "eles estavam entre os primeiros autores do Sul a romper com a tradição do Velho Mundo, um livro sobre a vida ao seu redor, e gravar a sua impressão sobre a mesma"].

The situation was aggravated by the action of such radical Northern leaders as Thaddeus Stevens of Pennsylvania and Charles Sumner of Massachusetts, who, primarily for political ends, insisted that laws should be passed at once to make the Negroes socially, politically, and legally equal to their former masters²³.

A Reconstituição no Sul, período que durou até que as últimas tropas norte-americanas deixassem o território sulista, em abril de 1877, ocorreu diferentemente dos outros estados, pois os mesmos foram sendo readmitidos nos Estados Unidos com o passar do término do conflito. Após a guerra, o Sul foi, aos poucos, reconstruindo suas propriedades e alterou sua economia, que não emprega mais o trabalho de pessoas escravizadas. Durante a Guerra Civil, Lincoln incentivou a decisão da derrota, mas o presidente almejou restaurar os direitos dos cidadãos conforme as circunstâncias das áreas derrotadas. O Presidente Johnson, se opondo aos ideais antiescravocratas defendidos pelo presidente Lincoln, se posicionou contra os membros de grupos radicais e suas propostas humanizadoras: “with national politics in the hands of vindictive and too-often unscrupulous men, Reconstruction measures were such as to rub salt into the still sensitive wound made by the Civil War²⁴” (YOUNG; WATKINS; BEATTY, 1968, p.427).

Nesse período, o Sul ainda estava dividido em dois grupos. Por um lado, Bureau estabeleceu um ato no Congresso em 1865 que autorizou a distribuição de auxílio para aliviar o sofrimento das pessoas que foram escravizadas e suas famílias, conforme apontado por Young, Watkins e Beatty (1968, p. 427):

The Bureau's activities, however, went far beyond this original intention. Particularly objectionable, from the point of view of many white Southerners, was the attempt to provide homes for the Negroes by seizing the land that had been confiscated from Southern landowners and giving it, in plots of forty acres or less, to the freedmen. By persuading the Negroes to vote for the radical Republican candidates, members of this organization were able to control election in many of the Southern states²⁵.

²³ [Trad. nossa: "A situação foi agravada pela ação de líderes setentrionais tão radicais como Thaddeus Stevens da Pensilvânia e Charles Sumner de Massachusetts, que, principalmente para fins políticos, insistiram em que as leis deveriam ser aprovadas imediatamente para reconhecer os negros socialmente, politicamente e juridicamente iguais a seus antigos superiores"].

²⁴ [Trad. nossa: "com a política nacional nas mãos de homens vingativos e, muitas vezes, sem escrúpulos, as medidas de reconstrução eram como esfregar sal na ferida ainda sensível feita pela Guerra Civil"].

²⁵ [Trad. nossa: "As atividades de Bureau, no entanto, foram muito além dessa intenção original. Particularmente censurável, do ponto de vista de muitos sulistas brancos, foi a tentativa de fornecer casas para os negros, aproveitando a terra que havia sido confiscada dos terratenientes do Sul e dando, em parcelas de quarenta acres ou

Entretanto, o Sul sofreu com a corrupção do grupo organizado *Ku Klux Klan*, em que um de seus líderes, o General Nathan Bradford Forrest, lutou radicalmente contra a política da *Reconstruction*²⁶ e buscou reestabelecer a supremacia dos defensores da escravidão. Segundo Young, Watkins e Beatty (1968, p. 427): “these confused and troubled years in the South inspired the development of that unusual political unit, the ‘Solid South’²⁷”.

No início de 1874, os radicais foram derrotados pela *Supreme Court*²⁸, seguida do retorno das eleições, revertendo opiniões emitidas nos últimos anos e abolindo as bases legais da *Reconstruction*, e, dessa forma, temos a configuração do *New South*²⁹. Conforme Young, Watkins e Beatty (1968, p. 428): “they consequently spent millions of dollars sending ‘missionaries’ to the South, buying books, and establishing schools and colleges in the ‘most backward section of our great country’³⁰”.

Desse modo, entre 1870 e 1900, temos o surgimento de dois grupos ideológicos que entraram em conflito para defender seus pontos de vista. Essa oposição exerceu influência nos discursos políticos, no jornalismo e na literatura do século XIX. Assim, temos o expoente do *conservatism*³¹ e *agrarianism*³² em oposição a uma parcela que se mostrava favorável ao progresso e industrialização do sul. Para esse último grupo, suas principais ideias podem ser resumidas pelo trabalho em formar uma nação solidária, apagar o passado trágico do Sul – eles defendiam que o *plantation system* não era adequado para a prosperidade e que o Sul poderia se beneficiar com a industrialização na região.

De acordo com esse grupo, a região do Sul não se desenvolvia por defender a Confederação, a segregação racial e pela intolerância religiosa. Assim, a solução proposta era através da educação, industrialização e ciência. Conforme Young, Watkins e Beatty (1968, p. 428): “if the people would only realize that the issues of slavery secession were dead, their

menos, aos libertos. Ao persuadir os negros a votar nos candidatos republicanos radicais, os membros desta organização conseguiram controlar as eleições em muitos estados do Sul”].

²⁶ Reconstituição.

²⁷ [Trad. nossa: “esses anos confusos e perturbados no Sul inspiraram o desenvolvimento dessa unidade política incomum, o “Sul Sólido”].

²⁸ Suprema Corte.

²⁹ Novo Sul.

³⁰ [Trad. nossa: “eles, conseqüentemente, gastaram milhões de dólares enviando “missionários” para o Sul, comprando livros e estabelecendo escolas e faculdades na “seção mais atrasada do nosso excelente país”].

³¹ Conservadorismo.

³² Agrarianismo.

argument ran, and if the section could be aroused from its lethargy and become ambitious and progressive, then all would be well³³”.

Alguns escritores sulistas no Pós-Guerra abordaram os problemas enfrentados pelos negros na sociedade após a abolição da escravatura. Como exemplo, temos a produção *The Silent South* (1885) de George Washington Cable, que declara que as pessoas escravizadas estavam livres somente pelo nome. Segundo Young, Watkins e Beatty (1968, p. 428), “in his native state of Louisiana and in the other Southern states where he lectured and traveled, he found the same intolerant and inhumane practices of the era before the Civil War still in existence³⁴”.

Dessa forma, a Literatura produzida por esse determinado grupo e no momento de produção, expressou a essência de uma nova era. Portanto, além de reverter a tradição literária, os textos literários desse momento, imediatamente, se diferenciaram das demais produções da literatura norte-americana.

Entre 1870 e o início do século XX, os escritores sulistas foram responsáveis por produzir narrativas e romances que eram publicados e circulavam no mercado editorial do Norte. Esta situação afetou, naturalmente, a tendência literária das primeiras décadas do século XX – apesar de os leitores do Norte não se interessarem pelo discurso excêntrico sulista e buscarem uma literatura não partidária como apresentada por esses escritores.

O autor Bret Harte (1836-1902) passou a ser reconhecido como o primeiro *local colorists*, no entanto podemos identificar evidências em *Diary*, de Sarah Kemble Knight (1666-1727) ou em *Byrd's*. Os autores desse momento começaram a explorar as riquezas das tradições de suas regiões. Apesar de alguns escritores se considerarem apenas como meros representantes da vida, o violento flagrante do real aparenta em suas produções. Segundo Young, Watkins e Beatty (1968, p. 434):

Thomas Nelson Page's portraits were idealized, and George Washington Cable concentrated on the bizarre and exotic. Yet it seems unfair to accuse them of insincerity or untruthfulness. They were, after all, neither historians nor reports, but artists fashioning their fiction from selected aspects of a society that was rapidly vanishing. Though concerned, perhaps, with surface characteristics, their work is noteworthy for its

³³ [Trad. nossa: "se as pessoas só percebessem que as questões da secessão da escravidão estavam mortas, seu argumento correu, e se a seção pudesse ser despertada de sua letargia e tornar-se ambiciosa e progressiva, então tudo seria bom"].

³⁴ [Trad. nossa: "em seu estado nativo da Louisiana e nos outros estados do Sul onde ele lecionou e viajou, ele encontrou as mesmas práticas intolerantes e desumanas da época antes da Guerra Civil ainda existente"].

accurate use of dialect, authentic presentation of character types, and careful descriptions of a particular way of life³⁵.

Os escritores Irwin Russell (1853-1879), Joel Chandler Harris (1848-1908) e Thomas Nelson Page (1853-1922) são reconhecidos por retratar personagens negros sulistas. Entretanto, foi Russell, entre eles, que possibilitou empreender personagens negros do Sul do Mississippi, mesmo que figurados de forma picaresca em seus textos. De acordo com Young, Watkins e Beatty (apud SMITH, p. 434):

Russell's poem differs from others of its type poem (*Chirstmas Night in the Quarters*) being written not to exploit him but to portray him; the dialect, both in its grammar and in its rhetoric, is an improvement on anything that had preceded it; and the mingling of humor and religion, though admirably true life, had been hitherto unachieved³⁶.

Portanto, os sulistas *local-colorists*³⁷ atraíram os leitores do Norte e do Sul. Em torno do início do século XX, os escritores sulistas foram reconhecidos por suas *local-color* ficções³⁸, que, com seu modo peculiar de narrar, proporcionou o interesse de toda a América. Assim, sem exceções, a literatura produzida na região Sul, entre 1865 e 1918, direcionou para o sentimento transversal da Guerra Civil. Muitos dos escritores eram jornalistas e suas inspirações foram, predominantemente, as questões sociais e políticas do momento de produção em que estavam inseridos.

³⁵ [Trad. nossa: "Os retratos de Thomas Nelson Page foram idealizados, e George Washington Cable concentrou-se no bizarro e exótico. No entanto, parece injusto acusá-los de insinceridade ou falsidade. Eles foram, afinal, nem historiadores nem relatórios, mas artistas formando sua ficção de aspectos selecionados de uma sociedade que desapareceu rapidamente. Embora preocupado, talvez, com as características da superfície, seu trabalho é digno de nota por seu uso preciso do dialeto, apresentação autêntica de tipos de personagens e descrições cuidadas de um modo de vida particular"].

³⁶ [Trad. nossa: "O poema de Russell difere dos outros de seu poema como 'Chirstmas Night in the Quarters', sendo escrito não para explorar, mas para retratar; o dialeto, tanto em sua gramática como em sua retórica, é uma melhoria em qualquer coisa que a precedeu; e o mistério do humor e da religião, embora admiravelmente a vida verdadeira, até então não havia sido alcançado"].

³⁷ Regionais.

³⁸ Ficções regionais.

1.3 Quem é afinal o novo homem Americano? O fermento histórico na análise literária

A maioria dos colonos na Nova Inglaterra, do século XVII, vieram da Inglaterra. A aventura na América do Norte foi estimulada pela intenção de possuir terras, para assim viver com suas famílias, plantar e criar animais. Entretanto, alguns homens e mulheres, mesmo que não tivessem interesse em tentar uma nova vida em um ambiente desconhecido, eram, frequentemente, persuadidos por inteligentes patrocinadores a virem para as colônias inglesas no Novo Mundo, como apontado no material *Perfil da História dos EUA*³⁹ (1994):

William Penn, por exemplo, divulgou amplamente as oportunidades oferecidas aos recém-chegados à colônia da Pensilvânia. Juizes e autoridades carcerárias ofereciam aos condenados a possibilidade de migrar para colônias como a Geórgia ao invés de cumprirem suas penas em reclusão. [...] Em alguns casos, os comandantes dos navios recebiam gordas recompensas pela venda de contratos de serviço para migrantes pobres, denominados servos contratados; todos os métodos eram empregados, desde promessas mirabolantes até sequestro, para que os barcos trouxessem o máximo de passageiros (CINCOTTA, 1994, p. 24).

Porém, um grande precursor da movimentação para o desconhecido teve marco inicial ainda na Inglaterra, Velho Mundo do século XVII. Na Era Stuart, principalmente, se apresenta como uma nação em grandes transformações. A população que totalizava 2,2 milhões de ingleses em 1525 passaria para 4,1 milhões em 1601. A Revolução Agrícola na Era Tudor gerou um momento de prosperidade. Porém, o avanço do capitalismo sobre o campo e o desenvolvimento da Revolução Industrial traz o fim da vida no meio rural. Assim, temos o apontamento do crescimento do êxodo rural, o aumento das cidades e o número da pobreza aumenta consideravelmente – é dessa parcela social que saíram grande parte dos colonos que emigraram para a América em busca de melhores condições. O material *Perfil da História dos EUA* (1994), aponta que:

³⁹ Material produzido pela Agência de Divulgação dos EUA (USIA). A primeira edição data de 1949-50 e foi produzida sob orientação de Francis Whitney, Escritório de Informação Internacional do Departamento de Estado e Agência de Divulgação dos EUA. Os professores consultados na primeira edição foram Richard Hofstadter, professor de História na Columbia University, e Wood Gray, professor de História Americana na George Washington University. Sendo que D. Steven Endsley, de Berkeley, Califórnia, contribuiu com materiais adicionais. O texto foi atualizado e revisado por Keith W. Olsen, da Universidade de Maryland, Nathan Glick, da revista *Diálogo da USIA*, e Alan Winkler, da Universidade Miami (Ohio).

Após 1680 a Inglaterra deixou de ser a principal fonte da imigração. Milhares de refugiados fugiram da Europa continental para escapar da guerra. Muitos deixaram seu país natal por causa da pobreza causada por governos opressores e de um sistema de grandes latifúndios com proprietários ausentes (CINCOTTA, 1994, p. 30).

A situação da Inglaterra no século XVII explica o projeto colonial, mesmo que inexistente, para a América. O projeto colonial não possuía um referencial uniforme que guiasse, objetivamente como Portugal e Espanha, o processo de colonização das terras. A crescente perseguição religiosa foi um fator que estimulou grupos de minorias, como os *quakers*⁴⁰, buscarem refúgio na América. Os puritanos, grupos protestantes colonizadores das Colônias do Norte, além de terem considerado essa oportunidade como uma chance para o comércio ou negócios, viam a possibilidade de desenvolver uma nova sociedade através da rígida concepção religiosa, ideologia que ganha força e vários adeptos depois da reforma protestante. Então, os puritanos buscavam liberdade religiosa e política em seu novo país, uma Nova Inglaterra. Essas e outras propagandas atraíram diversos ingleses para tentar a prosperidade em outras terras.

O Estado e a Igreja oficial da época não acompanharam a jornada dos colonos ingleses. A Nova Inglaterra proporcionou a construção de uma nova memória e a construção de novos referentes culturais.

A população das colônias aumentou rapidamente e temos uma miscigenação no Mundo Novo, pois as terras foram desbravadas pelos colonos. Segundo o material *Perfil da História dos EUA* (1994)⁴¹, “em 1660, a população dos Estados Unidos já chegara a 250 mil pessoas. A partir daí, foi duplicando a cada 25 anos até que em 1775, a população passava de 2,5 milhões” (CINCOTTA, 1994, p. 30). A Nova Inglaterra, no Nordeste da costa Atlântica da América do Norte, apresentava um clima temperado. Com um clima semelhante ao da Europa, essa área não poderia oferecer produtos desejados pela Inglaterra. A economia foi construída pela policultura, com destaque para o consumo interno com produtos como o milho. Assim, a agricultura e o trabalho familiar foram dominantes por um longo período nas Colônias do Norte. O *Perfil da História dos EUA* (1994) aponta que:

⁴⁰ O termo Sociedade Religiosa dos Amigos, ou simplesmente Sociedade dos Amigos, foi utilizado para nomear vários grupos religiosos com origem comum no movimento protestante britânico do século XVII.

⁴¹ Publicado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos da América e distribuído pela Embaixada dos Estados Unidos da América pelo Escritório de Programas de Inglês.

[...] costuma ter solo fino e pedregoso, relativamente poucas áreas planas e invernos longos, o que dificulta a sobrevivência baseada na agricultura. Voltando-se para outras atividades, os habitantes da Nova Inglaterra controlaram o poder da água e montaram moinhos de grãos e serrarias. A madeira de boa qualidade serviu de estímulo para a construção de barcos. A excelência de portos favoreceu o comércio e o mar tornou-se fonte de grande riqueza (CINCOTTA, 1994, p. 31).

Além disso, temos o surgimento de produção de navios nessa região devido à abundância de matéria-prima na mesma: “o carvalho para o casco dos navios, os pinheiros altos para os mastros e o betume para as juntas provinham das florestas da região” (CINCOTTA, 1994, p. 31).

Outras atividades desenvolvidas pelas colônias do Norte foram o tráfico e venda de escravos para as colônias do Sul e a pesca e venda de peles para fabricação de roupas na metrópole:

[...] os transportadores da Nova Inglaterra logo descobriram que o rum e os escravos também davam lucro. Na época, uma das práticas comerciais mais prósperas – ainda que indecoroso – era o chamado “comércio triangular”. Comerciantes e transportadores compravam escravos no litoral da África com troca do rum da Nova Inglaterra; depois vendiam os escravos nas Índias Ocidentais, de onde traziam o melaço para os produtores locais de rum (CINCOTTA, 1994, p. 31).

Contrastando com as colônias da região Central e Norte, as colônias do Sul da América do Norte, com solo e clima propícios para os interesses europeus, desenvolveram uma economia predominantemente rural: “os donos das plantações litorâneas, sustentados pelo trabalho escravo, concentravam a maior parte do poder político e as melhores terras. Construíram grandes residências, adotavam um estilo de vida aristocrático e procuravam manter laços com a cultura no exterior” (CINCOTTA, 1994, p. 33).

Produtos como tabaco, arroz e índigo foram os responsáveis pela economia sulista e com o aumento da área de cultivo, o fumo tornou-se um produto fundamental no Sul. Com isso, a falta de trabalho para atender o crescimento da área de cultivo acarretou ao trabalho de pessoas escravizadas. Além disso, os colonos combinaram a agricultura e comércio, assim, o mercado configurou a principal fonte de prosperidade. Tal qual nas colônias do Norte, as densas florestas do Sul também ofereciam a madeira, o alcatrão e a resina proveniente do pinheiro de folhas longas – materiais que eram considerados dentre os melhores produtos naturais para a construção de navios.

Com o desenvolvimento das Colônias e o aumento da produção, principalmente com o crescimento das plantações de algodão nos estados sulistas, recorreram à mão de obra escrava para desenvolver as atividades. Assim como no Brasil Colônia, nos Estados Unidos Colônias⁴² foram trazidos cidadãos da África para trabalhar como escravos, principalmente nas colônias do Sul, que se transformaram em uma *sociedade escravista* e com enorme *desigualdade*:

“Os primeiros negros foram trazidos para a Virgínia em 1619, apenas 12 anos após a fundação de Jamestown. Inicialmente, muitos eram considerados como servos contratados, que poderiam trabalhar e pagar pela sua liberdade. Mas, já na década de 1660, com o crescimento na demanda por mão-de-obra nas plantações das colônias do Sul, a instituição da escravidão começou a se consolidar e os africanos passaram a ser trazidos para a América algemados, condenados a uma vida inteira de servidão involuntária” (CINCOTTA, 1994, p. 25).

Concluimos que nas colônias da região Norte e Central, desenvolvidas em pequenas propriedades, se predominava o trabalho livre, de atividades manufatureiras e com um mercado interno relativamente desenvolvido com a prática do mercado triangular. As colônias do Sul, com o predomínio do latifúndio, se dedicavam, quase que inteiramente, às atividades de exportação, ao trabalho servil de trabalhadores ingleses que trabalhavam para pagar sua passagem e terras nas colônias inglesas na América do Norte, e trabalho escravo e pouco desenvolvido quanto a questão das atividades de manufaturas.

A Guerra de Independência dos Estados Unidos, também nomeada de Revolução Americana, iniciada em 1775 e encerrada em 1783, foi o momento em que as treze colônias da Grã-Bretanha na América do Norte conseguiram conquistar sua independência. Assim, deu-se o início da formação de uma nova nação, os Estados Unidos da América.

Nesse importante marco para a História do país, os habitantes das colônias norte-americanas, em um grande número, não almejavam a independência. Os colonos simplesmente buscavam que o governo britânico considerasse suas queixas sobre território e acerca de políticas gerais. Porém, com as movimentações da guerra, muitos se tornaram favoráveis aos pontos positivos que a libertação poderia vir proporcionar para as colônias.

⁴² Segundo o historiador Boulos Jr. (2009) devemos considerar Estados Unidos Colônias, pois havia treze colônias na América do Norte. Caso diferente no Brasil colônia onde havia somente uma unidade.

Desse modo, em agosto de 1775, o rei George III (1738-1820) declarou que os colonos eram um grupo de rebeldes. Assim, tropas estrangeiras foram contratadas para combater esses militantes. A costa de Maine foi atacada pelos britânicos e grandes danos foram causados à Virgínia. Já em 1776, Thomas Paine (1737-1809) foi responsável pela publicação do panfleto intitulado *Common Sense* (1776), material que tentou explicar os fatos para os moradores das colônias e, assim, a proposta de independência foi conquistando um maior apoio dos colonos.

Richard Henry Lee (1732-1794), da Virginia, encaminhou, no dia 08 de junho, um pedido para o Congresso Continental. Esse documento falava sobre a necessidade de estudar a possibilidade de declarar a independência em relação à Grã-Bretanha. Assim, o Congresso organizou um comitê, integrado por cinco pessoas, para redigir a declaração formal de independência. Dentre esse grupo, Thomas Jefferson (1743-1826) foi o primeiro a rascunhar o texto escrito e algumas modificações foram realizadas pelos outros membros: John Adams (1735-1826), Benjamin Franklin (1706-1790), Roger Sherman (1721-1793) e Robert R. Livingston (1746-1813).

Em 1776, no dia 02 de julho, o Congresso aderiu os ideais da independência das colônias. Depois de discutido o teor do documento, no dia 04 de julho, a Declaração de Independência foi aceita por todos os representados dos doze estados. A decisão foi, primeiramente, publicada em jornais e lida em voz alta para multidões reunidas nas cidades das diferentes colônias. Porém, o documento oficial, redigido em pergaminho, foi assinado pelos membros do Congresso somente no dia 02 de agosto. Em seu teor temos queixas destinadas contra o rei inglês e, em seguida, a tão esperada declaração de independência – com a proclamação que as treze colônias eram, a partir desse momento, “estados livres e independentes”.

Para muitos, e de plausível entendimento, a Declaração de Independência pode ser considerada como documento fundador dos Estados Unidos da América, pois foi o último passo de um longo processo que conduziu as colônias à separação definitiva em relação a Grã-Bretanha. O material *Perfil da História dos EUA* (1994) aponta que:

A Declaração de Independência foi fruto do trabalho sobretudo de Jefferson. Ao ser aprovada no dia 4 de julho de 1776, não apenas anunciou o nascimento de uma nova nação, como também lançou uma filosofia de liberdade humana que se tornaria uma força dinâmica em todo o mundo. A Declaração baseou-se em grande medida na filosofia política do iluminismo francês e inglês, mas há uma influência que se destaca das demais: “O Segundo Tratado sobre Governo”, de John Locke.

Este tomou os conceitos sobre os direitos tradicionais dos ingleses e os universalizou, transformando-os em direitos naturais de toda a humanidade. A conhecidíssima frase de abertura da Declaração ecoa o conceito social sobre o qual Locke construiu sua teoria de governo (CINCOTTA, 1994, p. 73).

E ainda:

Acreditamos serem evidentes as verdades de que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que dentre estes estão o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade. Que os Governos são instituídos pelos homens para garantir esses direitos e que derivam sua autoridade do consentimento dos governados; que quando qualquer forma de governo torna-se contrária a esses propósitos, o povo tem o direito de alterá-lo ou até mesmo de aboli-lo, e instituir um novo governo fundamentado nesses princípios, e estruturar seus poderes da forma que julgar melhor assegurará sua segurança e felicidade (CINCOTTA, 1994, p. 73-74).

Portanto, as peculiaridades entre as colônias foram fundamentais no momento da Independência e para a Guerra Civil Norte-Americana. Apesar de alguns estudiosos considerarem que a história da Revolução Americana tenha iniciado bem antes de 1775, o processo explícito de separação só ocorre em 1763, isto é, mais de um século e meio da fundação do primeiro assentamento, com o grupo de Jamestown e de Virgínia. Não devemos deixar de destacar que as colônias haviam crescido enormemente em questões econômicas e culturais, e que, principalmente, todas já contavam com experiências com a prática de autogoverno. Considerando que em 1760 a população de todas as colônias era superior a 1,5 milhões de habitantes, sendo seis vezes a população de 1700 (CINCOTTA, 1994).

Após a conquista da nação independente, os Estados Unidos da América precisavam definir o modelo de governo – que seria o republicano. Os norte-americanos almejavam encontrar uma unidade para as inúmeras regiões. A guerra contra a metrópole possibilitou a união das treze colônias, mas os interesses locais ainda predominavam e poucos estavam dispostos a renunciar às suas ambições para o desenvolvimento de suas regiões.

Em 1776, precisamente no dia 10 de maio, o Congresso havia aprovado uma resolução recomendando que as colônias, até então recém independentes, formassem novos governos “que melhor conduzissem à felicidade e à segurança de seus constituintes” (CINCOTTA, 1994). Sendo que algumas colônias já haviam feito seu próprio texto constitucional e apenas três

estados não tinham elaborado sua constituição após a Declaração de Independência. Segundo *Perfil da História dos Estados Unidos*:

As novas constituições refletiam o impacto das ideias democráticas. Nenhuma delas rompeu radicalmente com o passado, já que todas estavam solidamente fundamentadas na experiência colonial e nas práticas britânicas. Mas cada uma incorporava o espírito do republicanismo, ideal que há muito vinha sendo louvado por filósofos do Iluminismo (CINCOTTA, 1994, p. 82).

Entretanto, muitas dificuldades econômicas afligiam os estados no pós-guerra. O final do conflito estabeleceu um impacto para os comerciantes que forneciam armas para ambos os lados e que perderam a participação no sistema mercantil britânico.

Nesse período, os agricultores foram, provavelmente, os que mais padeceram com as dificuldades econômicas após a Revolução. O comércio de produtos agrícolas excedia a demanda, e o descontentamento com a situação envolvia sobretudo os agricultores devedores, que necessitavam de medidas mais fortes para impedir a execução da hipoteca de suas propriedades e a prisão por dívida. George Washington (1732-1799), ao descrever esse momento, disse que os estados recém-criados estavam unidos apenas por uma “corda de areia” (CINCOTTA, 1994).

Em maio de 1787 temos a reunião da Convenção Federal no recinto da Assembleia Estadual da Philadelphia. Cada um dos estados enviou líderes com conhecimento colonial e estadual para reconhecer que havia a necessidade suprema de conciliar os poderes distintos em cada estado, poder governamental local que já vinha sendo exercido pelos treze estados. Sendo assim:

Eles adotaram o princípio de que as funções e competências do governo nacional, pelo fato de serem novas, gerais e abrangentes, teriam de ser cuidadosamente definidas e explicitadas, enquanto que as demais atribuições permaneceram implicitamente nas mãos dos estados. Mas, cientes de que o governo central tinha de ter um poder real, os delegados também aceitaram o fato de que esse governo deveria ser autorizado a, entre outras coisas, emitir moeda, regulamentar o comércio, declarar guerra e assinar tratados de paz (CINCOTTA, 1994, p. 88).

Uma das últimas realizações do Congresso da Confederação consistiu na preparação da primeira eleição presidencial, datada em 4 de março de 1789, mesma data em que o novo

governo iniciava, a partir de então, sua existência. Um único nome prevalecia como melhor cidadão para exercer essa função. Assim, em 30 de abril de 1789, George Washington (1732-1799), foi escolhido, por unanimidade, presidente dos Estados Unidos: “Washington comprometeu-se a executar as tarefas da presidência de forma fiel e da melhor maneira possível, para preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos” (CINCOTTA, 1994, p. 95).

E devemos lembrar que:

Quando Washington tomou posse, a nova Constituição não tinha o prestígio da tradição e nem o pleno apoio da opinião pública organizada. Além disso, o novo governo tinha de criar sua própria máquina. Não havia receita de impostos. Até que fosse montado um judiciário, as leis não poderiam entrar em vigor. O Exército era pequeno. A Marinha tinha deixado de existir (CINCOTTA, 1994, p. 95).

O país continuava crescendo e a imigração da Europa aumentava continuamente. E, muitos grupos continuavam avançando para o oeste do país:

Os colonos da Nova Inglaterra e da Pensilvânia foram para o Ohio; os da Virginia e das Carolinas foram para o Kentucky e o Tennessee. Era possível adquirir uma boa fazenda por um preço baixo; havia uma grande demanda por mão-de-obra. Os ricos vales da parte do norte de New York, Pensilvânia e Virginia logo se transformaram em importantes áreas de cultivo de trigo” (CINCOTTA, 1994, p. 96).

Além disso, temos a chegada da Revolução Industrial na América do Norte. Embora muitos produtos fossem fabricados nas residências, temos a importação de alguns fundamentos importantes das indústrias têxteis – Connecticut iniciava a produção de relógios e artigos de folhas-de-flandres; New York, New Jersey e Pennsylvania já estavam produzindo papel, vidro e ferro. As navegações já haviam se expandido muito, mas em 1790 os navios norte-americanos já destinavam sua rota marítima para a China para vender peles e trazer chá, especiarias e seda.

Em 1812, os Estados Unidos se preparavam para mais uma guerra contra a Grã-Bretanha e se encontravam em conflito pelas divisões internas. A região Sul e Oeste concordavam e apoiavam a guerra, enquanto New York e outras localidades da região Norte eram contra a decisão dos demais estados. Para eles, esse conflito prejudicaria seu comércio e o país ainda se encontrava militarmente despreparado, pois “havia menos de 7.000 soldados alistados,

distribuídos em guarnições espalhadas ao longo do litoral, perto da fronteira com o Canadá e nas áreas mais remotas do interior” (CINCOTTA, 1994, p. 105).

O novo atrito entre os dois países se iniciou, justamente, com a invasão do território do Canadá, a qual, se tivesse sido planejada corretamente e realizada no momento propício, teria resultado na ação contra Montreal. Porém, todo o planejamento deu errado e se encerrou com a ocupação de Detroit pelos britânicos. O conflito se estendeu entre os anos de 1813 e 1814. Nesse período, os negociadores britânicos e americanos passaram a exigir concessões mútuas. Contudo, os enviados britânicos resolveram ceder quando souberam sobre a vitória de Macdonough no Lago Champlain, Norte de New York, e por saberem que os cofres britânicos estavam limitados, resultado dos altos custos das Guerras.

Assim, em dezembro de 1814, a Grã-Bretanha resolveu aceitar os termos do Tratado de Grand. No tratado estava previsto o fim das hostilidades entre os dois países, a restituição dos territórios conquistados durante o conflito e a criação de uma comissão para resolver disputas de fronteiras. Entretanto, por desconhecerem sobre o tratado de paz assinado, os dois lados continuavam lutando em New Orleans, no estado da Louisiana.

Desse modo, após o conflito de 1812 e o estabelecimento de uma harmonia externa, o século XIX proporciona para os Estados Unidos, um período de expansão e desenvolvimento econômico – o que estabeleceu um crescimento inimaginável para os estados. No século XIX, observando o crescimento e desenvolvimento da Nova Inglaterra, houve o aumento pelo interesse em investigar e observar a nova organização social e política. Aos olhos dos imigrantes, o jovem país era sinônimo de terras fartas e de grandes promessas de ascensão social. A economia concentrava seus investimentos em um único produto, período chamado de revolução de mercado, e que, à tecnologia da época, proporcionava uma rápida produção e assim a ágil disponibilidade das mercadorias possibilitava lucro acelerado de venda e compra. O algodão, principalmente com a invenção do descaroçador por Eli Whitney (1793), foi um produto de expressão para as plantações das regiões dos estados de Georgia e South Carolina, e o tabaco ganhou expansão na área costeira da Virgínia e Maryland.

Devemos destacar que a guerra de 1812, considerada até então como uma segunda guerra de independência, possibilitou que os Estados Unidos se estabelecessem no mesmo patamar econômico das demais nações. Ao final do conflito, desapareceram algumas dificuldades enfrentadas pela jovem república desde a revolução. A Constituição trouxe o sentimento de

união nacional, além de equilíbrio e ordem. Com baixa dívida externa, o país tinha todo o continente para ser explorado na região Oeste. As dificuldades enfrentadas na guerra convenceram os cidadãos norte-americanos, agora em paz, prosperidade e progresso social, sobre a necessidade de proteger suas indústrias e de estabelecer condições de defesa de ataques internacionais. Assim, o crescimento dos Estados Unidos, período intenso e que marcou a nação até 1819, colaborou para reforçar o ideal nacionalista que se iniciou com o processo de independência de 1776 e da guerra de 1812.

Em 1787, todo o território Noroeste, a partir da Ordenação do Noroeste, havia banido a escravidão. Destacamos que o tráfico internacional de escravos havia sido abolido em 1808, porém muitos sulistas afirmavam que a escravidão logo acabaria também em suas plantações. Entretanto, essa convicção não se concretizou e o Sul se uniu para posicionar, de forma maciça, a favor da escravidão.

O trabalho de pessoas escravizadas dominava as lavouras da região Sul, enquanto os estados do Norte enfatizavam o trabalho livre, como podemos observar em uma das passagens do material:

O principal desses fatores foi o grande desenvolvimento da indústria algodoeira no Sul, estimulada pela introdução de novos tipos do produto, bem como do descaroçador de algodão, inventado por Eli Whitney em 1793, que separava as sementes. Enquanto isso, a Revolução Industrial, que transformou a produção de têxteis numa operação em grande escala, rapidamente aumentou a demanda por algodão cru. E a abertura de novas terras no Oeste, depois de 1812, aumentou as áreas disponíveis para aquela cultura, que rapidamente extrapolou os estados litorâneos na costa Leste e se estendeu para boa parte da região mais baixa do Sul, atingindo a região do delta do Mississippi e o Texas (CINCOTTA, 1994, p.126-127).

E que:

A cana de açúcar, outro produto que requer o uso intensivo de mão-de-obra, também contribuiu para a expansão da escravidão no Sul. As terras ricas e quentes da região sudeste da Louisiana revelaram-se ideais para o cultivo rentável da cana. Em 1830, o Estado estava abastecendo quase metade da demanda nacional por açúcar. Por fim, os produtos de tabaco foram mais para o Oeste, levando consigo a escravidão (CINCOTTA, 1994, p. 127).

Com o desenvolvimento da sociedade livre na região Norte e com a expansão da sociedade escravocrata do Sul para Oeste, os estados mantiveram uma igualdade política entre os novos estados que seriam criados nos territórios da região Oeste:

Em 1818, quando Illinois foi admitido para a União, dez estados aceitavam a escravidão e onze a proibiam. Mas o equilíbrio foi restaurado quando Alabama ingressou na União como estado escravocrata. A população estava crescendo mais rapidamente no Norte, o que lhes permitia deter uma fácil maioria na Câmara dos Representantes. No Senado, contudo, mantinha-se a igualdade entre o Norte e o Sul (CINCOTTA, 1994, p. 127).

Durante as primeiras décadas do século XIX o país recebeu um fluxo constante de visitantes estrangeiros. Dentre os aventureiros, podemos destacar o francês Alexis de Tocqueville (1805-1859), escritor e teórico da política que deixou registros sobre o novo país na obra intitulada *Democracia na América* (1835). Tocqueville foi apenas um dos pensadores que questionou como a igualdade não qualificada poderia sobreviver frente a expansão industrial que iria ameaçar e criar, posteriormente, a divisão entre a indústria e o empresarial no país.

Outros viajantes estrangeiros também registraram suas impressões sobre os Estados Unidos no século XIX, como por exemplo o romancista inglês Charles Dickens (1812-1870). Em sua primeira visita, em 1841-42, o escritor disse que “esta não é a república que eu vim ver” e escreveu em uma de suas cartas que “esta não é a República de minha imaginação. [...] Quanto mais penso em sua juventude e força, mais pobre e mais frívola ela me parece em mil outros aspectos”.

A jovem nação do século XIX, no decorrer de seus marcos históricos, gerou, frequentemente, expectativas que não correspondiam à realidade. Sua própria extensão territorial e diversificação eram sinônimos de dificuldades e constituía uma contradição: “a América era, ao mesmo tempo, uma nação amante da liberdade e uma sociedade escravocrata, uma nação com fronteiras primitivas e em expansão, e com cidades marcadas pelo comércio e pela industrialização em expansão” (CINCOTTA, 1994, p. 149).

O território norte-americano constituía-se de dezesseis estados e, em 1853, novos territórios foram reconhecidos e, assim, os estados do Alaska e a ilha do Hawaii passaram a ser considerados como pertence a jovem nação. Com o aumento do reconhecimento do número de estados, houve um aumento no número de habitantes. Richard J. Gray, em seu livro intitulado *A*

history of American literature (2012), diz que: “This was partly the result of the acquisition of new territory: the vast Louisiana territory was purchased from France in 1803, the Florida and Oregon territories (or claims to them) were ceded by Spain and Great Britain⁴³” (GRAY, 2012, p. 88).

Com isso, no início de 1820, o país começou a receber um grande número de imigrantes vindos de algumas partes da Europa por meio dos transportes marítimos, desse modo: “The United States was becoming a large and self-confidently, even brazenly, expansionist nation⁴⁴” (GRAY, 2012, p. 88).

O ponto forte da economia estava passando de uma base agrícola para industrial, e, como consequência, a população estava mudando da zona rural para a zona urbana. Além disso, as mudanças no transporte foram inevitáveis com o surgimento de um novo período econômico no país:

In 1800, if Americans traveled in their country at all, they traveled by wagon or water, and, if by water, their vessels were propelled by current, sail, or oar. Seven years later, the first steamboat appeared on an American waterway. Far more important, 23 years after that, in 1830, the first locomotive was manufactured in the United States; it reached the staggering speed of twelve miles an hour and lost a race with a horse. Ten years after this, in turn, in 1840, there were roughly as many miles of railroad track as there were miles of canals: 3,328, all built in the previous 25 years. And by 1860, there were no less than 30,000 miles of track⁴⁵ (GRAY, 2012, p. 89).

Desse modo, esses avanços no transporte estimularam o crescimento das indústrias e a produção utilizando ferramentas mecânicas. A mudança na ordem econômica e industrial, promoveu, diretamente, a imigração, pois o país necessitava de trabalhadores que soubessem

⁴³ [Trad. nossa: “Isso foi em parte o resultado da aquisição de um novo território: o vasto território da Louisiana foi comprado da França em 1803, os territórios da Flórida e Oregon (ou reclamações deles) foram cedidos pela Espanha e pela Grã-Bretanha”].

⁴⁴ [Trad. nossa: “Os Estados Unidos estavam se tornando uma nação expansionista grande e autoconfiante, até descaradamente”].

⁴⁵ [Trad. nossa: Em 1800, se os americanos viajavam em seu país, viajavam de carroça ou de água e, se por água, seus navios eram propulsionados por corrente, vela ou remo. Sete anos depois, o primeiro barco a vapor apareceu em uma via navegável americana. Muito mais importante, 23 anos depois, em 1830, a primeira locomotiva foi fabricada nos Estados Unidos; alcançou a incrível velocidade de doze milhas por hora e perdeu uma corrida com um cavalo. Dez anos depois disso, por sua vez, em 1840, havia aproximadamente tantos quilômetros de trilhos quanto quilômetros de canais: 3.328, todos construídos nos 25 anos anteriores. E em 1860, não havia menos de 30.000 milhas de pista].

desenvolver as atividades utilizando novos recursos para o desenvolvimento das funções que eram demandadas pelo mercado – mas temos o impacto direto desse período para as pessoas que foram escravizadas nas grandes lavouras do Sul. Com a utilização da ferramenta de descaroçador de algodão e a expansão dos pedidos do material pela Grã-Bretanha, o trabalho escravo foi intensificado e temos o congelamento dos ideais abolicionistas nesse período. Sobre esse momento, Gray aponta que:

Slavery was a profitable enterprise, so was the breeding of slaves; and, if anything, the living standards of slaves during this period deteriorated, their working and general conditions grew harsher. Laws against teaching slaves to read and write began to be rigorously enforced; opportunities for slaves to acquire a trade or hire out their time, and so perhaps buy their freedom eventually, began to disappear. A whole series of political compromises, meant to resolve the differences between slaveholding and free states, seemed likely to cement the status quo and postpone the different possibilities Jefferson had sketched out for emancipation indefinitely. So did the insistence of the Southern states that they had right to define the social forms existing within their borders, without any federal interference⁴⁶ (2012, p. 89).

Entretanto, apesar do crescimento do movimento abolicionista e das reivindicações ao longo do país, o Sul reuniu-se para defender sua peculiar instituição. No final da década de 1850, a escravidão se estabeleceu como uma questão que exacerbou as diferenças regionais e econômicas entre o Sul e o Norte. O Sul não aceitava os enormes lucros auferidos pelos empresários da região Norte com a comercialização de algodão, que por sua vez, viviam um atraso econômico comparado a outra região. Devemos destacar também que, desde 1830, as divergências regionais vinham se cristalizando:

No Norte, o sentimento abolicionista foi ficando cada vez mais forte, instigado pelo movimento de “solo livre”, que se opunha vigorosamente à extensão da escravidão às regiões do Oeste ainda não organizadas como estados. Para os sulistas em 1850, a escravidão era algo tão banal quanto

⁴⁶ [Trad. nossa: A escravidão era um empreendimento lucrativo, assim como a criação de escravos; e, se alguma coisa, os padrões de vida dos escravos durante este período deterioraram-se, suas condições gerais e de trabalho ficaram mais duras. As leis contra o ensino de escravos para ler e escrever começaram a ser rigorosamente aplicadas; as oportunidades para os escravos adquirirem uma troca ou contratarem seu tempo, e assim talvez comprarem sua liberdade, eventualmente, começaram a desaparecer. Toda uma série de compromissos políticos, destinados a resolver as diferenças entre a posse de escravos e os estados livres, parecia capaz de cimentar o status quo e adiar as diferentes possibilidades que Jefferson esboçara indefinidamente para a emancipação. O mesmo ocorreu com a insistência dos estados do Sul de que eles tinham o direito de definir as formas sociais existentes dentro de suas fronteiras, sem qualquer interferência federal].

a língua inglesa ou suas instituições representativas. Em algumas áreas do litoral, a escravidão já completara mais de 200 anos em 1850; era uma parte integral da economia básica da região (CINCOTTA, 1994, p. 151).

Os Estados Unidos, em 1830, organizaram-se em uma sociedade antiescravista. O movimento iniciou-se no estado de New York e possibilitou a fundação do jornal *The Liberator*. A produção entrou em circulação somente no ano de 1865 e a maioria de seu público leitor era negro. Como importante militante temos William Lloyd Garrison (1805-1879), que foi um abolicionista radical e queimou a Constituição Norte-Americana em protesto e em defesa da abolição imediata.

Em suas discussões contra a opinião pública do Norte, os líderes políticos do Sul, os profissionais e o clero passaram a não se desculpar pela escravidão, mas defendiam e insistiam em afirmar que o relacionamento, entre capital e trabalho escravo, era mais humanitário que o sistema assalariado do Norte. Entretanto, a escravidão era um sistema brutal, com penalização física e a separação de grandes famílias pela venda de um de seus membros. Mas, o que se defendia no Norte era o fato que a escravidão representava uma violação fundamental do direito inalienável de todo ser humano de ser livre.

Devemos relembrar que um movimento antiescravagista anterior, no ano de 1808, organizado na Revolução Americana, já havia conseguido uma grande vitória com a abolição do tráfico de escravos da África. A partir desse momento, o grupo Quaker manteve um protesto modesto, mas ineficaz quanto a necessidade descontrolada de desenvolvimento econômico das *plantations* do Sul.

O movimento a favor da abolição surgiu no início da década de 1830 e sua principal frente era combater a escravidão ao insistir em seu fim imediato: “O movimento encontrou seu líder em William Lloyd Garrison, jovem de Massachusetts que reunia o heroísmo de um mártir ao zelo ardente de um demagogo” (CINCOTTA, 1994, p. 153). Garrison, na publicação da primeira edição de seu jornal *O Libertador*, de 1º de janeiro de 1831, apresenta o aviso:

Lutarei arduamente pela emancipação imediata de nossa população escrava [...] Sobre este tema não desejo pensar, nem falar, nem escrever com moderação [...] Estou resoluto – não tergiversarei – não desculparei – não recuarei uma polegada sequer, E EU SEREI OUVIDO (CINCOTTA, 1994, p. 153).

O tom sensacionalista do jornalista voltou o olhar nortista para os males de um país escravocrata, “ele procurou trazer às vistas do público os aspectos mais repulsivos da escravidão e taxar os donos de escravos de torturadores e traficantes de vida humana” (CINCOTTA, 1994, p.153). Garrison, recebeu auxílio de outro importante militante, Frederick Douglass, escravo fugitivo que se apresentou para as plateias do Norte como porta-voz da Sociedade Antiescravista de Massachusetts, e depois trabalhou na frente do jornal semanal abolicionista *Northern Star*.

Em um de seus momentos, o movimento antiescravista teve como meta auxiliar na fuga das pessoas escravizadas para refúgios no Norte ou, até mesmo, no Canadá: “Foi criada, na década de 1830, em todas as áreas do Norte, uma rede complexa de rotas secretas, conhecida como a ‘Ferrovia Subterrânea’” (CINCOTTA, 1994, p, 154).

E assim:

As operações mais bem sucedidas foram as desenvolvidas no antigo Território Noroeste. Estima-se que, só em Ohio, de 1830 a 1860, mais de 40.000 fugitivos foram auxiliados na rota para a liberdade. O número de sociedades antiescravagistas locais cresceu tão rapidamente que, em 1840, havia quase 2.000, com um rol de talvez 200.000 membros (CINCOTTA, 1994, p. 154).

O Sul mantinha a opinião generalizada que todos os territórios tinham o direito de legitimar a escravidão e o Norte afirmava que nenhum dos estados deveria manter ou continuar com a visão sulista. As divisões entre as opiniões se atenuaram em 1848, quando quase 300.000 cidadãos votaram nos candidatos do Partido do Solo Livre, que tinha como política “limitar, localizar e desencorajar a escravidão” (CINCOTTA, 1994, p. 157).

Ainda em 1848, a descoberta de ouro na Califórnia alavancou uma corrida de mais de 80.000 colonos e o estado passou a requerer uma série de questões cruciais. O Congresso necessitava determinar um acordo com uma série de disposições básicas, entres essas seriam: se a Califórnia seria admitida como um estado constituído em “solo livre” (proibição da escravidão), se Novo México e Utah seriam organizados sem qualquer prática de trabalho escravo, quais os meios mais eficientes para recapturar escravos fugitivos e se compra e venda de escravos seriam proibidos em alguns distritos. Dentre essas medidas estabelecidas e aprovadas pelo Congresso, nomeado como Compromisso de 1850, a Lei dos Escravos Fugitivos provocou crítica do norte, pois se recusavam a participar na captura de escravos: “Além disso, muitos do

Norte continuavam ajudando os fugitivos a escapar e tornaram a Ferrovia Subterrânea mais eficiente e mais ousada do que fora antes” (CINCOTTA, 1994, p. 158).

A década de 1850 pode ser considerada como um período em que importantes líderes da nação se mostraram incapazes de resolver o problema da expansão territorial, a partir das forças desenfreadas das plantações na região Sul, e converter a situação da escravidão no país.

Os estados do Norte eram contra o trabalho escravo e os estados do Sul queriam manter essa prática nas grandes lavouras. Com as guerras contra o México e as invasões aos territórios indígenas na região Oeste, com a necessidade de expansão para áreas maiores e o sentimento imperialista, os estados do Norte estavam unidos para expandir as chamadas terras livres. Entretanto, os estados do Sul queriam aumentar seu império do algodão e da escravidão. O Norte, diferentemente dos estados sulistas, se tornou defensor do abolicionismo nos Estados Unidos, porém nem todos concordavam com a erradicação da escravidão.

O movimento abolicionista nos Estados Unidos ganhou força em 1860, quando o nortista Abraham Lincoln (1809-1865) assume a presidência. Lincoln há muito tempo considerava a escravidão um mal e em seu discurso, realizado em 1858, já declarava:

Uma casa dividida contra si próprio não pode ficar de pé. Creio que este governo não perdurará permanentemente metade escravo e metade livre. Não antecipo que a União seja desfeita – não espero que a cada caia -, mas confio que ela deixará de estar dividida (CINCOTTA, 1994, p. 161).

O nome de Lincoln fora indicado pelos republicanos na eleição de 1860. Além do compromisso de não apoiar a escravidão, o partido prometeu uma tarifa para proteger a indústria e uma lei que concedesse terras para famílias interessadas em desbravar a região Oeste do país. O resultado da eleição presidencial provocou a secessão do Estado South Carolina, que estava aguardando um evento contrário aos seus preceitos para estabelecer união com o Sul contra as forças antiescravagistas: “fica a partir de agora dissolvida a União hoje existente entre a Carolina do Sul e outros estados sob o nome de ‘Estados Unidos da América’” (CINCOTTA, 1994, p. 162).

Desse modo, o Sul, totalmente escravista, não aprovando o novo presidente, se separa da União, formando assim os Estados Confederados da América. Seguindo o exemplo, em 1861, seis outros estados sulistas se separam da União e, assim, aprovam a constituição provisória dos Estados Confederados da América. Com menos de um mês da secessão, até então dos setes

estados, Lincoln assume a presidência. Como resposta, o Sul atacou as forças federais no Forte Sumter, no porto de Charleston, estado de South Carolina. Em seguida ao ataque, os estados de Virginia, Arkansas, Tennessee e North Carolina aderem ao grupo dos confederados.

A secessão não sendo aprovada pela região Norte, provoca, entre 1861 a 1865, a Guerra Civil norte-americana ou Guerra da Secessão, conflito entre os estados do Norte e os estados do Sul. Desse modo, os dois lados entraram em confronto e ambos acreditavam em alcançar uma vitória rápida. A superioridade industrial do Norte proporcionou uma ampla capacidade de produzir armas e munições, roupas e demais suprimentos. Além disso, a rede de ferrovias no Norte também possibilitou o diferencial das ações militares das tropas federais. Entretanto, o Sul tinha uma tradição militar muito forte, especialidade e estavam em vantagem por estarem lutando em defesa de seu conhecido território.

Durante a Guerra de Secessão, Lincoln promulgou a Proclamação de Emancipação que libertou todos os escravos dos estados confederados e em 1865 derrotou a Confederação. Assim, a abolição da escravidão nos Estados Unidos só ocorreu pela 13ª Emenda Constitucional, elaborada pelo legislativo americano em 1865, que proibia a escravidão em todos os estados. Porém, os libertos nos Estados Unidos enfrentaram dificuldades para sobreviverem.

Portanto, a história de escravidão nos Estados Unidos vem marcada, desde a colonização do país, por divergências que culminaram em disputa acirrada entre regiões da nação e racismo declarado na região do Sul, historicamente marcada por uma colonização de exploração, de *plantation* e de grandes propriedades rurais. Mesmo após três anos da ementa que abolia a escravidão nos Estados Unidos, ocorriam, impunemente, atos de racismo aos afro-americanos, mesmo que, constitucionalmente, pela ementa 14ª da Constituição, todas as pessoas nascidas ou naturalizadas eram cidadãos norte-americanos.

Na atualidade, nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 1960, ocorreram muitas reivindicações pelos mesmos direitos civis entre negros e brancos. Foi formada a *Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (ANAPC)* em 1909 e a organização da *Conferência da Liderança Sul-Cristã (CLSC)*, por Martin Luther King (1929-1968), no fim de 1950, assim como vários movimentos surgiram no decorrer das décadas. Um dos importantes acontecimentos da sociedade atual foi a eleição de Barack Obama (1961), do Partido Democrata, para a presidência dos Estados Unidos em 2008. Ele foi o primeiro negro a ser eleito presidente dos

Estados Unidos, representando as lutas contra o preconceito racial e pelos mesmos direitos entre os cidadãos do país.

As mudanças advindas com o início do século XIX também atingiu a população nativa norte-americana. Infelizmente os termos homologados em 1830 estabeleceu a remoção das tribos nativas que viviam na região Leste do Mississippi para o Oeste do país – ações concretizadas pelo *Removal Act*⁴⁷. A população Cherokees, que vivam no estado da Georgia e North Carolina, foram forçados, em 1827, a deixar suas terras, mesmo sendo cultivadas de maneira próspera. Assim, estas propriedades ficaram conhecidas como *Trail of Tears*⁴⁸, pois foram transformadas no território infértil de Oklahoma. Gray, diz que:

At least four Thousand of them died, either in the concentration camps where they were assembled for deportation or during the removal itself. By 1844, most tribes had been removed west. But even there they were not safe. The rapid westward movement of population, which in 1828 led to the election of the first president from a region west of the Appalachians, Andrew Jackson, meant that whites soon wanted some or most of the land to which the Native American peoples had been removed. Jackson had claimed that his policy of removal would put the tribes “beyond the reach of injury and oppression” and under the “paternal care of the General Government.” In fact, the policy of the government now turned toward concentrating them in ever smaller reservations⁴⁹(GRAY, 2012, p. 90).

No entanto, assim como havia muitos que estavam a favor da abolição da escravatura no país, muitos desses também defendiam e reivindicavam os direitos da população nativa norte-americana e das mulheres.

Com o movimento intitulado *Second Great Awakening*⁵⁰, em 1830, a maioria dos cidadãos estavam vinculados a alguma instituição religiosa, seja do grupo evangélico,

⁴⁷ Lei de Remoção.

⁴⁸ Trilha das lágrimas.

⁴⁹ [Trad. nossa: Pelo menos quatro mil deles morreram, seja nos campos de concentração onde foram reunidos para deportação ou durante a remoção em si. Em 1844, a maioria das tribos havia sido removida para o oeste. Mas mesmo lá eles não estavam seguros. O rápido movimento da população para o oeste, que em 1828 levou à eleição do primeiro presidente de uma região a oeste dos Apalaches, Andrew Jackson, significava que os brancos logo queriam a maior parte da terra para a qual os povos indígenas americanos haviam sido removidos. Jackson havia alegado que sua política de remoção colocaria as tribos “fora do alcance do ferimento e da opressão” e sob o “cuidado paternal do Governo Geral”. De fato, a política do governo agora se voltava para concentrá-las em reservas cada vez menores.

⁵⁰ Segundo Grande Despertar.

protestante, batista ou metodista. Esses grupos religiosos defendiam crenças que tinham implicação social, pois acreditavam que o destino político era o caminho para o reino prometido conforme os textos de sua religião. Assim, de alguma forma esses grupos buscavam o aperfeiçoamento da sociedade por meio da erradicação da pobreza, do alcoolismo, da discriminação contra as mulheres, políticas que prejudicavam nos nativos norte-americanos e a escravidão. Gray, aponta que: “Both those who opposed and those who supported slavery claimed to be acting in obedience to God⁵¹” (GRAY, 2012, p. 90). Por outro lado, alguns grupos religiosos lutavam contra esses movimentos e defendiam ações de violência e ignorância contra os princípios humanitários.

Destarte, no final do século XIX e início do século XX, a nação se tornou uma importante potência industrial e seu movimento econômico se destacava pela concentração de capital, que possibilitou a valorização nos valores de compra e venda, no controle sobre sua matéria-prima e seu transporte, passando assim a ditar regras de comercialização de seus produtos.

Segundo Giovanni Arrighi, em seu livro intitulado *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo* (1996), os Estados Unidos da América se desenvolveram, a princípio, a partir de uma estrutura imperial pré-moderna que interligou as hegemonias capitalista e territorialista – um reflexo da nova formação e expansão da economia capitalista mundial.

De fato, como aponta Arrighi, o país obteve avanços com o forte apoio de política interna. Essa buscou fortalecer o mercado interno e elaborar, com maiores restrições, as políticas do mercado externo. Assim, a jovem potência se tornou beneficiária do imperialismo britânico, pois fez, a partir de uma forte política nacional, com que o Reino Unido perdesse o domínio sobre o comércio global.

No momento em que os Estados Unidos da América elevaram os custos de proteção para os estados europeus e para a Grã-Bretanha, temos o primeiro indicativo da recessão da exportação de produtos primários e a retomada do crescimento das corporações norte-americanas. Desse modo, a estrutura do *ciclo sistêmico de acumulação*⁵² (ARRIGHI, 1996) do

⁵¹ [Trad. nossa: "Tanto os que se opunham quanto os que apoiavam a escravidão afirmavam estar agindo em obediência a Deus"].

⁵² [ARRIGHI, 1996, p. 7: Os ciclos seculares têm algumas semelhanças notáveis com nossos ciclos sistêmicos: somam um total de quatro, todos duram mais de um século, e se tornam progressivamente mais curtos (Braudel, 1987, p.78). Entretanto, os ciclos seculares de preços e os ciclos sistêmicos de acumulação são completamente assíncronos entre si. A expansão financeira tem igual probabilidade de surgir no começo, no meio ou no fim de um ciclo secular].

mercado Britânico é quebrado e temos a centralização do poder aquisitivo e a capacidade produtiva da economia mundial transferida para os Estados Unidos da América. A partir da reorganização e transformação, o comércio norte-americano exerce suas funções hegemônicas mundiais para beneficiar seus produtos nacionais e suas empresas – movimento dado por um sistema de redes acumulativas que transformaram os ciclos sistemáticos de acumulação, consistindo assim, num dos primeiros momentos de expansão material e, posteriormente, financeiro da nova potência econômica mundial.

Para melhor entendermos esse importante momento da História mundial, Arrighi nos informa que a economia capitalista está centrada em ciclos de acumulação, compreendidos como: *hegemonia*, *capitalismo* e *territorialismo* – as três hegemonias do capitalismo histórico⁵³.

O primeiro ciclo, hegemonia, é compreendido como a competência de determinado estado em liderar, ou seja, grupos capitalistas mobilizam suas lideranças para obter uma atuação sobre as empresas capitalistas – buscando sempre alimentar o sentimento de competitividade entre os grupos.

Já o ciclo *territorialismo*, deve ser entendido, como Arrighi nos ensina, como a adequação do poder de extensão territorial como meio para controlar os recursos e para obter acúmulos de capital – podemos citar a nova organização do capitalismo e *territorialismo* realizado, anteriormente, pelos mercadores franceses e britânicos no século XVIII com a colonização direta, o mercado de pessoas escravizadas e o nacionalismo econômico.

A reflexão sobre as três fases dos ciclos sistêmico possibilita a compreensão da organização da economia mundial ao longo dos séculos e revela a nova dinâmica econômica e os futuros apontamentos da organização atual. Desse modo, os padrões repetidos na atualidade e as evoluções da economia capitalista pode ser analisada a partir do sistema econômico mundial.

Assim, o cerne dessa comparação está pautado na alternância das épocas de expansão material e pelas fases do renascimento e expansão material.

A partir dessas considerações, Arrighi nos apresenta uma análise comparativa sobre a história da economia mundial ou, como intitulado pela crítica, sociologia histórica de quatro ciclos sistêmicos ao longo dos séculos. Assim, podemos contemplar análises sobre o ciclo genovês no período do século XV a XVII, o ciclo holandês nos séculos XVI a XVIII, o ciclo

⁵³ ARRIGHI, 1996. *Capítulo 1: As três hegemonias do capitalismo histórico*, In: O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto; São Paulo, Editora UNESP, 1996, p. 27-85.

britânico de XVIII a XX e o ciclo norte-americano no século XX. Percebemos que, ao longo da descrição e explicação do autor, que cada nova hegemonia repete alguns padrões na reestruturação de cada sistema. Essa comparação favorece a contemplação do processo de ruptura dos antigos sistemas para a estabilização de uma nova potência econômica mundial.

Com a leitura de Arrighi, podemos apontar que o início limitado do capitalismo implicou sacrifícios para a classe trabalhadora, pois a relocação do capital com as indústrias favoreceu a destruição de antigos trabalhos para geração de renda. Assim, a sociedade passou a almejar a desindustrialização. Porém, a aversão a evolução tecnológica foi sufocada pelas crises econômicas e pelas Revoluções. Assim, temos a atualização do sistema primário territorial para o sistema de internalização dos processos de produção material e de troca entre os países. Com essa atualização temos o surgimento de um processo de formação de um governo mundial.

Para o autor, o capitalismo inicia-se como um sistema social e histórico impulsionado pela intensificação da concorrência pelo poder mundial. Primeiramente, temos o *terceiro ciclo sistêmico de acumulação Britânico*⁵⁴, que busca absorver os bens de capital britânico pelas organizações governamentais e empresariais globais. Com isso, temos a expansão das redes bancárias que facilitou o crescimento da Grã-Bretanha como potência mundial. Entretanto, as oscilações entre as fases de *liberdade econômica*⁵⁵ e *regulação econômica*⁵⁶ colaboraram para a materialização das tendências competitivas e cooperativas para um novo ciclo sistêmico de acumulação – momento em que os Estados Unidos da América assume o posto de potência mundial.

O crítico político conclui suas considerações apresentando os possíveis cenários que passam justificar o atual regime de acumulação norte-americano.

Assim, o primeiro cenário, uma visão do atual ciclo sistêmico, é descrito como antigos centros que controlam e guardam o comando norte-americano sob a economia mundial capitalista. O fluxo histórico de guerras e a gestão do Estado sobre os novos centros é mantido

⁵⁴ [ARRIGHI, 1996, p. 169: Essa defasagem pode ser atribuída a duas circunstâncias principais, que distinguiram o terceiro ciclo sistêmico de acumulação (britânico) dos dois primeiros. Uma está relacionada com o “imperialismo”, e a outra, com o “livre-cambismo” do regime britânico de governo e de acumulação].

⁵⁵ [ARRIGHI, 1996, p.251: A livre expansão do comércio cedeu lugar ao espírito regulatório que é característico da economia urbana, o qual, por sua vez, foi seguido pelo ardor individualista do Renascimento. Este atingiu seu auge na segunda metade do século XVI, quando o pêndulo começou novamente a oscilar na direção oposta. Assim como o espírito regulatório da economia urbana].

⁵⁶ [ARRIGHI, 1996, p. 251: A tendência à regulação econômica estava destinada a durar apenas até o momento em que, no fim do século XVIII e início do XIX, “a invenção das máquinas e o emprego do vapor na manufatura desorganizaram completamente as condições da vida econômica].

para que o império mundial de afirme globalmente. Como segundo cenário, teríamos a retomada do poder dos centros do leste asiático; fato possível se houve a troca da camada capitalista para a camada de mercado da economia mundial. Entretanto, Arrighi afirma que o sistema capitalista não se manteria com a dissolução proposta por esse novo cenário, pois o mundo voltaria para uma organização anárquica.

O império mundial pós-capitalista é apresentado no terceiro cenário. Tal progressão seria a maior e reversível transição do sistema capitalista que, para o autor, seria o fim do sistema e a volta do caos sistêmico; proporcionando assim, progressivamente, o fim da História.

Podemos apontar que entre o período das duas grandes guerras, a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos da América atingiram sua independência e estabilidade política e financeira. Nesse curto tempo, menos de 50 anos, o país deixou de ser uma república rural para se transformar em estado urbano, assim, desconstruindo o território de fronteira. O país passou por mudanças com as grandes fábricas e siderúrgicas, ferrovias transcontinentais, grandes centros urbanos e propriedades agrícolas.

Entretanto, a grande e rápida expansão econômica e prosperidade trouxeram seus problemas. Poucas empresas passaram a dominar sistemas industriais de grande escala, independentemente ou em combinação com outras empresas. As condições de trabalho eram insatisfatórias e as cidades não podiam abrigar adequadamente a população em expansão.

Os Estados Unidos da América, no século XXI, é uma nação que cogita diferentes opiniões acerca de seu poder exercido sobre o mundo, encanta pelos grandes centros urbanos, pelas reservas naturais, pela repercussão de uma visão negativa para uma minoria e de liberdade para a maioria mundial. Uma grande potência detentora de uma cultura singular, que contamina a América e outros continentes, espalhando seu cinema, como por exemplo grandes produções de *Hollywood*, *pop-music*, *jazz*, seriados de TV e vestuário.

Apesar dessa questão, os Estados Unidos da América constituem um diálogo com as outras culturas, pois, apesar de apresentar uma densa história já registrada na memória mundial, sua produção cultural e econômica configura-se em uma aproximação com os demais países. Essa configuração, exportadora de cultura, trata-se de uma antiga relação de ordem mundial, pois a potência é observada constantemente pelos demais países.

Desse modo, o que permite a nação dos Estados Unidos da América como única potência é resultado do sistema mundial que incide para o domínio dos norte-americanos. Apesar de duras

críticas levantadas por diferentes intelectuais, mantém o direito à liberdade de expressão para o levantamento de pontos negativos presentes no cerne da sociedade norte-americana e procura até mesmo conhecer o alvo das críticas. A necessidade de buscar reconhecer essa nação alvo de tantas críticas se justifica pelo fato da existência de dois Estados Unidos da América; um se impõe criticamente e está adepto à discussão e outro atenua o lado tradicional e se coloca fechado para diálogos construtivos.

Apesar do longo período histórico já vivenciado, o país se configura como uma nação com problemas em sua unidade coletiva e isso repercute ao longo do registro social do mesmo. No enigma carregado pelas treze colônias, podemos obter uma parcela da identidade de toda a nação norte-americana. Assim, alguns historiadores reconhecem que compreender a História mundial implica em adquirir conhecimentos sobre a História dos Estados Unidos da América.

Desde a origem do país, como um conjunto de colônias poucas conhecidas, estabelecidas ao longo do Norte da Costa Atlântica, seus estados passaram por transformações e tornaram-se, como apontou o político Ben Wattenberg, “a primeira nação universal”, com uma população de quase 250 milhões que representam praticamente todas as nacionalidades e grupos étnicos do planeta Terra. Em um ritmo infundável de mudanças, os Estados Unidos são frequentemente os precursores da modernização e das modificações que, inevitavelmente, alcançam outras nações e sociedades, em um mundo cada vez mais interrelacionado e interdependente.

De certa forma, podemos apontar que o país mantém um certo sentido de continuidade visível em seus conjuntos de valores, como a fé na liberdade individual, no governo democrático e compromisso com a oferta de oportunidades econômicas para o progresso de todos; princípios iniciados nos primórdios da nação.

1.4 Fundamentação teórica: Fredric Jameson e Leitura Política

A problemática sobre a representação - ou figuração como proposto por Jameson (1992) - nos textos ficcionais é questionada por muitos críticos literários. Mesmo com as tentativas de teorizar esse conhecimento, não temos uma única edificação dessa teoria e o esclarecimento de seu funcionamento, que pode se transmutar de acordo com as questões históricas, políticas, econômicas e sociais. Terry Eagleton (1985), nos estudos desenvolvidos no livro *Teoria da Literatura: Uma introdução*, alerta que “a distinção entre ‘fato’ e ‘ficção’, portanto, não parece

nos ser muito útil, e uma das razões para isto é a de que a própria distinção é muitas vezes questionável” (EAGLETON, 2006, p. 1).

Em seus estudos, Erich Auerbach (1892-1957), especificamente no livro intitulado *Mimesis*⁵⁷ (2009), apresenta, em cada capítulo, textos importantes para uma determinada época, buscando interpretar, como intenção determinada, a interpretação da realidade nas obras literárias. Para isso, o crítico desenvolve suas considerações sobre a diferenciação entre níveis, o do *Real* e o da *Imitação*, para analisar textos da doutrina clássica, da antiguidade e da Idade Média; da problemática geração dos românticos contemporâneos, com a realidade do cotidiano em que a vida privada passa a ser pública, e do realismo moderno, com o desenvolvimento de formas ricas com constante mutação e ampliação da vida do ser humano, aqui entendido de forma individual.

Os autores não escrevem com a intenção de transmitir dados históricos, mas essa relação entre Literatura e Sociedade ocorre, mesmo que de forma inconsciente. Antonio Candido (1918-2017) ensina que: “(...) com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento essencial de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2010, p. 20). Assim, para o crítico, o social está presente na organização formal da obra:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que aonde uma obra é secundária, e que sua importância deriva de operações formais postas em jogo [...] Sabemos, ainda, que o externo (no caso, social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2010, p.13 e 14).

Roberto Schwarz, corroborando a proposta de Candido, discute a questão do diálogo entre o estético e o social por meio da ideia social de forma:

Do ângulo dos estudos literários, o forte dessa noção [a ideia social de forma] está no compacto heterogêneo de relações histórico-sociais que a forma sempre articula, e que faz da historicidade, a ser decifrada pela crítica, a substância mesma das obras [...] Assim, sumariamente

⁵⁷ AUERBACH, E. *Mimesis: A representação da realidade no mundo ocidental*. São Paulo: Perspetiva, 2009.

digamos que a forma travejada pela relação histórica e pelos seus dinamismos, intra e extraliteratura, parece bem mais próxima daquilo que os artistas de fato fazem e que vale a pena buscar em seus trabalhos” (SCHWARZ, 1999, p. 31).

No trabalho intitulado *The Coup e Brazil: uma leitura do Norte pelo Sul* (2003), Carla Alexandra Ferreira, destaca que:

Essa imanência já detectada por Antonio Candido e Roberto Schwarz, no contexto da crítica literária brasileira, e apresentada com maestria por Jameson ocorre por meio da verificação da forma que para este crítico, como para Adorno, é “conteúdo sócio-histórico decantado” (FERREIRA, 2003, p.5)

O crítico literário Fredric Jameson (1992) avança para o que chamará de *periodização*, isto é, na localização do produto cultural em seu momento histórico e das leituras feitas sobre o texto. Assim o faz no sentido de historicizar o texto literário, conforme proposto em seu livro *O Inconsciente Político* e complementado por Ferreira (2003, p. 6):

Faz-se ainda relevante comentar que não se trata de perceber e destacar elementos histórico-sociais no texto, em seu conteúdo e forma. Isto, de fato, é feito extensivamente no ato de interpretação da obra e vida de muitos autores. Apreender o “subtexto” de que trata Jameson é como ele mesmo aponta “uma postura mais extremada”; lida-se com a própria forma como conteúdo e com o desvendamento das estratégias de contenção inscritas no texto cultural. Implica, por conseguinte, em aceitar que o texto é produto de uma cultura, determinada historicamente, e lido e interpretado por códigos que, por sua vez, também podem e devem ser historicizados.

O crítico literário Jameson (1992) amplia a sistematização do termo abordando os estudos realizados no campo da dialética, que estabelece o caminho para a *descentralização* concreta do sujeito e direciona a atenção para o político e o coletivo, e, desse modo, a literatura passa a ser um *corpo vivo* que reescreve a realidade através das categorias superficiais de um texto, em que a linguagem passa ser mais forte e fundamental código para a interpretação de um texto literário. Segundo Jameson (1992, p. 64): “nesse sentido, toda literatura, não importa com que intensidade, deve ser permeada por aquilo a que chamamos de inconsciente político, que toda literatura tem que ser lida como uma meditação simbólica sobre o destino da comunidade”.

Dessa forma, precisamos esclarecer que a *realidade externa* se difere da noção tradicional de *contexto*, da crítica social ou histórica, pois a hermenêutica proposta por Jameson apreende esse *status* como *reescritura*, ou *reestruturação* de um *subtexto* ou *ideologia* anterior do texto literário. Sendo assim, a (re)leitura das obras literárias deve ter início a partir dos fatos, pois segundo o autor:

O ato literário ou histórico, portanto, sempre mantém uma relação ativa com o Real; contudo, para fazer isso, não pode simplesmente permitir que a “realidade” persista inertemente em si mesma, fora do texto a à distância. Em vez disso, deve trazer o Real para sua própria textura, e os paradoxos máximos e os falsos problemas da linguística e, principalmente, da semântica, devem ser rastreados nesse processo, por meio do qual a língua consegue trazer o Real para dentro de si como seu próprio subtexto intrínseco ou imanente (JAMESON, 1992. p. 74).

Para o crítico norte-americano, a doutrina da *figuração*, teoria da expressão figurativa, apresenta uma expressão simbólica da verdade e, ao mesmo tempo, uma representação distorcida e camuflada, fingida, sendo assim, uma teoria da *mistificação* ou da *falsa consciência*. Sendo estabelecida como *fase* final da *alegoria*, da imagem do corpo cósmico, e não pode ser retratada sendo outra coisa, mas somente si mesma. Assim, seu ímpeto figurativo e político deve ser reescrito para que se estabeleça o conteúdo coletivo, até então, o limitado aos termos individuais do êxtase meramente pessoal e do corpo isolado. Destarte, Jameson sugere que as interpretações dos textos literários, compreendidas como *atos simbólicos*, coletivo e social, devem apreender sobre suas resoluções de determinadas contradições, ação básica para qualquer análise cultural, sobre os vários sistemas de signos que coexistem no trabalho artístico.

Um dos processos de *mediação simbólica* das narrativas ao seu contexto de produção, localização do individual que representa o coletivo, pode ser apreendida pelo conceito de *periodização*. No sentido de *historicizar* os objetos de análise. Para o teórico, o processo de historicização se aplica aos produtos culturais bem como aos modelos de interpretação que os leem. Não significa que toda História venha a ser nosso contexto atual e que se contextualizarmos os livros a partir de uma reflexão do nosso “*pensamento coletivo atual*” (JAMESON, 1992) teremos, como resultado, o surgimento de grandes problemas. Ferreira (2003, p. 8) nos ensina que:

Um modelo de interpretação que considere a História é necessário, então, para interpretar de maneira mais completa esses romances e para reescrever os modelos de análise que devido às estratégias de contenção “oferecem a ilusão de que suas leituras são, de alguma forma, completas e auto-suficientes.

O processo de historicizar um texto literário, envolve a localização de determinado produto cultural em um período histórico específico, como por exemplo realismo, modernismo ou pós-modernismo. Esta ação pode ser compreendida como positiva, por criar um instrumento de análise que aponta somente para resultados estabelecido pelo trabalho envolvendo a *periodização* de um produto cultural. Por outro lado, temos o aspecto negativo, entendendo a ação da historização como um caminho para elencar aspectos relevantes para as considerações acerca de um trabalho literário. Em seu livro intitulado *The Jameson reader* (2000), Michael Hardt e Kathi Weeks, dizem que:

Jameson’s practice of periodization, however, should be understood in the context of his general Project to historicize cultural Works and social phenonema. His mandate that we always historicize is really first another mandate: always periodize! Periodization is *an initial technique that opens the path and allows us to gain acess to history and historical differences*⁵⁸ (HARDT e WEEKS, 2000, p. 14, *grifos dos autores*).

Desse modo, uma progressão histórica pode ser identificada na organização de diferentes momentos períodos históricos de uma coletividade. A *periodização* aponta para a quebra entre o momento de produção de uma concepção do meio artístico e o complexo movimento que insere as mesmas obras no campo histórico coletivo atual – assim abarcando as mudanças de pensamento e concepção sobre a arte; como aponta Hardt e Weeks:

An historical period is never conceived in static terms, as if history only moved in sudden burts of revolutionary change, and in the meaintime things remain the same. Rather, each perido must be grasped in terms of its movement, its internal dynamics, as propelled by innumerable conflits and antagonisms, among classes, between past and future⁵⁹ (HARDT e WEEKS, 2000, p. 14).

⁵⁸ [Trad. nossa: A prática de periodização, conforme aponta o crítico Frederic Jameson, no entanto, deve ser entendida no contexto de seu projeto geral de historicizar as obras culturais e fenômenos sociais. Seu mandato historicizar sempre, é realmente o primeiro mandato: sempre periodize! A periodização é uma técnica inicial que abre o caminho e nos permite acessar a história e as diferenças históricas].

⁵⁹ [Trad. nossa: Um período histórico nunca é concebido em termos estáticos, como se a história se movesse apenas em rajadas repentinas de mudança revolucionária, e, entretanto, as coisas permanecem as mesmas. Em vez disso,

Assim, se propõe que a leitura da História⁶⁰ nos textos seja desenvolvida através da identificação das *estratégias de contenção*⁶¹ utilizadas na narrativa. Devemos nos atentar para os recursos estéticos utilizados: escolhas linguísticas, ambientação do texto, caracterização dos personagens, entre outros. Contudo, para ampliar a compreensão dos textos literários, Jameson (1992) estrutura a leitura em três horizontes ou fases, ou a leitura em níveis como propõe Ferreira (2003). Desse modo, os três estágios de leitura são organizados em: I) a leitura romanesca do texto. Nesse nível são detectadas contradições políticas ou históricas que deveriam ser investigadas para uma leitura mais ampla do texto; II) No segundo nível, buscamos analisar as lacunas e contradições resultantes do nível anterior de leitura. Jameson (1992, p. 69) nos atenta para: “nesse horizonte, portanto, nosso objeto de estudo demonstrará ser o *ideograma*, ou seja, a menor unidade inteligível dos discursos coletivos essencialmente antagônicos das classes sociais”; III) No último nível, os fragmentos detectados no segundo estágio são reinseridos no todo do campo histórico, momento em que ocorre a ampliação da leitura inicial. Sobre esse último nível, Jameson (1992, p.76) diz que: “este se torna visível, e os fenômenos individuais são revelados como fatos e instituições sociais apenas quando as categorias organizacionais da análise tornam-se as da classe social”.

A História deve ser compreendida, segundo Hardt e Weeks, como "a complex web of dynamic social relations"⁶² (2000, p.12). O estudo dos artefatos sociais - estes compreendidos por romances, filmes, construções - possibilita uma visão de determinado momento histórico. Desse modo, a História apresenta uma complexa mediação entre as relações sociais e o texto literário, ou outras formas de expressão.

Jameson compartilha seu projeto de historicização para a teoria literária atual e, até mesmo, para outras áreas do conhecimento. Hardt e Weeks, dizem que:

cada período deve ser apreendido em termos de seu movimento, sua dinâmica interna, como impulsionado por inúmeros conflitos e antagonismos, entre classes, entre passado e futuro].

⁶⁰ Para Jameson: "que a História não é um texto, ou uma narrativa, mestra ou não, mas que, como causa ausente, é-nos acessível apenas sob a forma textual, e que nossa abordagem dela e do próprio Real passa necessariamente por uma textualização prévia, sua narrativização no inconsciente político" (JAMESON, 1992, p. 32).

⁶¹ Para Jameson: "que permite que o que se pode pensar pareça ter coerência interna em si mesmo, embora reprima o impensável (neste caso, a própria possibilidade de uma práxis coletiva) que se coloca além de seus limites" (JAMESON, 1992, p. 48).

⁶² [Trad. nossa: "uma teia complexa de relações sociais dinâmicas"].

Jameson, as we saw earlier, gives priority to capital and the mode of production in the analysis of history. Jameson's injunction, in other words, is really always historicize with primary attention to the history of capital, its movements, and its differentiated deployments⁶³ (HARDT e WEEKS, 2000, p. 11).

Com esta consideração, os modos de produção, em particular o sistema capitalista, não proporciona somente a relação econômica, mas interfere, diretamente, na cultura e política existente na coletividade ou em determinada organização social: "the history of capital is thus not merely an economic history but tends to incorporate all of human history⁶⁴" (HARDT e WEEKS, 2000, p. 11). O capital é compreendido como palavra, ou ordem, do poder social. Entretanto, não devemos insistir que a história do capital e do modo de produção sejam as únicas leis ou fenômenos econômicos. Assim, devemos entender por capital, como poder social que interfere não somente na economia, mas na produção cultural e social:

Production, in other words, has to be recognized in of its many faces. On the broadest plane, a mode of production approaches a mode of life because social life is really nothing but the complete set of all the various forms and phases of production⁶⁵ (HARDT e WEEKS, 2000, p. 12).

Em outras palavras, devemos entender o modo de produção em suas faces: como plano; modo de vida social, em suas várias formas e fases de produção. Para Jameson, o modo de produção não pode ser considerado como uniforme e uma unidade homogênea, mas como uma pluralidade interna diferenciada por suas estruturas e práticas. Hardt e Weeks, afirmam que: "Economies are thus always mixed to some extent and there are always elements of 'non-synchronous' consciousness that correspond to past or future modes of production⁶⁶" (HARDT e WEEKS, 2000, p. 12).

⁶³ [Trad. nossa: Jameson, como vimos anteriormente, dá prioridade ao capital e ao modo de produção na análise da história. A injunção de Jameson, em outras palavras, é na verdade sempre histórica com atenção primária à história do capital, seus movimentos e suas diferenciadas implementações].

⁶⁴ [Trad. nossa: "a história do capital não é, portanto, apenas uma história econômica, mas tende a incorporar toda a história humana"].

⁶⁵ [Trad. nossa: A produção, em outras palavras, deve ser reconhecida em suas muitas faces. No plano mais amplo, um modo de produção se aproxima de um modo de vida porque a vida social não é realmente nada além do conjunto completo de todas as várias formas e fases de produção].

⁶⁶ [Trad. nossa: "As economias são, portanto, sempre misturadas até certo ponto e sempre há elementos de consciência 'não-síncrona' que correspondem a modos de produção passados ou futuros"].

Portanto, o modo de produção infere ao poder dominante e as regras que regem um conjunto de forças heterogêneas. No trabalho de historicização realizado por Jameson, observamos que o campo social está presente nas análises literárias, principalmente, das narrativas. O campo literário proporciona o acesso da História pela estrutura narrativa e conteúdo: "In other words, we always formulate histories not merely as chronological sequences of events but rather as narratives that put the facts in relation, giving them value and meaning"⁶⁷ (HARDT e WEEKS, 2000, p. 12). Assim, o texto literário, a partir da ação de *historicizar sempre*, se estabelece como uma importante ferramenta para análise de elementos do campo histórico.

Destarte, o reflexo do real, mesmo que apresentado de forma verossimilhante nos textos literários, figura, a partir de suas limitações, um referente à realidade. Assim, cabe ao leitor, como *sujeito individual*, relacionar o texto literário ao tempo e as mudanças ocorridas em um dado momento histórico. Ferreira (2003, p. 33) nos alerta que "a arte, neste caso a literatura, é um terreno interessante para investigarmos as relações sociais, uma vez que ao mesmo tempo que reproduz o contexto, ela ajuda a produzir um novo modo de agir e pensar este contexto".

Para Jameson (1992) quando passamos a detectar esses traços da realidade, até então, reprimidos, passamos a empenhar a função de *inconsciente político* sobre o material literário. Portanto, para o autor, além do texto figurar elementos sociais e históricos, devemos reconhecê-los como políticos.

⁶⁷ [Trad. nossa: "Em outras palavras, nós sempre formulamos histórias não apenas como sequências cronológicas de eventos, mas como narrativas que colocam os fatos em relação, dando-lhes valor e significado"].

Capítulo 2: *The Adventures of Tom Sawyer* (1876)

2.1 Primeiro nível de leitura: Tom Sawyer

A narrativa é ambientada na vila ribeirinha de São Petersburg, no estado do Missouri, as margens do rio Mississippi em meados do século XIX, no período Pré-Guerra Civil norte-americana. Entre os personagens presentes no romance destacamos o protagonista Tom Sawyer, um menino travesso que sempre estava planejando fugir de suas tarefas, da escola e da igreja, para poder pescar e nadar no rio. Além disso, Tom tem uma imaginação ativa e se mostra, na maior parte do texto, um líder nato e muito teimoso. Apesar dessas características, os acontecimentos ao longo do romance, como veremos nas leituras posteriores, faz com que ocorra uma mudança no espírito avaro e aventureiro do garoto. A tia de Tom, Polly, com quem Tom mora junto com Sid, irmão mais novo do menino; e sua prima Mary. O irmão mais novo de Tom se mostra completamente o oposto do protagonista, pois se comporta muito bem e não se coloca em apuros em cavernas ou cemitérios; apesar de Sid, na maioria das vezes, tentar entregar os erros de Tom para Polly.

Temos também os personagens Joe Harper e Huckleberry Finn, os melhores amigos de Tom, que fogem em grupo para a Ilha Jackson para viverem como piratas. Como em outros textos, o protagonista do romance também vive uma história de amor juvenil à primeira vista com a personagem Becky Thatcher, sobrinha recém-juiz que se estabelece na vila ribeirinha com a sua família. A viúva Douglas, sempre muito generosa e gentil com os outros personagens e que decide adotar Huck depois do mesmo salvar sua vida. A casa da senhora, que iria “civilizar” Huck, estava no alvo de um assalto planejado por Injun Joe; que, em primeira leitura, seria o vilão do romance, por ter assassinado o médico Dr. Robinson, no início do texto narrativo, como uma forma de concretizar uma vingança por ações cometidas pelo médico contra a família de Joe. E também, no primeiro romance, Jim é apresentado para os leitores como uma jovem criança que realiza algumas tarefas destinadas a Tom que foram ordenadas pela tia Polly.

Desse modo, após a contextualização e apresentação dos personagens principais do texto narrativo, aplicaremos a leitura em primeiro nível. Tom Sawyer, protagonista do romance que leva o seu nome, figura um garoto peralta de doze anos de idade, muito esperto, sem predisposição para o estudo e que vive planejando aventuras juvenis. O personagem cria

situações inusitadas para a sua tia e para os demais personagens que participam de seu grupo de amigos e adultos.

A primeira vez que nos encontramos com Tom Sawyer, ele está na cozinha de Polly, roubando geleia. Este é apenas o início de suas aventuras malvadas. Tom escapa por pouco de ser repreendido e, assim, passa o resto do dia na margem do rio. Quando sua tia descobre sobre o roubo de geleia, graças ao Sid, ele é condenado, no dia seguinte, a pintar a cerca de sua casa. Porém, Tom consegue sair do castigo enganando os meninos locais, que tiveram que retribuir o garoto para poderem trabalhar no lugar do mesmo com a pintura da cerca.

No dia seguinte, antes da escola, Tom se depara com Huckleberry Finn. Huck é o filho de um personagem à margem da sociedade, pois viva bebendo e não exercia um trabalho como os demais personagens. O garoto também não conheceu sua mãe. Assim, ele, basicamente, consegue viver do modo que mais lhe agrada. Todos os meninos, incluindo Tom, invejavam da liberdade de Huck.

Os personagens Tom e Huck, ao discutirem várias maneiras de curar verrugas e sobre aplicação de feitiços para espantar bruxas, concordam em se encontrar no cemitério à meia-noite para experimentar um sortilégio envolvendo um gato morto. Naquela noite, Tom sai da casa e caminha ao cemitério com Huck. Quando se aproximam, aparecem três homens: Dr. Robinson, Injun Joe e Muff Potter. Os meninos observam com horror quando Injun Joe, durante uma briga, assassina o Dr. Robinson. O personagem Muff Potter que, já bêbado, havia sido nocauteado no meio da briga, recebe toda a culpa sobre o ato criminoso cometido por Joe. Os meninos não são vistos no cemitério e, assim, correm o mais rápido possível para a casa de Tom. Ao alcançarem um lugar seguro, prometem nunca contar o que viram a ninguém e assinam um contrato de segredo com sangue.

No dia seguinte, a notícia sobre o assassinato se espalha. Logo, Muff Potter aparece na companhia do xerife. Potter jura que é inocente, mas Injun Joe já o entregará para todos da vila ribeirinha. Tom e Huck observam horrorizados e percebem que nada seria feito sobre o verdadeiro criminoso.

Tom tem tanto medo de falar a verdade que o assassinato o persegue até em seus sonhos. Embora ele não se atreva a dizer nada sobre o assunto, sempre passava na prisão para entregar presentes para seu amigo Potter.

Em outro momento, Tom ao se deparar com Joe Harper, que acabara de ser repreendido por beber creme, os dois garotos decidem abandonar a civilização, dirigem-se para *Jackson's Island* e acreditam ser piratas. Eles levam Huck Finn ao longo da jornada.

Depois de obter suprimentos, com o roubo de bacon, um presunto e outros mantimentos; eles partem para a ilha. Os personagens Tom e Joe demonstram, a princípio, um pouco preocupados e arrependidos. Porém, logo após esse fato, eles se mostram familiarizados com a situação e passam a contemplar a natureza, nadando e pescando no rio. Em algum momento, eles percebem, à pouca distância, uma balsa cheia de pessoas. Eles descobrem que aquela balsa estava buscando os garotos que, supostamente e no imaginário da vila, haviam se afogado no rio. Joe começa a mostrar sinais de saudade de casa, mas Tom consegue fazer com que o menino pense duas vezes antes de voltar para a sua antiga rotina.

Após isso, Huck e Joe concluem que o grupo deveria dormir e, nesse momento, Tom tem uma ideia brilhante. Ele deixa um recado para os meninos e deixa o acampamento naquela noite. Ele nada para a costa de Illinois e depois volta para a vila de São Petersburgo. Assim, ele retorna para sua casa e escuta como tia Polly, Sid e Mary falam sobre os garotos e o triste fato que abalou a todos. Apesar da triste situação instalada na casa, Tom tem grande prazer em ouvir os elogios feitos por sua tia.

Antes do amanhecer, Tom retorna para o acampamento onde encontrava seus amigos. Ele surpreende Huck e Joe, que estavam preocupados com o recado deixado – que dizia que eles poderiam ficar com seus pertences se ele não estivesse de volta para o café da manhã. Nesse dia, depois de se divertirem no rio, Joe e Huck começam a ficar com saudades de casa e, naquela noite, há uma tempestade muito forte.

As pessoas da cidade se reúnem na igreja para o funeral dos meninos. Logo após o pregador refletir sobre sermão e exaltar as vidas das crianças, Tom, Huck e Joe marcham pelo corredor do estabelecimento. Assim, descobrimos que eles voltaram para a cidade na noite anterior e esperaram na igreja por um momento adequado para mostrar seus rostos. Os meninos são tratados como heróis.

Após todos esses acontecimentos, a tão esperadas férias de verão finalmente chegam e junto as atividades ao ar livre. Tom se vê incrivelmente entediado e preocupado com o julgamento do assassinato. Huck e Tom ainda se sentem culpados por não contarem a verdade para todos. Desse modo, Tom quebra a promessa de segredo e testemunha no último dia do

juízo de Muff Potter. Tal ação salva a vida de um inocente. Porém, Injun Joe, o verdadeiro culpado pelo assassinato, foge do tribunal e, assim, não é capturado pelas autoridades da vila.

Tom é atingido pela febre de caça ao tesouro, movimento que atraiu diversos aventureiros na busca de ouro na região Oeste dos Estados Unidos da América. O garoto solicita a ajuda de Huck nesse novo plano. Assim, como não podiam acompanhar a mineração na região inexplorada, os dois meninos decidem procurar tesouros dentro de uma casa assombrada. Sua caça é interrompida pelo aparecimento de dois homens, um dos quais seria Injun Joe vestido em trajes espanhóis:

"T'other" was a ragged, unkempt creature, with nothing very pleasant in his face. The Spaniard was wrapped in a *serape*; he had bushy white whiskers; long white hair flowed from under his sombrero, and he wore green goggles. When they came in, "t'other" was talking in a low voice; they sat down on the ground, facing the door, with their backs to the wall, and the speaker continued his remarks. His manner became less guarded and his words more distinct as he proceeded: "No," said he, "I've thought it all over, and I don't like it. It's dangerous." "Dangerous!" grunted the "deaf and dumb" Spaniard, - to the vast surprise of the boys. "Milk-sop!" This voice made the boys gasp and quake. It was Injun Joe's! There was silence for some time. Then Joe said: "What's any more dangerous than that job up yonder - but nothing's come of it"⁶⁸ (TWIN, 2014, p. 160-161).

Os garotos testemunham o momento que Injun Joe esconde uma caixa de moedas de ouro. O personagem esconde o tesouro, como nas antigas narrativas de pirata, numa casa segura. Joe fica desconfiado quando se depara com as ferramentas dos meninos na esquina e leva as moedas de volta com ele. Os meninos por pouco não são descobertos por ele.

Tom e Huck ouvem Injun Joe mencionar um esconderijo: "número dois, sob a cruz" (Twain, 2013). A dupla conclui que as coordenadas seria uma das tabernas da cidade.

Além disso, o piquenique de Becky, planejado antes do final do período escolar, acontece no final da tarde. Assim, Tom esquece o tesouro e se dedica para o grande dia. Tom e

⁶⁸ [Trad. Porto, 2013 p. 196: O outro era um sujeito maltrapilho, desleixado, de cujo rosto não se desprendia nada agradável. Um poncho envolvia o espanhol do pescoço aos joelhos; tinha bastos bigodes e suíças, cabelos compridos brancos fluíam pendidos sob o sombreiro, e usava imensos óculos de lentes verdes. Quando entraram, o "outro" falava em voz baixa; sentaram-se no chão, diante da porta, com as costas voltadas para a parede, e o "desconhecido" continuou a fazer observações. Sua atitude tornou-se menos cautelosa e as palavras mais distintas à medida que prosseguia. - Não - dizia - pensei muito a respeito várias vezes, e a ideia em nada me agrada. É perigoso. - Perigoso! - grunhiu o espanhol "surdo-mudo", para imensa surpresa dos meninos. - Covarde! Essa voz fez os pequenos arquejarem e estremecerem. Era a do índio Joe! Fez-se silêncio por algum tempo. Então Joe contestou: - Que pode ser mais perigoso do que aquele golpe no outro lado, mas nada nos aconteceu em consequência].

Becky dirigem-se para a caverna local junto com o grupo de jovens que estavam realizando a confraternização nas férias de verão.

Naquela noite, em outro momento da narrativa, Huck, atento a caça ao tesouro, se depara com duas figuras sombrias entrando em uma taberna e saindo, logo depois, com uma caixa misteriosa. Ele segue os suspeitos e escuta que os homens, que são Injun Joe e seu parceiro, discutindo sobre uma nova vingança, dessa vez contra a viúva Douglas. Huck, desesperado, recebe a ajuda de um homem que mora nas proximidades. Na manhã seguinte, ele volta a visitar os moradores que o haviam auxiliado e eles informam que os dois homens haviam escapado de uma emboscada armada pelos moradores que almejavam proteger a senhora dos criminosos. Huck revela que um dos homens era Injun Joe e fica doente de preocupação e medo.

Enquanto isso, Tom e Becky estão perdidos na caverna. Eles tentam encontrar a saída para o exterior da caverna e não recebem auxílio dos demais porque o grupo havia deduzido que eles já estariam de volta para a casa dos Harpers.

No momento que os personagens estavam presos na caverna, Tom buscou encontrar uma saída da caverna e o garoto pensa que encontrou algum socorrista quando o mesmo escuta uma terceira pessoa no local, mas descobre que essa era Injun Joe. Por sorte, Tom consegue escapar despercebido do mesmo. Finalmente, após muitos sufocos, ele descobre, por um pequeno buraco, o caminho para sair da caverna e voltar para a cidade com Becky.

Os momentos em que os personagens estavam presos na caverna, eles se debilitaram com a árdua tarefa de conseguir escapar de toda a situação em que se encontravam. Uma vez que Tom se sentia recuperado, ele vai visitar Becky. Ele se depara com o juiz Thatcher, que lhe diz que a entrada da caverna foi fechada com uma porta metálica. Tom diz ao juiz que Injun Joe ainda estava preso no local. Os habitantes da cidade correm para a caverna e acham Joe morto na entrada da caverna.

Logo depois, Tom diz a Huck que ele sabe onde está escondido o tesouro. Novamente, eles voltam para a temível caverna, onde eles encontram o tesouro escondido em uma câmara secreta e sob uma cruz. Eles são interceptados em seu caminho de volta e são levados à casa da viúva Douglas. A bravura de Huck é revelada e a personagem diz a todos que, daquele dia em diante ela vai cuidar do menino. Tom corre e pega o dinheiro, coloca sobre a mesa e a quantia é dividida em duas partes. Assim, Tom e Huck recebem uma quantia considerável em dinheiro. Porém, Huck logo se cansa de conviver em sociedade e decidiu fugir para a floresta as margens do

rio. Entretanto, Tom convence o amigo a voltar para a vila e viver por mais algum tempo em sociedade.

O romance, com a primeira publicação datada de 1876 nos Estados Unidos, é destinado ao público infantojuvenil e é composto por trinta e cinco capítulos, antecidos por um curioso e esclarecedor “*Preface*⁶⁹” e encerrado por uma “*Conclusion*⁷⁰”. Apesar da presença de discurso indireto livre, um narrador onisciente fica responsável pelo controle e apresentação das aventuras e também dos personagens no decorrer do grande espetáculo de figuração social apresentado no texto narrativo de Twain.

Semelhante a outros garotos, a imaginação de Tom proporciona aventuras, mesmo que estas causem acidentes e ferimentos, pois o importante era se divertir e se sentir um grande explorador. Desse modo, ele não configura um modelo de garoto exemplar, assim como declarado pelo próprio personagem no texto narrativo: “He was not the Model Boy of the village. He knew the model boy very well though – and loathed him⁷¹” (TWIN, 2014, p.14). Sid é um verdadeiro *goody-two-shoes*⁷² e ele nunca teve muita coisa boa a dizer sobre Tom. Em alguns momentos da narrativa, parece, até mesmo, que Sid tem prazer em provocar Tom. Sid não pode ser considerado maldoso como os outros garotos, pois quando Tom se queixa de que seu dedo do pé está "mortificado", seu meio-irmão parece genuinamente preocupado com a situação apresentada por Tom.

Assim, não devemos esquecer de apresentar considerações sobre a personagem Mary, a prima de Tom. Ela ajuda Tom a memorizar seus versículos da Bíblia e Tom memoriza o suficiente para receber dois prêmios da Bíblia na escola dominical. Mesmo quando Tom é o mais incorrigível, ela, geralmente, encontra algo para defender o primo. Ela é o antídoto para irmão irritante de Tom.

A tia Polly pode ser considerada como uma importante mentora para Tom, o que, algumas vezes, pode resultar em castigos ou ser atingido com um dedal - uma punição que

⁶⁹ Prefácio.

⁷⁰ Conclusão.

⁷¹ [Trad. Porto, 2013, p.21: “Tom não era o menino modelo da aldeia. Conhecia muito bem quem o era, e detestava-o”].

⁷² Termo presente no texto *The History of Little Goody Two-Shoes* (1765), de Oliver Goldsmith (1728-1774) que no século XVIII se referia a uma pessoa que sempre agia pela boa conduta, de expressão doce ou agradável, e que seguia perfeitamente as regras, assim nunca realizando nada de ruim ou rebelde. Posteriormente temos a variação antônima *goody-goody*. No século XXI essas duas expressões carregam teor positivo e não são utilizadas entre os falantes nativos.

parece extremamente leve quando comparada aos golpes perversos do professor da escola dominical. A verdade é que a tia Polly, considerando todas as peripécias de Tom, pode ser um pouco tola com suas curas milagrosas, superstições e fracas tentativas de atrair Tom para a boa conduta – mas o mundo da liberdade é mais atraente para o menino.

Já a personagem viúva Douglas é uma senhora benevolente que vive em uma casa grande no topo de uma colina. Ao longo do romance não ouvimos muito sobre ela, até o momento que Huck encontra Injun Joe e ouve a explicação sobre como ele iria se vingar de um fato passado realizado pelo falecido marido da viúva contra o mesmo, que tinha flagelado Joe – seu plano seria entrar na casa e assassinar sua moradora. Huck salva o dia obtendo a ajuda para reverter o plano de Injun Joe, em gratidão, a mesma concorda em levar Huck para sua própria casa e “civilizar” o garoto.

As peripécias de Tom ocorrem em dois diferentes mundos, mesmo vivendo em uma vila ribeirinha de São Petersburgo. Seu primeiro mundo corresponde a sua casa, onde vivia com a tia Polly, que adotou Tom quando seus pais faleceram, Sidney e Mary. Nesse ambiente, o personagem recebe uma educação dúbia, que em alguns momentos proporciona liberdade e, às vezes, reclusão; o que resulta em uma grande influência para sua personalidade instável, que em alguns momentos mostra-se puro e ingênuo, mas em outras passagens temos uma personalidade manipuladora e sagaz. O estudo do fenômeno da imagem poética esclarece o problema da imagem nos textos literários, essa compreendida como um produto direto do coração, da alma e do ser humano. O leitor não deve interpretar a imagem como um objeto, mas necessita associar o ato da consciência criadora ao produto da consciência. Pensando pelo viés da dialética, Jameson nos aponta que a superfície do texto contém contradições harmonizadas pelas *estratégias de contenção*. Portanto, o teórico nos atenta para a necessidade do desenvolvimento destas estratégias para avançarmos a leitura para além da superfície do texto.

Cada imagem poética acarreta um efeito para diferentes leitores. Segundo Bachelard (1978, p. 187-188), “é depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias sentimentais, recordações do nosso passado”. É na superfície do texto que as imagens poéticas revelam sua profundidade, “a imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e num devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser” (BACHELARD, 1978, p. 188).

A casa figura os valores da intimidade interior do ambiente domiciliar que, ao mesmo tempo, se mostra de maneira complexa e exprime valores fundamentais. Segundo Bachelard (1978, p. 200), “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”. Devemos nos atentar para os valores do espaço habitado, esse “não-eu” que protege o “eu”.

Portanto, a casa de Polly figura um ambiente que deveria sempre estabelecer o ensinamento religioso, moral e dos bons costumes conforme ditados pela sociedade norte-americana do século XIX. Contudo, a organização familiar se diferenciava da totalidade, pois essa era formada por uma mulher e suas crianças. Além disso, como observamos no episódio da tentativa de violência contra a viúva Douglas, Huck procura em uma casa a ajuda necessária para impedir a tentativa de Injun Joe, personagem representante da população indígena marginalizada no momento de produção do romance. Em alguns momentos, alguns personagens se referem a esse personagem utilizando um estereótipo ofensivo. Com a leitura e desenvolvimento do romance, fica consciente uma divisão racial e o tratamento como uma pessoa inferior aos demais personagens presentes no texto literário.

No momento em que Huck necessita de ajuda para lidar com toda a situação, ele encontra a porta da casa fechada, para Bachelard (1978, p. 342) “a porta esquematiza duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneios. Às vezes, ei-la bem fechada, aferrolhada, fechada com cadeado. Às vezes, ei-la aberta, ou seja, escancarada”. No primeiro momento, pela dúvida do morador sobre o caráter do personagem-narrador, a porta não se abre. Mas, com o estabelecimento de um diálogo e verificação da boa ação de Huck, o dono da casa decide recebê-lo em seu lar, ambiente que figura segurança e conforto para seus familiares.

Outro ponto que devemos observar é que o morador dessa residência é um estrangeiro, um galês, representando, dessa forma, a interferência de outras civilizações sobre os habitantes nativos da grande casa chamada “Estados Unidos da América”.

O desbravamento do ambiente externo é acompanhado pelo amigo Huckleberry Finn. Nesse momento, o personagem adentra um local às margens da sociedade “sivilizada⁷³”, onde a liberdade e a malandragem imperam, das quais Tom utiliza para tirar vantagem dos demais

⁷³ Mantemos a grafia da palavra de forma incorreta para se aproximar do registro do dialeto sulista empregado pelo autor nos romances em análise. Assim, essa observação pelos leitores se configura em elemento chave para a proposta abordada no presente trabalho.

personagens, fugir das regras impostas e viver com intensidade suas armações mirabolantes – assim são apresentados, para o leitor, as desventuras de Tom Sawyer.

Um segundo espaço que deve ser considerado para a análise em *Tom Sawyer* seria a caverna. Nos capítulos que se desenvolvem na preparação para o encerramento do romance, Tom e Becky, amor juvenil do garoto, ficam presos na caverna depois de se separem do grupo que estava explorando o ambiente em um final de tarde. A imagem dialética do exterior e do interior comanda os pensamentos positivos e negativos dos seus reféns. Nesse momento fica evidente o jogo entre o sim, que seria a possibilidade de serem resgatados do labirinto da caverna, e o não, a impossibilidade de voltar para a vida que levavam no exterior da caverna. Como apontado por Bachelard (1974, p. 336):

O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixável-lo, queremos transcender todas as situações para lhe dar uma situação de todas as situações. Confronta-se então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades.

Desse modo, fica evidente que o garoto intercala seus conhecimentos adquiridos nesses dois mundos. Com a companhia de Huck, participa de um feitiço no cemitério da vila para espantar bruxas, e utilizam um gato morto encontrado por seu amigo. Infelizmente, nesse momento os garotos presenciam um assassinato cometido por Injun Joe. A partir disso, os meninos precisam, zelando pelo próprio bem-estar e de seus familiares, manter em segredo esse fato. Entretanto, Tom, ao saber que um dos antigos moradores da vila estava sendo acusado pelo crime, decide revelar o verdadeiro assassino na frente do tribunal de julgamento do acusado.

Assim, os meninos passam por dias de sufoco buscando manterem-se a salvo, assim como seus familiares. Apesar dessa situação, temos a fuga do grupo de amigos para um acampamento distante da sociedade “sivilizada” (civilizada), a criação de um bando de bandoleiros, simulação de assassinatos, e, assim como outras crianças de sua idade, traquinagens, mas Tom sempre ultrapassa o limite da esperteza e das ações comuns para uma criança de sua idade. O garoto foge da escola, se apaixona por Becky Thatcher, a nova garota na cidade que conquista seu coração, e mente para encobrir seus desaparecimentos para realizar suas malandragens com Huck Finn e Joe Harper, piratas e membros de uma gangue salteadora no estilo *Robin Hood*.

Para Mark Twain, a definição de literatura clássica era compreendida como “a book which people praise but don’t read⁷⁴” (RASMUSSEN, 2014, p. vii). Sua intenção com *Tom Sawyer* foi seguir o caminho contrário e nomeou seu romance como um livro que as pessoas leem, mas não elogiam. Contrariando suas palavras, logo após o primeiro ano da publicação, em 1876, *Tom Sawyer* foi traduzido para sessenta línguas estrangeiras e ganhou muitas edições. Se *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884-5) é considerado a obra-prima do autor, *Tom Sawyer*, por sua vez, é o trabalho do autor mais lido no momento de produção e na atualidade (RASMUSSEN, 2014). Segundo Rasmussen: “not only is it likely to be the volume most read, it is also likely to be the volume most roughly handled by children⁷⁵” (RASMUSSEN, 2014, p. vii).

No momento da produção de *Tom Sawyer*, Twain tinha em mente atender o público adulto, pois retomava lembranças da infância e pessoas com quem o autor teve contato nesse período; como apontado na conclusão do romance:

Most of the characters that perform in this book still live, and are prosperous and happy. Some day it may seem worthwhile to take up the story of the younger ones again and see what sort of men and women they turned out to be; therefore it will be wisest not to reveal any of that part of their lives at present (TWIN, 2014, p. vii).

Segundo Kent Rasmussen (2014) o texto de Twain tem pontos de aproximação com os romances da autora britânica J. K. Rowling (1965-), pois: “has apparently never publicly acknowledged a debt to Mark Twain, but it is difficult to imagine she was not at least partly inspired by Tom Sawyer⁷⁶” (RASMUSSEN, 2014, p. xii).

Similaridades entre os garotos Tom Sawyer e Harry Potter podem ser encontradas em suas aventuras, assim, as notáveis semelhanças não podem ser simples coincidências. Segundo a leitura de Kent Rasmussen:

Although Tom Sawyer’s age is never specified, it could easily be eleven – the same age as Harry Potter at the beginning of the later’s seven-volume saga. Both boys are orphans being raised by their dead mother’s sisters. Tom lives with a half-brother, Sid, his nemesis, whom he detests.

⁷⁴ [Trad. nossa: "um livro que louva o coletivo, mas eles não leem"].

⁷⁵ [Trad. nossa: "não só é provável que seja o volume mais lido, também é provável que seja o volume mais procurado por crianças"].

⁷⁶ [Trad. nossa: "aparentemente, nunca reconheceu publicamente algum débito de Mark Twain, mas é difícil imaginar que ela não foi, pelo menos parcialmente, inspirada por Tom Sawyer"].

Harry's nemesis, with whom he lives, is his despised cousin, Dudley. Tom's closest buddy is Huckleberry Finn, "the juvenile pariah of the village" and poorest and most disreputable boy he could possibly befriend. Harry's best friend is Ron Weasley, not exactly a disreputable boy, but as a member of a notoriously impoverished family he is the frequent target of insults and disrespectful jokes. Harry experiences most of his adventures in the company of Ron and their female mutual friend, Hermione Granger. Tom experiences his most harrowing adventures with Huck and with his sweetheart, Becky Thatcher⁷⁷ (RASMUSSEN, 2014, p. xii-xiii).

Outros pontos semelhantes entres os personagens e os romances podem ser mencionados, como por exemplo a quebra das regras, a generosidade e a necessidade de arriscar para viver aventuras com seus amigos, como explicado por Kent Rasmussen (2014, p. xiii), "although both Harry Potter and Tom Sawyer are notorious for breaking rules and flouting authority, both have big hearts, emerge triumphantly as heroes⁷⁸".

Alguns leitores poderiam apontar que o uso do universo mágico na elaboração dos textos de J. K. Rowling poderia ser a diferenciação que colocaria o texto de Twain como distante dessa possível comparação entre obras. Entretanto, apesar dessa oposição ser verdadeira, o personagem Tom acredita, a partir da leitura de *Tom Sawyer*, em poderes mágicos e até mesmo considera que uma senhora, conhecida no romance como "old Mother Hopkins⁷⁹", seria uma bruxa real. Destarte, Rasmussen (2014, p. xiii) complementa que:

He believes dead cats can cure warts, properly performed rituals and incantations can find lost marbles, and anyone who violates an oath signed in blood with the proper "dismal ceremonies and incantations" will drop dead. His belief in magic is strong enough, in fact, to help drive Tom Sawyer's narrative – especially his fear of the consequences of

⁷⁷ [Trad. nossa: "Embora a idade de Tom Sawyer nunca seja especificada, poderia ter até onze anos de idade - a mesma idade que Harry Potter no início da saga de sete volumes posterior. Ambos os meninos são órfãos criados pelas irmãs da mãe assassinadas. Tom vive com seu meio irmão, Sid, seu inimigo, a quem ele detesta. O inimigo de Harry, com quem ele mora, é seu primo desprezado, Dudley. O amigo mais próximo de Tom é Huckleberry Finn, "o paria juvenil da aldeia" e o menino mais pobre e desconsiderável que ele poderia ter como amigo. O melhor amigo de Harry é Ron Weasley, não exatamente um menino de má reputação, mas como membro de uma família notoriamente empobrecida, ele é o alvo frequente de insultos e piadas desrespeitosas. Harry experimenta a maioria de suas aventuras na companhia de Ron e de sua amiga comum, Hermione Granger. Tom experimenta suas mais angustiantes aventuras com Huck e com seu querido, Becky Thatcher"].

⁷⁸ [Trad. nossa: "embora Harry Potter e Tom Sawyer sejam famosos por quebrar regras e desrespeitar autoridades, ambos têm grandes corações, emergem triunfalmente como heróis"].

⁷⁹ [Trad. nossa: "velha mãe Hopkins"].

breaking a blood oath. Tom would almost certainly jump at the chance of having magical powers like those of Harry if they were offered to him⁸⁰.

Em julho de 1875, quando finalizou o romance, o autor se expressou na revista *Atlantic Monthly*, editada por Howells, afirmando que o romance *Tom Sawyer* não se destinava ao público juvenil: “It is not a boy’s book, at all. It will only be ready by adults. It is only written for adults⁸¹”. (TWIN apud RASMUSSEN, 2014, p. viii).

Quando Howells (1875) finalizou a leitura do manuscrito de *Tom Sawyer*, o editor classificou-o como um texto que, apesar de sua simplicidade, era impossível para a leitura, e afirmou que:

It’s altogether the best boy’s story I ever read. It will be an immense success. But I think you ought to treat it explicitly as a boy’s story. Grown-ups will enjoy it just as much if you do; and if you should put it forth as a study a boy character from the grown-up point of view, you’d give the wrong key to it⁸² (HOWELLS apud RASMUSSEN, 2014, p. viii).

Assim, Howells convence-se da necessidade de promover o livro como literatura adulta, pois o editor não compreendia como o termo “*adventures*⁸³” seria interpretado pelos jovens leitores. Twain não resiste em utilizar essa observação em seu prefácio para abranger o público alvo de sua obra. Assim, o autor nos alerta:

Although my book is intended mainly for the entertainment of boys and girls, I hope it will not be shunned by men and women on that account, for part of my plan has been to try to pleasantly remind adults of what they once were themselves, and of how they felt and thought and talked⁸⁴ [...] (TWIN apud RASMUSSEN, 2014, p. viii).

⁸⁰ [Trad. nossa: Ele acredita que os gatos mortos podem curar verrugas, rituais e encantamentos adequados podem encontrar mármores perdidos, e qualquer pessoa que viole um juramento assinado com sangue com as "cerimônias e encantamentos lúgubres", cairá morto. Sua crença na magia é suficientemente forte, de fato, para ajudar a conduzir a narrativa de Tom Sawyer - especialmente seu medo das consequências de quebrar um juramento de sangue. Tom quase certamente pulará a chance de ter poderes mágicos como os de Harry, se eles fossem oferecidos a ele].

⁸¹ [Trad. nossa: Na verdade, não é um livro de menino. Só será preparado por adultos. É escrito apenas para adultos].

⁸² [Trad. nossa: O livro é toda a história do melhor garoto que eu já li. Será um sucesso imenso. Mas acho que você deve tratá-lo explicitamente como uma história de menino. Os adultos irão apreciá-lo tanto, se você fizer isso; e se você colocá-lo como um estudo de um personagem menino do ponto de vista adulto, você daria a chave errada para isso].

⁸³ Aventuras.

⁸⁴ [Trad. nossa: Embora o meu livro se destine principalmente ao entretenimento de meninos e meninas, espero que não seja evitado por homens e mulheres por essa conta, pois parte do meu plano tem sido tentar agradar aos adultos o que eles mesmos eram lindamente, e de como sentiram e pensaram e falaram].

Desse modo, Mark Twain utilizou-se de um ponto válido. O romance apresenta passagens destinadas para o público adulto, pois essas poderiam deixar um jovem leitor perplexo ou com uma interpretação incorreta. O texto descreve sentenças que sugerem cinismo sobre os serviços da igreja, sobre a escola da vila ribeirinha, a malandragem, como exemplo, fazer com que os outros garotos paguem para pintar a cerca, a gangue dos garotos, entre outros. Essas artimanhas empregadas por Tom Sawyer serão contempladas no segundo nível de leitura e nomeadas por “Desventuras de Tom Sawyer”.

Os leitores adultos podem apreciar a ironia permeada nesse jogo presente, possivelmente, no imaginário adulto, mas certamente esses leitores desenhariam suas próprias conclusões. O autor escreveu uma nota sobre o carácter moral de Tom:

Tom... had discovered a great law of human action, without knowing it – namely, that in order to make a man or a boy covet a thing, it is only necessary to make the thing difficult to attain. If he had been a great and wise philosopher, like the writer of this book, he would now have comprehended that Work consists of whatever a body is obliged to do and that Play consists of whatever a body is not obliged to do⁸⁵ (TWIN apud RASMUSSEN, 2014, p. ix).

Isto é duvidoso e ambíguo, pois como os jovens leitores poderiam obter alguma lição de vida em passagem de uma história fictícia? O mundo em que Tom vive deve ser repensado por meio de duas distinções: o infantil e o adulto. As crianças e adultos possuem diferentes mundos culturais que, continuamente, estão em conflito na produção ficcional, o real e o imaginário nos textos literários.

O contato com a cultura de parte da sociedade norte-americana do meio oeste do século XIX - a estrutura governamental, a rotina das crianças, da igreja, das brincadeiras e formas de divertimentos infantis do momento de produção do texto literário de Twain pode configurar um estranhamento para as crianças norte-americanas do mundo contemporâneo.

Mesmo assim, Tom triunfa em suas invenções, pois mesmo leitores da era tecnológica (cinema, rádio, televisão, computadores, *videogames* e *smartphones*) são surpreendidos com sua capacidade de imaginação. Tom Sawyer é o resgate de um mundo onde se valorizam as relações

⁸⁵ [Trad. nossa: Tom ... descobriu uma grande lei da ação humana, sem saber disso - a saber, que, para fazer um homem ou um menino cobiçar uma coisa, só é necessário tornar a coisa difícil de alcançar. Se ele tivesse sido um grande e sábio filósofo, como o escritor deste livro, ele agora teria compreendido que o Trabalho consiste em tudo o que um corpo é obrigado a fazer e que Jogo consiste em qualquer coisa que um corpo não seja obrigado a fazer].

intrapessoais e não a supervalorização dos bens materiais. Assim, o personagem é um resgate da inocência da figuração desse princípio esquecido no mundo Pós-moderno do século XXI.

No ano de publicação de *Tom Sawyer*, 1876, os livros para o público infantojuvenil eram pensados para transmitir uma lição de moral para seus jovens leitores. Como exemplo, podemos destacar a série de Jacob Abbott, publicada entre 1830 a 1850, com títulos como *Rollo at Work*, *Rollo at Play* e *Rollo on the Atlantic*.

Assim como Abbott, William Taylor Adams (1822-1897) escreveu mais de cem livros para crianças que foram populares entre os garotos durante a segunda metade do século XIX. Outro autor lido nesse momento foi Horatio Alger (1832-1899), que publicou livros como *Ragged Dick; Or, Street Life in New York with the Bootblacks* (1868), que narra a história de um garoto pobre em seus trabalhos para a classe-média, mas muito honesto e determinado em seu trabalho. Desse modo, os livros do século XIX eram sobre crianças de exemplar conduta que encontravam sucesso em meio a adversidade do mundo.

Desse modo, a publicação de *Tom Sawyer* figurou uma mudança nas leituras populares entre os jovens. Comparado com os demais textos da época, indubitavelmente, *Tom Sawyer* age como anti-influente de boa moral e passa a visível valorização dos nomeados “*bad-boys*”⁸⁶. Porém, apesar dos leitores do século XIX desfrutarem da possibilidade de se burlar o controle dos adultos, suas leituras foram feitas considerando como era melhor ser “bom” do que um “garoto mal”. Assim, *Tom Sawyer* foi lido como aventuras de um “*bad-boy*”, mas salvo por suas ações no texto literário.

Portanto, *Tom Sawyer* possui em sua essência o ideal de um bom garoto, pois consegue separar dos momentos de diversão, a ação correta para determinada situação, como por exemplo, a entrega do verdadeiro assassino no julgamento de inocentes, a divisão de bens materiais e a importância dos laços de amizade.

Independentemente das intenções de Mark Twain com a produção de *Tom Sawyer*, o autor proporciona um registro, mesmo que de maneira metafórica, da sociedade norte-americana do século XIX a partir das histórias de uma família atípica de um vilarejo sulista e que pelo simples fato de configurar-se um relato das aventuras de um protagonista comum, perdura por mais de um século, fazendo com que sua produção seja lida e elogiada por diferentes crianças e adultos.

⁸⁶ Denominação para as crianças que não agiam como os *good two-shoes*.

Desse modo, talvez a questão mais pertinente seria identificar se as crianças e os adultos estão lendo o mesmo livro, visto que contradições são apresentadas no primeiro nível de leitura do texto literário. Assim, a ação de leitores cientes dos conflitos presentes da obra de Twain gera, constantemente, a partir da perspectiva que cada leitor acessa durante a leitura de um texto literário, visões distintas sobre *Tom Sawyer*. Destarte, a releitura proposta, com base na *periodização* do produto artístico, atentará para as divergências: relação familiar presente no romance, a condição de garoto não exemplar, o entendimento sobre a religião pelos personagens, os vestígios da colonização na configuração social dos Estados Unidos no século XIX e as desventuras de Thomas Sawyer.

2.2 Segundo nível de leitura: questionando padrões

Mark Twain cria dois personagens, Tom e Huck, para narrar uma história sobre o período da infância em uma vila ribeirinha. Desse modo, encontramos personagens que figuram (JAMESON, 1992), uma parte da sociedade e da cultura norte-americana do século XIX, como apresentado no prefácio de *Tom Sawyer*: “The odd superstitions touched upon were all prevalent among children and slaves in the West at the period of this story – that is to say, thirty or forty years ago ⁸⁷” (TWIN, 2014). Supostamente, as superstições e saberes folclóricos mencionados no texto são oriundas do estado de Missouri da infância de Twain. Em um dos momentos da narrativa, os personagens Tom e Huck tinham ideias definitivas sobre a melhor maneira de curar as verrugas. Em um primeiro momento, Tom sugere “água espalhafatosa”, água da chuva em um toco de árvore podre. Entretanto, a prescrição favorita de Huck exigia uma simpatia com um gato morto:

Why you take your cat and go and get in the graveyard ‘long about midnight when somebody that was wicked has been buried; and when it’s midnight a devil will come, or maybe two or three, but you can’t see ‘em, you can only hear something like the wind, or maybe hear ‘em talk; and when they’re taking that feller away, you heave your cat after ‘em and

⁸⁷ [TWIN, 2014, n.p.: The odd superstitions touched upon were all prevalent among children and slaves in the West at the period of this story – that is to say, thirty or forty years ago.] [TWIN, 2013, p.13: Todas as bizarras superstições predominavam no meio de crianças e escravos no Oeste americano no período desta história, isto é, trinta ou quarenta anos atrás.]

say ‘Devil follow corpse, cat follow devil, warts follow cat, I’m done with ye!’ That’ll fetch any wart⁸⁸ (TWIN, 2014, p. 48).

A constituição familiar presente em *Tom Sawyer* tem como base uma estrutura peculiar e que difere dos demais grupos familiares da sociedade sulista dos Estados Unidos do século XIX. Assim, Tom Sawyer, Huck Finn, tia Polly, prima Mary e outros personagens presentes no romance, sempre necessitam de um olhar atento e cuidadoso por parte da crítica literária e por parte dos leitores. O texto literário se apresenta como divertido, sapiência, trapaça, mas, antes de tudo, é sonho, ingenuidade e laços de vidas.

A personagem Polly, personagem feminina, apresenta uma maior ligação e contato de impacto para a formação de Tom Sawyer. Logo no início do romance, temos a demonstração da repressão e educação, sistematizada pela moral religiosa, como podemos observar em:

I ain’t doing my duty by that boy, and that’s the Lord’s truth, goodness knows. Spare the rod and spile the child, as the Good Book says. I’m a laying up sin and suffering for us both, I know. He’s full of the Old Scratch, but laws-a-me! he’s my own dead sister’s boy, poor thing, and I ain’t got the heart to lash him, somehow⁸⁹ (TWIN, 2014, p.12).

Desse modo, seguindo os conhecimentos passados por sua família e, presumivelmente, reproduzindo saberes da infância de tia Polly, o garoto apreende os valores de um “bom cidadão” que convive em sociedade e segue todas as diretrizes ditadas por uma coletividade, que mesmo sendo uma minoria e branca, possui credibilidade e respeito da maioria – esta não participa ativamente do estabelecimento desse senso comum. Entretanto, Tom sempre reflete sobre essas questões, e, em momentos de perspicácia juvenil, atinge e abala as regras impostas. Como exemplo de quebra de paradigmas, podemos citar o faltar à escola para pescar ou nadar no rio, manter amizade com o personagem marginalizado Huck Finn, ser o chefe de um grupo de

⁸⁸ [Trad. Porto, 2013, p. 63: - Ah, a gente pega o gato e vai ao cemitério, por volta da meia-noite, quando se enterrou alguém mau naquele dia, ao soar meia-noite virá um diabo, ou dois, ou três, só que a gente não os vê, mas ouve apenas algo semelhante ao vento, ou talvez os escute falarem; e quando começam a levar o sujeito morto embora, levanta o gato atrás deles e diz: “Diabo segue cadáver, gato segue diabo, verrugas seguem o gato, que me livro de vocês!” Isso arranca qualquer verruga.]

⁸⁹ [Trad. Porto, 2013, p.18: Deus sabe que não tenho cumprido meus deveres com este menino, como recomenda a verdade do Senhor nas seguintes palavras da Bíblia: “Poupe a vara e estrague o filho”. Sei que estou reservando um futuro de pecado e sofrimento para nós dois. Tom tem o bicho-carpinteiro da cabeça aos pés, mas, ai de mim, ele é o filho, pobre criança, de minha falecida irmã, e falta-me coragem para castigá-lo com umas boas chineladas].

meninos, almejando ser pirata e fugir com seus dois melhores amigos para distante da civilização.

Além do mais, depois da consideração anterior sobre as atitudes de um “*bad boy*”, a tia de Tom sugere para aos leitores que seu afilhado não gostava de realizar trabalhos que eram solicitados:

He'll play hookey this evening, and I'll just be obleeged to make him work, tomorrow, to punish him. It's mighty hard to make him work Saturday, when all the boys is having holiday, but he hates work more than he hates anything else, and I've got to do some of my duty by him, or I'll be the ruination of the child⁹⁰ (TWIN, 2014, p.12).

Desse modo, Tom Sawyer não seria o exemplo de um bom garoto. Mas o leitor pode observar que o trabalho, considerando a família irregular de tia Polly, não era tarefa somente das pessoas escravizadas, as crianças também participavam dos afazeres do cotidiano familiar:

Tom did play hookey, and he had a very good time. He got back home barely in season to help Jim, the small colored boy, saw next-day's wood and split the kindlings before supper – at least he was there in time to tell his adventures to Jim while Jim did three-fourths of the work. Tom's younger brother (or rather, half-brother) Sid, was already through with his part of the work (picking up chips) for he was a quiet boy, and had no adventurous, troublesome ways⁹¹ (TWIN, 2014, p.12-13).

O personagem não era o exemplo a que sua tia ambicionava, e até mesmo sabia que seu meio-irmão, Sid, seria a imagem que deveria seguir, como apresentado pelo narrador do romance: “He was not the Model Boy of the village. He knew the model boy very well though – and loathed him⁹²” (TWIN, 2014, p.14). Porém, distante dessa observação feita pelo narrador, os leitores podem se identificar muito com o exemplo de um menino que não deveria ser referência de um modelo a ser seguido pelos demais: “Monday morning found Tom Sawyer

⁹⁰ [Trad. Porto, 2013, p.19: Ele vai matar aula esta tarde, e amanhã simplesmente serei obrigada a fazê-lo trabalhar para puni-lo. No entanto, considero uma atitude severa demais fazê-lo trabalhar aos sábados, quando a escola dá folga a todos os meninos, mas ele detesta o trabalho acima de tudo mais, e é desnecessário dizer que preciso cumprir parte de meu dever como educadora, sem o qual eu contribuiria para a ruína da criança.]

⁹¹ [Trad. Porto, 2013, p. 19: Tom matou aula mesmo, e divertiu-se à beça. Voltou para casa mal a tempo de ajudar Jim, o escravo negrinho, a serrar a lenha para o dia seguinte e rachar os gravetos para acender o fogo antes do jantar, pelo menos chegou a tempo para contar as aventuras a Jim, enquanto este fazia três quartos do trabalho. O irmão, ou melhor, meio-irmão mais novo de Tom, Sid, já terminara a parte da tarefa que lhe cabia: juntar e pegar os gravetos, pois era um menino tranquilo que não tinha hábitos aventureiros nem preocupantes.]

⁹² [Trad. Porto, 2013, p. 21: Tom não era o menino modelo da aldeia. Conhecia muito bem quem o era, e detestava-o.]

miserable. Monday morning always found him so – because it began another week’s slow suffering in school⁹³” (TWIN, 2014, p. 43).

Tom sempre era culpado por alguma travessura ou algo que desagradasse sua mentora. Em uma das passagens do romance, Twain aborda o julgamento e pré-responsabilidade por algum ato errôneo, sem a verificação da situação e dos fatos – algo que coloca em controvérsia a educação religiosa pregada por tia Polly e que se mantêm para os leitores contemporâneos:

Presently she stepped into the kitchen, and Sid, happy in his immunity, reached for the sugar-bowl- a sort of glorying over Tom which was well-nigh unbearable. But Sid’s fingers slipped and the bowl dropped and broke. Tom was in ecstasies. In such ecstasies that he even controlled his tongue and was silent. He said to himself that he would not speak a word, even when his aunt came in, but would sit perfectly still till she asked who did the mischief; and then he would tell, and there would be nothing so good in the world as to see that pet model “catch it.” He was so brim-full of exultation that he could hardly hold himself when the old lady came back and stood above the wreck discharging lightnings of wrath from over her spectacles. He said to himself, “Now it’s coming!” And the next instant he was sprawling on the floor! The potent palm was uplifted to strike again when Tom cried out: “Hold on, now, what’er you belting me for? – Sid broke it!” Aunt Polly paused, perplexed, and Tom looked for healing pity. But when she got her tongue again, she only said: “Um! Well, you didn’t get a lick amiss, I reckon. You been into some other audacious mischief when I wasn’t around, like enough.” Then her conscience reproached her, and she yearned to say something kind and loving; but she judged that this would be construed into a confession that she had been in the wrong, and discipline forbade that⁹⁴ (TWIN, 2014, p. 26).

⁹³ [Trad. Porto, 2013, p. 57: A manhã de segunda-feira encontrou Tom agoniado. Sempre acordava assim nas manhãs de segundas-feiras, porque tinha início o lento sofrimento de mais uma semana na escola.]

⁹⁴ [Trad. Porto, 2013, p. 36-37: Logo em seguida, tia Polly entrou na cozinha, e Sid, feliz em sua imunidade, estendeu a mão para pegar o açucareiro, com um olhar de jactância para Tom quase insuportável. Mas o açucareiro escorregou-lhe dos dedos, caiu e se quebrou. Tom ficou em êxtase. Tão extasiado que até controlou a língua e calou-se. Disse a si mesmo que não pronunciaria uma palavra até a tia entrar, mas permaneceria inteiramente imóvel até ela perguntar quem cometera; e então ele contaria, e nada seria tão bom no mundo quanto ver aquele filhote de estimação modelo “desmascarado”. Sentia-se tão repleto de exultação que mal conseguiu conter-se quando a velha senhora voltou, parou diante do destroço e descarregou raios de ira por cima dos óculos. Tom disse a si mesmo: “É agora que o bicho vai comer!”. Mas no momento seguinte se achava estatelado no chão! A tia levantava a forte palma da mão para dar-lhe mais uma palmada, quando o menino gritou: -Pare, ora, pelo que está me batendo? Foi Sid quem o quebrou! Tia Polly parou perplexa, e Tom encarou-a com um olhar suplicante. Mas quando recuperou a fala, ela apenas disse: - Hum! Bem, suponho que não falem motivos para lhe dar uma sova. É bem provável que você tenha cometido alguma outra travessura audaciosa, quando eu não me encontrava por perto. Então a consciência repreendeu-a e a fez desejar dizer-lhe algo amável e afetuoso ao sobrinho; mas julgou que isso seria interpretado como uma confissão de que cometera uma injustiça, e a disciplina proibia tal atitude].

Assim, as questões que tocam o campo religioso não poderiam deixar de ser um ponto questionável no texto literário de Twain. Como vimos, primeiramente, com os preceitos estabelecidos de tia Polly, que carrega a carga do puritanismo presente anteriormente na colonização e, como eco nas décadas posteriores a esse momento histórico e representativo para os Estados Unidos, Tom questiona a ação da “*Sunday School*”⁹⁵ e o poder empregado pela religião na sociedade, como temos no presente trecho:

“O, Tom, I reckon we’re goners. I reckon there ain’t no mistake ‘bout where I’ll go to. I been so wicked.” “Dad fetch it! This comes of playing hookey and doing everything a feller’s told not to do. I might a been good, like Sid, if I’d a tried – but no, I wouldn’t, of course. But if ever I get off this time, I lay I’ll just waller in Sunday-schools!” And Tom began to snuffle a little. “You bad!” and Huckleberry began to snuffle too. “Consound it, Tom Sawyer, you’re just old pie, ‘longside o’what I am. O, lordy, lordy, lordy, I wish I only had half your chance”⁹⁶ (TWIN, 2014, p. 74-75).

As ações de Tom e seu grupo de amigos, Huck e Joe, colocam em contrariedade as instituições sociais, tais como a família, escola, a igreja e até mesmo a opinião pública dos adultos sobre os “bons costumes” e “deveres de um cidadão do bem”. De fato, o reconhecimento da hipocrisia social, por parte dos personagens que figuram crianças no romance, será a chave para que o romance posterior, *The Adventures of Huckleberry Finn*, apresente-nos, com mais ênfase, a problemática em relação a questão racial. Muitas menções explícitas sobre a escravidão são realizadas no todo do romance.

Um caso particular deve ser a análise do personagem marginalizado Huck Finn. Filho do bêbado de São Petersburgo e figuração de como um cidadão de bem não poderia se apresentar diante da sociedade “civilizada”, era temido pelas mães da comunidade por demonstrar uma personalidade ociosa, anárquica, malcriada e malvada. Entretanto, todas as crianças o admiravam pelo seu estilo de vida e liberdade. A companhia de Huck era proibida e Tom, como os demais

⁹⁵ Escola dominical.

⁹⁶ [Trad. Porto, 2013, p. 94: – Ai, Tom, creio que desta vez vamos partir mortinhos da Silva desta vida. E acho que tenho certeza do lugar para onde *irei*. Tenho sido muito mau! - Eu fiz por onde! Veja o que resulta matar aula e fazer tudo que ensinam um garoto a não fazer. Eu poderia ter sido bem, como Sid, se tivesse tentado! Mas claro que eu não queria. Juro, porém, que, se eu conseguir me livrar desta vez, vou levar muito a sério os estudos na escola dominical! E Tom começou a choramingar baixinho. - *Você*, mau! – exclamou Huckleberry e também se pôs a choramingar. – Com os diabos, Tom Sawyer, você não passa de um anjinho comparado com o que *sou*. Ó *Senhor*, Senhor, Senhor, quisera eu ter apenas a metade de sua chance, Tom!]

meninos, inveja seu conhecimento popular - que não estava nos livros da escola, nos sermões da igreja e na escola dominical, seu vasto vocabulário de baixo calão e sua condição marginal – no sentido de não ser obrigado a frequentar a escola, se comportar e ir à igreja. Em umas das importantes passagens da narrativa, temos a descrição desse personagem, chave para a leitura do romance:

Huckleberry was always dressed in the cast-off clothes of full-grown men, and they were in perennial bloom and fluttering with rags. His hat was a vast ruin with a wide crescent lopped out of its brim; his coat, when he wore one, hung nearly to his heels and had the rearward buttons far down the back; but one suspender supported his trousers; the seat of the trousers bagged low and contained nothing; the fringed legs dragged in the dirt when not rolled up. Huckleberry came and went, at his own free will. He slept on door-steps in fine weather and in empty hogsheads in wet; he did not have to go to school or to church, or call any being master or obey anybody; he could go fishing or swimming when and where he chose, and stay as long as it suited him; nobody forbade him to fight; he could sit up as late as he pleased; he was always the first boy that went barefoot in the spring and the last to resume leather in the fall; he never had to wash, not put on clean clothes; he could swear wonderfully. In a word, everything that goes to make life precious, that boy had. So, thought every harassed, hampered, respectable boy in St. Petersburg⁹⁷ (TWIN, 2014, p. 46).

Entretanto, Huck, por estar à margem da sociedade, pode transitar entre o mundo civilizado e marginal, questionando seus valores e concluindo, até mesmo, que seu universo se configura um ambiente humanitário e consciente, mesmo sendo repreendido pelo preconceito dos adultos, como temos em: “Why who are you?” “Huckleberry Finn – quick, let me in!”

⁹⁷ [Trad. Porto, 2013, p. 60-61: Huckleberry sempre se vestia com trajes descartados de adultos, muito grandes para ele, dos quais esvoaçavam perenes farrapos. Usava um chapéu que consistia numa enorme ruína com a aba sem uma larga meia-lua; o paletó, quando o punha, batia-lhe quase na altura dos calcanhares, e exibia os botões de trás bem abaixo nas costas; os fundilhos da calça, segura por um suspensório, pendiam frouxos do traseiro, sem nada para recheá-los, as bainhas das pernas desfiadas arrastavam-se na terra, quando não enroladas. Huckleberry ia e vinha ao sabor de sua livre vontade. Dormia nos degraus de acesso às portas das casas no tempo bom e, quando chovia, dentro de barris vazios; não tinha de ir à escola nem à igreja, nem chamar alguém de senhor e tampouco obedecer a ordens de ninguém; podia ir pescar ou nadar quando e onde preferisse, e ali permanecer pelo tempo que quisesse; ninguém o impedia de lutar e dormia até tão tarde quanto quisesse. Era sempre o primeiro a andar descalço na primavera, e o último a voltar a calçar sapatos de novo no outono; nunca precisava lavar-se nem pôr roupas limpas; colecionava maravilhosos xingamentos que proferia quando lhe desse na telha. Em suma, o rapazola tinha tudo que contribui para tornar a vida preciosa. Assim achavam todos os meninos respeitáveis de St. Petersburg, cujos pais impunham ordens, disciplina e restrições.]

“Huckleberry Finn, indeed! It ain’t a name to open many doors, I judge! But let him in, lads, and let’s see what’s the trouble⁹⁸” (TWIN, 2014, p. 178).

Essa imagem pré-concebida de Huck Finn, contudo, se transforma a partir da ajuda para com os moradores da vila ribeirinha e as ações para com a segurança coletiva e da viúva Douglas, algo que causa estranhamento pelo personagem:

Huck’s scared voice answered in a low tone: “Please let me in! It’s only Huck Finn!” “It’s a name that can open this door night or day, lad! – and welcome!” These were strange words to the vagabond boy’s ears, and the pleasantest he had ever heard. He could not recollect that the closing word had ever been applied in his case before. The door was quickly unlocked, and he entered⁹⁹ (TWIN, 2014, p.179).

Assim como Huck Finn, os *African Americans*, descritos como *colored boy*, *negroes*, e *niggers*, são compreendidos como as pessoas que foram escravizadas nas lavouras ao longo do Sul escravocrata dos Estados Unidos; e isso enriqueceu seus romances com conhecimentos folclóricos compartilhados pelo coletivo.

2.2.1 As desventuras de Tom Sawyer

O primeiro episódio dessas séries de eventos pode ser identificado logo nos primeiros capítulos do romance e se remete ao momento em que outros garotos pagam para pintar a cerca branca da casa da tia Polly. Esse trabalho foi passado para Tom como forma de punição por faltar à escola, logo no capítulo I:

He’ll play hookey this evening. And I’ll just obleeged to make him work, tomorrow, to punish him. It’s mighty hard to make him work Saturdays, when all the boys is having holiday, but he hates work more than he hates

⁹⁸ [Trad. Porto, 2013, p. 217: -A que se deve esta barulhada? Quem espanca a porta? O que é que você quer? -Deixe-me entrar, rápido! Contarei tudo. - Por quê? Quem é você? - Huckleberry Finn, rápido, deixe-me entrar! - Huckleberry Finn, ora só! Em minha opinião, não soa um nome que faça abrir muitas portas! Mas deixem-no entrar, rapazes, e vejamos qual é o problema.]

⁹⁹ [Trad. Porto, 2013, p. 179: A apavorada voz de Huck respondeu num tom baixo: - Por favor, deixe-me entrar! Sou só Huck Finn! - É um nome que pode abrir esta porta de dia ou de noite, rapazinho! E sempre será bem-vindo! Estranhas palavras para os ouvidos do menino vagabundo, e as mais agradáveis que já ouvira em toda a vida. Não se lembrava de que alguma vez se houvesse empregado a última no seu caso antes. Logo se abriu a porta e ele entrou.]

anything else, and I've got to do some of my duty by him, or I'll be the ruination of the child¹⁰⁰ (TWIN, 2014, p.12).

Assim, utilizando uma estratégia para tornar a tarefa ao sábado em algo simples e com tom artístico, Tom, ultrapassando a lógica, faz com que as pessoas paguem para fazer seu próprio trabalho:

He began to think of the fun he had planned for this day, and his sorrows multiplied. Soon the free boys would come tripping along on all sorts of delicious expeditions, and they would make a world of fun of him for having to work – the very thought of it burnt him like fire. He got out his worldly wealth and examined it – bits of toys, marbles, and trash; enough to buy an exchange of work, maybe, but not half enough to buy so much as half an hour of pure freedom. So he returned his straightened means to his pocket, and gave up the idea of trying to buy the boys. At this dark and hopeless moment an inspiration burst upon him! Nothing less than a great, magnificent inspiration¹⁰¹ (TWIN, 2014, p.19).

Ainda nesse momento do romance, temos o diálogo com o personagem Jim. Tom tenta fazer com que o pequeno Jim, aqui figurado por uma criança, realize o trabalho ordenado por sua mentora, mas este avisa que recebeu orientações para não auxiliar o outro garoto, como podemos observar no trecho em que o dialeto sulista se mantém e enriquece o texto literário:

“Say, Jim, I'll fetch the water if you'll whitewash some.”

Jim shook his head and said:

“Can't, Mars Tom. Ole misses, she tole me I got to go an' git dis water an' not stop foolin' roun' wid anybody. She say she spec' Mars Tom gwine to ax me to whitewash, an' so she tole me fo 'long an' 'tend to my own business – she 'lowed she'd 'tend to de whitewashin'.”

“Oh, never you mind what she said, Jim. That's the way she always talks. Gimme the bucket – I won't be gone only a minute. She won't ever know.”

¹⁰⁰ [Trad. Porto, 2013, 19: Ele vai matar aula esta tarde, e amanhã simplesmente serei obrigada a fazê-lo trabalhar para puni-lo. No entanto, considero uma atitude severa demais fazê-lo trabalhar aos sábados, quando a escola dá folga a todos os meninos, mas ele detesta o trabalho acima de tudo mais, e é desnecessário dizer que preciso cumprir parte de meu dever como educadora, sem o qual eu contribuiria para a ruína da criança.]

¹⁰¹ [Trad. Porto, 2013, p. 24: Começou a pensar nas diversões que planejara para aquele dia e suas chateações aumentaram. Logo os companheiros livres de castigo iam começar a passar por ali rumo a todo tipo de deliciosas expedições, e zombariam muito dele por ter de trabalhar. Só de pensar nisto, fazia-o arder de raiva. Tirou do bolso toda a fortuna material que tinha e examinou-a: pedaços de brinquedos, bolas de gudes e coisas inúteis; talvez o suficiente para comprar uma troca de trabalho, mas nem metade suficiente para comprar meia hora de pura liberdade. Assim, tornou a guardar nos bolsos os escassos bens, e desistiu da ideia de tentar comprar os meninos. Nesse momento sombrio e desesperançado, irrompeu-lhe uma inspiração. Nada menos, que uma esplêndida e magnífica inspiração!]

“Oh, I dasn’t Mars Tom. Ole miss she’d take an’ tar de head off’n me. ‘Deed she would¹⁰²” (TWIN, 2014, p. 18-19).

Seguindo a personalidade de Tom, temos um segundo acontecimento a que devemos nos atentar. A participação dos jovens na escola dominical configura algo muito importante para os adultos da comunidade, mas uma necessidade odiada pelo protagonista, como podemos ver em: “So he go tinto the shoes snarling. Mary was soon ready, and the three children set out for Sunday-school – a place that Tom hated with his whole heart; but Sid and Mary were fond of it¹⁰³” (TWIN, 2014, p. 31). Na “*Sunday-school*” os alunos decoravam versículos bíblicos e recebiam um “*ticket*¹⁰⁴” de diferentes tonalidades para cada versículo decorado e recitado corretamente, como temos em:

Tom’s whole class were of a pattern – restless, noisy, and troublesome. When they came to recite their lessons, not one of them knew his verses perfectly, but had to be prompted all along. However, they worried through, and each got his reward – in small blue tickets, each with a passage of Scripture on it; each blue tickets was pay for two verses of the recitation. Ten blue tickets equaled a red one, and could be exchanged for it; ten red tickets equaled a yellow one: for ten yellow tickets the Superintendent gave a very plainly bound Bible, (worth forty cents in those easy times,) to the pupil¹⁰⁵ (TWIN, 2014, p. 32).

Pensando em ser tornar o merecedor do livro, Tom negocia os “*tickets*” com os outros garotos. Porém, não esperava que nesse dia o juiz da vila visitaria a escola dominical para

¹⁰² [Trad. Porto, 2013, p. 27: – Escute, Jim, vou buscar a água se você cair parte da cerca. Jim balançou a cabeça e respondeu: -Não posso, não, sinhozinho Tom. A véia dona me mandô pegá esta água e num pará pra perde tempo com inguém. Ela disse qui esperava qui o sinhozinho Tom ia me pedi pra caiá e mandô Jim nundá ouvido e cuidá du seu pópio trabaio, porque ela ia toma conta da caiação. - Oh, não ligue para o que ela disse. Você sabe que tia Polly sempre fala assim. Passe o balde que eu vou ficar fora só um minuto. Ela jamais vai saber. - Posso, não, sinhozinho Tom. A veia dona disse que vai arrancá minha cabeça e disse que vai arrancá mesmo.]

¹⁰³ [Trad. Porto, 2013, p. 43: Então enfiou os pés nos sapatos, aos grunhidos. Mary logo se aprontou e as três crianças saíram para a escola dominical, um lugar que Tom detestava de todo o coração, mas do qual Mary e Sid gostavam muito.]

¹⁰⁴ Cartões.

¹⁰⁵ [Trad. Porto, 2013, p. 44: Toda a turma de Tom exibia o mesmo padrão de comportamento: eram inquietos, ruidosos e bagunceiros. Quando se apresentavam para recitar as lições, nenhum sabia os versículos com perfeição, e tinham de ser lembrados das palavras esquecidas o tempo todo. Contudo, eles se esforçavam para aprender até o fim, e todos recebiam sua recompensa, em pequenos cartões azuis, no verso dos quais se lia uma passagem da Sagrada Escritura; cada cartão azul equivalia à recompensa por dois versículos recitados de cor. Dez azuis correspondiam a um vermelho e podiam ser trocados por esse; dez vermelhos valiam um amarelo, e em troca de dez cartões amarelos, o superintendente dava ao aluno uma Bíblia encadernada com muita simplicidade (saíam ao custo de quarenta centavos naqueles tempos felizes).]

conhecer e premiar o aluno exemplar de toda a turma. Tom surpreende a todos ao demonstrar o número de cartões colecionados e recebe o almejado prêmio das mãos de Jeff Thatcher.

Depois de receber sua Bíblia e as palavras gloriosas do juiz, Tom passa por uma situação humilhante quando recebe um questionamento dos visitantes – uma forma de testar seus conhecimentos bíblicos:

Tom was tugging at a button hole and looking sheepish. He blushed, now, and his eyes fell. Mr. Walters's heart sank within him. He said to himself, it is not possible that the boy can answer the simplest question – why did the Judge ask him? Yet he felt obliged to speak up and say: "Answer the gentleman, Thomas – don't be afraid." Tom still hung fire. "Now I know you'll tell me" said the lady. "The names of the first two disciples were –" "DAVID AND GOLIAH!" Let us draw the curtain of charity over the rest of the scene¹⁰⁶ (TWIN, 2014, p. 37).

Temos um terceiro momento na conclusão de sua aventura de pirata na *Jackson's Island*, com Huck Finn e Joe Harper. Acidentalmente, Tom descobre que ele e seus amigos estão sendo procurados ao longo do rio Mississippi e, com os resultados insatisfatórios pelas equipes de busca, estava sendo planejado um funeral coletivo. Como sugestão e conclusão de Tom, os garotos reaparecem no dia do funeral, com a presença de todos os moradores na principal igreja da vila.

There was a rustle in the gallery, which nobody noticed; a moment later the church door creaked; the minister raised his streaming eyes above his handkerchief, and stood transfixed! First one and then another pair of eyes followed the minister's, and then almost with one impulse the congregation rose and stared while the three dead boys came marching up the aisle, Tom in the lead, Joe next, and Huck, a ruin of drooping rags, sneaking sheepishly in the rear! They had been hid in the unused gallery listening to their own funeral sermon!¹⁰⁷ (TWIN, 2014, p. 116).

¹⁰⁶ [Trad. Porto, 2013, p. 50: Tom puxava uma casa de botão e parecia encabulado. Enrubescou e baixou os olhos. O coração do Sr. Walter contraiu-se. Disse a si mesmo que se não era possível o menino responder à pergunta mais simples, por que o juiz lhe perguntou. No entanto, sentiu-se obrigado a manifestar-se e disse: - Respondeu ao cavalheiro, Thomas, não tenha medo. Tom ainda hesitava. - Agora sei que ele vai me dizer – pediu a senhora. – Os nomes dos dois primeiros discípulos eram...- Davi e Golias! - Baixemos a cortina da caridade sobre o resto da cena.]

¹⁰⁷ [Trad. Porto, 2013, p. 144: Desprende-se um ruído da galeria que ninguém notou; um momento depois, rangeu a porta da igreja; o pastor ergueu os olhos lacrimosos acima do lenço e ficou transfixado! Um par de olhos primeiro, depois outro, acompanhou os do clérigo, e em seguida, quase por um impulso coletivo, a atônita congregação levantou-se e encarou os três pequenos defuntos avançarem pela nave, Tom, na dianteira, Joe em seguida, e Huck, um monte de farrapos soltos, esquivo e encabulado, na retaguarda. Haviam-se escondido na galeria desocupada e

Pela visão do garoto, esse seria o momento de maior importância em sua vida, pois esse triunfo é interpretado de maneira diferente pela visão das crianças e dos adultos. Para os primeiros, o ressurgimento de Tom naquela manhã depois de todos os fatos acarreta a simbologia de um herói, mesmo que um anti-herói, que ressurgia da morte. Porém, para os adultos, Tom e seus amigos, apesar de amenizar o sofrimento familiar, não passam de detentores de uma negligência imperdoável.

Parte da maturação de Tom, ao longo do romance, baseia-se no aprendizado que o garoto ganha ao passar a pensar mais sobre os sentimentos do outro e menos em seus interesses próprios. Essa mudança drástica, evidente nos próximos dois triunfos, inicia-se na passagem relatada anteriormente.

O personagem Tom e Becky se envolvem em uma briga infantil e os dois não estabelecem diálogo no ambiente escolar. Durante o horário do almoço, Tom entra na sala de aula e encontra a colega examinando um livro misterioso com ilustrações do corpo humano, que o professor mantinha em sua gaveta particular. Com o alarme para o retorno de todos para a sala de aula, indicando o momento para retornar o livro em seu local, Becky rompe uma página do livro ao meio da pressão do momento. Assim, a jovem solicita a Tom que guarde esse segredo em segurança. Com um sentimento vingativo e rabugento, Tom não demonstra a intenção de protegê-la e ele sabe exatamente como o professor irá obter a confissão de Becky e qual será sua punição. Com a ação do professor pela busca da pessoa responsável pela ação, temos o questionamento direto para cada criança e, eventualmente, a garota não deixa de ser interrogada pelo professor.

Entretanto, Tom, mesmo sabendo quem deveria ser julgado como a responsável pelo ato, olha para o terror na face da colega de sala e, em um ato involuntário, nosso anti-herói se levanta e atribui a culpa para si próprio. A notória ação de Tom do auto sacrifício faz com que ele permaneça mais duas horas na escola, depois do término do período de aulas. Certamente os jovens leitores apreciam o sacrifício de Tom para com a colega de sala, mas, provavelmente, os leitores adultos apreciam os outros sacrifícios e não esse quarto triunfo da mentira, pois foi

ouvido seu próprio sermão fúnebre. Tia Polly, Mary e os Harper lançaram-se sobre os respectivos ressuscitados, sufocaram-nos com beijos e derramaram graças e bênçãos a Deus, enquanto o coitado Huck permaneceu ali, envergonhado e sem graça, sem saber o que fazer nem aonde se esconder de tantos olhares hostis. Vacilou e pôs-se a sair de mansinho, mas Tom agarrou-o e disse: - Tia Polly, não é justo. Alguém tem de alegrar-se por ver Huck.]

realizado pelo amor juvenil do personagem. Após Tom deixar sua detenção, Becky expressa sua gratidão ao garoto. Depois de o pai da jovem, o juiz Thatcher, ter conhecimento de como o garoto salvou sua filha da vergonha e castigo, ele entende a ação como uma mentira nobre, generosa e magnânima. Assim, temos uma reflexão sobre os limites de uma mentira e as ações involuntárias cometidas por alguém em estado de amor platônico.

Um dos pontos centrais da narrativa inicia-se no Capítulo IX, quando Tom e Huck Finn se aventuram em visitar um cemitério à meia-noite para realizar a performance de um ato mágico, mas acabam presenciando o assassinato do médico da cidade, o Dr. Robinson, por Injun Joe. Vale ressaltar que Injun Joe estava auxiliando o Dr. Robinson em um ato criminoso contra uma das sepulturas do local e estavam acompanhados de Muff Potter, personagem que vive alterado sobre os efeitos do álcool. Porém, nesse momento, como uma forma de se vingar do médico pela brutalidade contra o mesmo em um dado momento do passado, e representando a brutalidade da colonização para com os povos indígenas, que mesmo posteriormente a ação de reconhecimento das novas terras não tiveram inserção na sociedade da Nova Inglaterra, temos essa declaração:

“You required your pay in advance, and I’ve paid you.” “Five years ago you drove me away from your father’s kitchen one night, when I come to ask for something to eat, and you said I warn’t there for any good; and when I swore I’d get even with you if it took a hundred years, your father had me jailed for a vagrant. Did you think I’d forget? The Injun blood ain’t in me for nothing. And now I’ve got you, and you to settle, you know!”¹⁰⁸ (TWIN, 2014, p. 68).

Assim, Injun Joe arma uma briga e assassina o médico com a faca de Muff Potter, este, inconsciente pelos efeitos da bebida, acredita que praticou a ação:

He reeled and fell partly upon Potter, flooding him with his blood, and in the same moment the clouds blotted out the dreadful spectacle and the

¹⁰⁸ [Trad. Porto, 2013, p. 86: – Vocês me exigiram o pagamento adiantado e eu paguei. Não lhes devo mais nada. - Há cinco anos, você me expulsou da cozinha de seu pai uma noite, porque fui pedir um pouco de comida, e me acusou de que eu não aparecia lá por boa coisa; quando jurei que iria me vingar de você, nem que isso me custasse cem anos, seu pai me mandou prender por vagabundagem. Achou que eu tinha esquecido? Para alguma coisa serve o sangue de índio que flui em minhas veias. E agora que o peguei, e você sabe que tem de *acertar* as contas!]

two frightened boys went speeding away in the dark¹⁰⁹ (TWIN, 2014, p. 69).

No dia anterior ao acontecimento, Joe acusa Potter pelo crime e não se importava que seu comparsa estivesse preste a morrer por sua mentira. Assim, os próximos quatorze capítulos são marcados por reflexões de Tom por imaginar Potter sendo penalizado, injustamente, com a própria vida. Mas ele estava impedido de relatar a verdade por um juramento e acreditava que Injun Joe o mataria se o verdadeiro assassino fosse revelado para todos.

Entretanto, mesmo com essa grande dúvida, Tom assume o risco de morte e, finalmente, presta seu testemunho frente a corte de julgamento de Potter. Isso causa uma nova sensação para Tom, mas a confirmação desse triunfo acarreta um preço alto – ele não foi morto, mas Injun Joe também não foi capturado e permanece em seus sonhos e em sua mente.

Com os próximos acontecimentos, o romance ganha um tom leve de aventura infantil e o reforço do caráter corajoso de um jovem homem. Quando Becky realiza finalmente o *picnic* anunciado ao longo do romance, ela e Tom se perdem por alguns dias pelos labirintos da caverna McDougal's. Apesar do terrível fato, Tom se preocupa em acalmar a menina e sempre afirmar a esperança de que iriam sair vivos da caverna, mesmo quando ela se demonstrava desanimada e avistando seu inimigo na mesma caverna. Inteligentemente, Tom encontra uma abertura na caverna pelo qual ele e Becky poderiam se salvar de mais um triste acontecimento na vila. Assim, o garoto, novamente, retorna da morte para o vilarejo e recebe reconhecimento por mais um ato heroico. Diferentemente do milagre no retorno em seu próprio funeral, essa passagem e o resultado do triunfo final possui um valor semelhante para os jovens e para os leitores adultos, pois nesse ponto da narrativa a personalidade e ação de Tom podem ser julgados como a de um verdadeiro herói para aquela comunidade.

Antes do encerramento do episódio da caverna, devemos destacar que Huck e Tom passavam o tempo todo procurando por tesouros piratas próximos de uma casa supostamente assombrada e desabitada. Em uma das investigações, os meninos adentram a casa e descobrem que o local era utilizado por Injun Joe, que estava vestido com vestimentas espanholas, e seu novo parceiro como esconderijo e para uma caixa de moedas de ouro. Apesar de todos os riscos

¹⁰⁹ [Trad. Porto, 2013, p. 87: A vítima girou nos calcanhares e tombou em cima de Potter, inundando-o com seu sangue, e no mesmo momento as nuvens encobriram a lua, obscureceram o terrível espetáculo, e os dois meninos apavorados fugiram numa corrida desabalada pela escuridão.]

envolvidos e com os criminosos em ação, os meninos decidem descobrir o local em que o tesouro fora escondido por eles. Assim, o que figurava uma brincadeira infantil pela busca de tesouros piratas, torna-se algo real e um tanto perigoso – dessa forma, acompanhando o amadurecimento do garoto Tom.

A cena da caverna interrompe a busca de Tom pelo tesouro e, nesse momento, Huck desempenha um papel heroico na prevenção da realização de um assalto à viúva Douglas, planejado por Injun Joe, como observamos em:

Huck's heart shot into his throat, but he swallowed it again; and then he stood there shaking as if a dozen agues had taken charge of him at once, and so weak that he thought he must surely fall to the ground. He knew where he was. He knew he was within five steps of the stile leading into Widow Douglas's grounds. Very well, he thought, let them bury it there; it won't be hard to find. Now there was a voice – a very low voice – Injun Joe's: "Damn her, maybe she's got company – there's lights, late as it is." "I can't see any." This was that stranger's voice – the stranger of the haunted house. A deadly chill went to Huck's heart – this, then, was the "revenge" job! His thought was, to fly. Then he remembered that the Widow Douglas had been kind to him more than once, and maybe these men were going to murder her. He wished he dared venture to warn her; but he knew he didn't dare – they might come and catch him. He thought all this and more in the moment that elapsed between the stranger's remark and Injun Joe's next – which was – "Because the bush is in your way. Now – this way – now you see, don't you?" "Yes. Well there is company there, I reckon. Better give it up." "Give it up, and I just leaving this country forever! Give it up and maybe never have another chance. I tell you again, as I've told you before, I don't care for her swag – you may have it. But her husband was rough on me – many times he was rough on me – and mainly he was the justice of the peace that jugged me for a vagrant. And that ain't all. It ain't a millionth part of it! He had me horsewhipped!"¹¹⁰ (TWIN, 2014, p. 176).

¹¹⁰ [Trad. Porto, 2013, p. 215: O coração de Huck disparou até a garganta, mas o menino tornou a engoli-lo; e então ficou ali trêmulo, como se acometido por uma dezena de febres intermitentes ao mesmo tempo, e tão fraco que julgou certa uma queda iminente ao chão. Sabia onde se encontrava, sabia que estava a cinco passos do lance de escada que levava à propriedade da viúva Douglas. Muito bem, pensou ao recuperar-se, que enterrem aqui o tesouro, não será difícil encontra-lo. Nesse momento, ouviu uma voz, muito baixa, a do índio Joe: - Maldita seja, talvez tenha companhia, veja as luzes acesas a esta hora tão tardia. - Não vejo luz nenhuma. Era a voz do estranho, do forasteiro da casa mal-assombrada. Um calafrio mortal percorreu-lhe de cima abaixo: este, então, constituía o serviço de "vingança". A primeira ideia que lhe ocorreu foi fugir. Logo, porém, se lembrou de que a viúva Douglas fora bondosa com ele mais de uma vez, e talvez esses homens fossem matá-la. Desejava ousar avisá-la, mas sabia que não ousava, pois eles poderiam chegar e agarrá-lo. Pensou em tudo isso e mais no momento que transcorreu entre o comentário do estranho e o seguinte do índio Joe, que foi: - Porque a moita lhe tapa a visão. Agora, aqui, agora as vê, não? - Sim. Creio que tem visita lá. É melhor desistir. - Desistir, e apenas deixar este lugar para sempre! Desistir e talvez jamais tenha outra chance! Vou repetir o que lhe disse antes, não me interessa encher uma trouxa com coisas roubadas dessa mulher, pode ficar com a pilhagem. Mas o marido dela tratou-me com brutalidade, tratou-me com rudeza muitas vezes!]

Após a recuperação da provação enfrentada na caverna e o descobrimento de que Injun Joe estava morto após ficar preso na caverna -retomando o sufocamento da população indígena ao longo da História de Colonização dos Estados Unidos da América, Tom, assertivo, deduz que o esconderijo do ouro fosse a cruel caverna. Assim, com o auxílio de Huck, ele retorna ao local e os dois descobrem o ouro, especificamente US\$12 (doze) mil em moedas de ouro, que representa o domínio dos colonizadores sobre as riquezas dos verdadeiros mercedores sobre os bens materiais do país.

A morte de Injun Joe pode ser interpretada de maneiras diferentes, pois se para os jovens leitores temos o alívio por não poder mais ameaçar Tom e Huck, para os adultos, no entanto, Mark Twain fornece uma mensagem com teor diferente:

The Judge and some friends set Tom to talking, and some one asked him ironically if he wouldn't like to go to the cave again. Tom said he thought he wouldn't mind it. The Judge said: "Well, there are others just like you, Tom, I've not the least doubt. But we have taken care of that. Nobody will get lost in that cave any more." "Why?" "Because I had its big door sheathed with boiler iron two weeks ago, and triple-locked - and I've got the keys." Tom turned as white as a sheet. "What's the matter, boy! Here, run, somebody! Fetch a glass of water!" The water was brought and thrown into Tom's face. "Ah, now you're all night. What was the matter with you, Tom?" "Oh, Judge, Injun Joe's in the cave!"¹¹¹ (TWIN, 2014, p. 198).

Apesar do sentimento de alívio do vilarejo – o que de fato seria esperado daquele grupo social – o texto apresenta um personagem marginalizado e que sofre pelas ações dos colonizadores por um longo período histórico -este marcado por violentos conflitos, tomadas de terras e repressão. No livro *Estados Unidos: o novo imperialismo* (2009), Victor Gordon Kiernan (1913), diz que:

¹¹¹ [Trad. Porto, 2013, p. 240-241: "O juiz e alguns amigos fizeram-no contar tudo da aventura, e alguém lhe perguntou ironicamente se ele não gostaria de voltar mais uma vez à gruta. Tom informou-o de que a ideia não o atraía em nada. O juiz comentou: - Bem, não tenho a menor dúvida de que outros pensam o mesmo que você. Mas já cuidamos disso. Ninguém se perderá mais na gruta. - Por quê? - Porque há duas semanas mandei que revestissem sua grande porta com aço fundido e fechaduras triplas, e eu guardo as chaves. Tom empalideceu como uma folha de papel branco. - Que foi que houve, menino? Corra alguém aqui! Traga um copo de água! Trouxeram a água e jogaram-na no rosto de Tom. - Ah, agora você ficou bem? Que foi que houve com você, Tom? - Oh, juiz, o índio Joe está na gruta!].

A luta entre *homens brancos e peles-vermelhas*¹¹² deixou uma marca duradoura, melancólica, heroica e mortífera, com aproximadamente a mesma intensidade nos dois lados. O banho de sangue teria sido muito menor se as fronteiras em expansão tivessem sido devidamente policiadas, ao custo de um imposto sobre os lucros de especuladores de terras e outros que estavam enriquecendo rapidamente (KIERNAN, 2009, p. 125, *grifos nossos*).

O desfecho do texto narrativo ocorre de maneira satisfatória para Tom, pois a população do vilarejo se reúne para celebrar os atos heroicos dos garotos. Huck, contudo, seria surpreendido por uma grande novidade. Ele seria adotado para ser “sivilizado”, inserido na sociedade para ser educado conforme os preceitos religiosos e de boa conduta social. E os garotos recebem uma mesada pelo tesouro de Injun Joe encontrado da caverna – como contextualiza o segundo romance.

2.3 Terceiro nível de leitura em *Tom Sawyer*: figurando a coletividade do século XIX nos Estados Unidos da América

O período compreendido entre 1789 e 1848 foi marcado profundamente pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, as quais constituem numa das maiores transformações na história mundial. O apontamento das palavras que surgiram nesse período já justifica, consideravelmente, esse momento. No livro *A era das revoluções: 1789- 1848*, Hobsbawn (2015, p. 34) diz que:

Palavras como “indústria”, “industrial”, “fábrica”, “classe média”, “classe trabalhadora”, “capitalismo” e “socialismo”. Ou ainda “aristocracia” e “ferrovia”, “liberal” e “conservador” como termos políticos, “nacionalidade”, “cientista” e “engenheiro”, “proletariado” e “crise” (econômica).

Assim, com esses termos, segundo o autor, devemos compreender a grande revolução proporcionada pelo triunfo da *indústria capitalista*, da classe média ou da sociedade *burguesa liberal*, das economias de determinadas regiões do globo terrestre – essas compreendidas por algumas regiões da Europa e da América do Norte. Desse modo, complementando esse apontamento, devemos considerar a relevância da Revolução Francesa, que abarca um forte

¹¹² Terminologia utilizada pelo autor.

cunho político, com a primeira rede de ferrovias, a publicação do *Manifesto Comunista* e da Revolução Industrial. Apesar do conhecimento sobre local de maior repercussão dessas Revoluções, elas repercutiram um impacto bem maior que regional. Hobsbawm (2015, p. 37-38), aponta para:

É evidente que uma transformação tão profunda não pode ser entendida sem retrocedermos na história para bem antes de 1789, ou mesmo das décadas que imediatamente a precederam e que refletem claramente (pelo menos em retrospectiva) a crise dos *anciens régimes* da parte noroeste do mundo, que seriam demolidos pela dupla revolução. Quer consideremos ou não a Revolução Americana de 1776 uma erupção de significado igual ao das erupções franco-britânicas, ou meramente como seu mais importante precursor e estimulador imediato, quer atribuamos ou não uma importância fundamental às crises constitucionais e às desordens e agitações econômicas de 1760-1789, elas podem no máximo evidenciar a oportunidade e o ajustamento cronológico da grande ruptura e não explicar suas causas fundamentais.

Com o romance *The Adventures of Tom Sawyer* percebemos que o autor, a partir da crítica social apresentada em seu texto, indica que, simplesmente, a formação econômica e social dos Estados Unidos da América, no início do século XIX, não estava preparada suficientemente para aderir os ideais revolucionários das duas Revoluções. Em 1780, havia a proposição do aumento dos lucros, do desenvolvimento da evolução tecnológica, do conhecimento científico ou da ideologia individualista, secularista e racionalista. Hobsbawm (2015, p. 43) diz que:

E ainda assim a história da dupla revolução não é meramente a história do triunfo da nova sociedade burguesa. É também a história do aparecimento das forças que, um século depois de 1848, transformariam a expansão em contração. E mais ainda, por volta de 1848, esta extraordinária mudança de destinos já era até certo ponto visível.

Na década de 1780 o mundo era ao mesmo tempo menor e muito maior que na atualidade. Assim, era menor geograficamente porque era conhecido somente pedaços do mundo que eram habitados. Os oceanos, mas não toda a superfície marítima, já tinham sido explorados e mapeados pelos navegadores do século XVIII – destacamos que o conhecimento sobre o fundo do mar permaneceu inexplorado até metade do século XX. Hobsbawm (2015, p. 52) diz que:

Não só o ‘mundo conhecido’ era menor, mas também o mundo real, pelo menos em termos humanos. Já que para fins práticos não se dispunha de recenseamentos, todas as estimativas demográficas eram pura especulação, mas é evidente que a terra abrigava somente uma fração da população de hoje; provavelmente não muito mais que um terço.

Portanto, com essas considerações podemos concluir que o mundo era, para a maioria dos habitantes, imensuravelmente extenso. As comunidades ainda se desenvolviam na área rural e o restante das outras regiões, somente eram conhecidas pelos agentes governamentais e pelos militares.

O problema agrário já era uma questão delicada em 1789. Os trabalhadores nas lavouras, com exceção da região Norte dos Estados Unidos da América, era o índio ou o negro -ambos escravizados pelos colonizadores e pelo jovem país. O proprietário era dono de extensa propriedade e aplicava um sistema semelhante aos preceitos do feudalismo ou das *plantations*:

A economia característica da zona de plantação escrava, cujo centro ficava nas ilhas do Caribe, ao longo do litoral sul dos EUA, era a produção de algumas culturas de exportação de vital importância: açúcar, em menos quantidade o café e o tabaco, tintas e, a partir da revolução industrial, sobretudo o algodão (HOBBSAWM, 2015, p. 73).

Portanto, os estados do Sul dos Estados Unidos da América, assim como o restante das propriedades que se beneficiavam com o trabalho escravo, possuíam uma postura extremamente capitalista e com preceitos atrasado em relação aos direitos humanos. Já os Estados do Norte buscavam se estabelecer com as atividades intelectuais e tecnológicas, assim as classes que se beneficiavam de uma estrutura mais homogênea eram ativas politicamente, determinadas e otimistas com o progresso de desenvolvimento interno do país.

Diante de tal cenário, podemos compreender que o personagem Tom Sawyer aponta para o problemático comportamento de superioridade de uma parcela dos cidadãos em detrimento da parcela das pessoas marginalizadas, principalmente, para com as pessoas que foram escravizadas nas grandes plantações da região Sul do país. Apesar de Tom não ser considerado um garoto exemplar, ele indica um posicionamento sobre determinadas questões como fora aprendido no meio em que vivia, a sociedade civilizada do século XIX nos Estados Unidos da América.

Assim, esses fatos podem atingir a perspectiva histórica apresentada anteriormente. Tom Sawyer seria a imagem de um país velho com ideais semelhantes aos ideais dos primeiros colonizadores ingleses na América do Norte, carregados com uma herança puritana que almeja o progresso mantendo uma antiga configuração social, proprietários de grandes produções agrárias

(*plantation*) e com o apoio da continuação do trabalho escravo. Desse modo, não se importando com os ideais propostos pelos estados do Norte dos Estados Unidos, pois, para esse grupo, o progresso estaria em primeiro lugar. Pela personalidade particular de Tom Sawyer, podemos contemplar uma relação que passava por mudanças e questionamentos, assim como a economia do mundo do século XIX que foi influenciada pela Revolução Industrial britânica, com os modelos de ferrovias, fábricas, pela política e ideologia formadas pela Revolução Francesa - emblema da luta contra os princípios aristocráticos.

A Revolução Americana foi um acontecimento que mudou o percurso trilhado pela história norte-americana, mas somente os países que estavam envolvidos com os Estados Unidos da América receberam traços relevantes do fator revolucionário sucedido no jovem país. Com essa reflexão, destacamos que a Revolução Francesa e a Industrial representam um marco histórico não limitado ao país precursor dos atos revolucionários, pois repercutiu em outras localidades. Com a Revolução Francesa influenciou a região dos Estados Unidos, pois retirou o poder da monarquia absolutista francesa e propagou, a partir da revolta liberal, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade para outras nações. E com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, possibilita uma nova forma de produção – que proporciona o questionamento sobre o trabalho de pessoas escravizadas nas atividades rurais que acometiam diferentes localidades. Além disso, a Revolução Americana demonstrou para os norte-americanos que eles poderiam tornar-se uma nação independente e mover a economia interna do país.

Desse modo, os leitores de Twain, principalmente com a leitura de *Tom Sawyer*, percebem que a classe média estava conduzindo o desenvolvimento da jovem nação e exerciam, de modo geral, seu poder sob as classes inferiores dos colonizadores ingleses, referente às pessoas escravizadas e aos povos nativos da região, que seriam, posteriormente, marginalizadas ao longo do século XIX e iniciariam um longo percurso para reconquistarem seus direitos ao longo do século XX.

Capítulo 3: *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885)

3.1 Primeiro nível de leitura: antigos e novos olhares para o garoto Huck

Iniciando a leitura em primeiro nível, devemos nos atentar que reencontramos Huck Finn em Missouri sendo "sivilizado"¹¹³ por duas irmãs – pela viúva Douglas e pela senhorita Watson. Como o garoto recebeu uma quantia em dinheiro no final do romance *Tom Sawyer*, ele deveria parar de ser um ouriço da rua e começar a aprender a ser um cavalheiro. Porém, essa não seria uma fácil tarefa, pois, seguindo seu verdadeiro modo de ser, Huck passa a maior parte do tempo evitando banhos, fugindo da escola e se unindo a Tom para planejar ataques a pessoas inocentes.

Assim, Huck, logo nas primeiras páginas do romance *The Adventures of Huckleberry Finn*, contextualiza e narra os fatos que ocorreram no livro *The Adventures of Tom Sawyer*, uma forma de lembrar o romance anterior e apontar uma ligação com o mesmo:

Now the way that the book winds up, is this: Tom and me found the money that the robbers hid in the cave, and it made us rich. We got six thousand dollars apiece – all gold. It was an awful sight of money when it was piled up. Well, Judge Thatcher, he took it and put it out at interest, and it fetched us a dollar a day apiece, all the year round – more than a body could tell what to do with. The Widow Douglas, she took me for her son, and allowed she would sivilize me; but it was rough living in the house all the time, considering how dismal regular and decent the widow was in all her ways; and so when I couldn't stand it no longer, I lit out¹¹⁴ (TWIN, 1994, p. 1).

Huck realiza a ação de narrar os fatos para os leitores, assim o texto literário apresenta um narrador em primeira pessoa, como temos no trecho: “everything was dead quiet, and it

¹¹³ Escolhemos a grafia da palavra com “s” para remeter a linguagem informal utilizado no romance e para propor questionamento do leitor sobre o que seria ser “civilizado” para a sociedade do século XIX e XXI.

¹¹⁴ [Trad. Flaksman, 2002, p. 17: E o livro termina assim: a gente, Tom e eu, acaba achando o dinheiro que os ladrões tinham escondido na caverna, e fica rico. Seis mil dólares para cada um – tudo em moedas de ouro. Empilhando as moedas todas, ficava uma coisa impressionante de tanto dinheiro. Aí o juiz Thatcher pegou tudo e botou no banco rendendo juros, e só de juros dava um dólar por dia para cada um, todo santo dia – e ninguém sabe o que fazer com tanto dinheiro. A viúva Douglas me pegou para criar como filho dela, e resolveu que ia me sivilizar; mas era duro morar naquela casa o tempo todo, porque a vida de viúva chegava a ser triste de tão decente e sempre igual; aí chegou uma hora em que eu não aguentei mais, e dei o fora].

looked late, and smelt late. You know what I mean – I don't know the words to put it in¹¹⁵” (TWIN, 1994, p. 26).

Ao longo do romance, não encontramos muitas informações sobre seu protagonista e narrador. Huck, com idade entre treze e quatorze anos, foi adotado pela viúva Douglas e educado com a ajuda de sua irmã, a senhorita Watson; pois a guarda do garoto é concedida após o encerramento do livro *The Adventures of Tom Sawyer* e, posteriormente, por meio da decisão o juiz da cidade que estabeleceu que o pai de Huck não teria condições de ser um bom exemplo para o mesmo, pois esse era dependente de álcool e vivia à margem da sociedade. Desse modo, o juiz Thatcher e a mentora de Huck lutam pela segurança e bem-estar de Huck.

Podemos apontar que o juiz Thatcher e Huck têm uma relação de pai-filho, pois quando Huck está em apuros, ele, literalmente, corre para pedir ajuda do juiz. Huck tenta fazer com que o Thatcher fique com todo seu dinheiro, pois essa seria a única maneira de fugir de seu verdadeiro pai, que volta para assombrá-lo sabendo que o filho possuía bens em seu nome. No entanto, o juiz não aceita oferta e, depois de estudar o fato, descobre uma maneira de deixar Huck ficar com dinheiro e permanecer protegido de seu próprio pai. Isso diz muito, já que a maioria dos outros personagens, diferente da ação de Thatcher, levaria toda a quantia de Huck. Além de cuidar dos problemas financeiros do garoto, o juiz tenta obter a custódia do personagem para a viúva Douglas, uma segunda maneira de proteger o menino e inseri-lo em sociedade.

O texto literário não apresenta muitas informações sobre a personagem, mas, com a leitura em primeiro nível, temos a sensação de que ela é uma boa senhora. Suas ações procuravam sempre proteger Huck e ela promete civilizá-lo: “The Widow Douglas, she took me for her son, and allowed she would sivilize me; but it was rough living in the house all the time, considering how dismal regular and decent the widow as in all her ways¹¹⁶” (TWIN, 1994, p. 1). Desse modo, não aprendemos muito sobre a construção do personagem quanto indivíduo, pois, basicamente, ela figura a coletividade da sociedade do século XIX dos Estados Unidos.

A senhorita Watson é a irmã da viúva Douglas. A personagem é descrita como:

¹¹⁵ [Trad. Flaksman, 2002, p.50: Era uma noite muito quieta, e, pelo cheiro, devia ser bem tarde. Sabem como é – eu não sei explicar melhor].

¹¹⁶ [Trad. Flaksman, 2002, p. 17: A viúva Douglas me pegou para criar como filho dela, e resolveu que ia me sivilizar; mas era duro morar naquela casa o tempo todo, porque a vida da viúva chegava a ser triste de tão decente e sempre igual].

a tolerable slim old maid, with goggles on, had just come to live with her, and took a set at me now, with a spelling-book. She worked me middling hard for about an hour, and then the widow made her ease up¹¹⁷ (TWIN, 1994, p. 2).

E que exigia que Huck mantinha uma postura de cavalheiro, como podemos observar em:

Miss Watson would say, ‘Don’t put your feet up there, Huckleberry;’ and ‘don’t crunch up like that, Huckleberry – sep up straight;’ and pretty soon she would say, ‘Don’t gap an stretch like that, Huckleberry – why don’t you try to behave?’¹¹⁸ (TWIN, 1994, p. 2).

Devemos notar também que a tia de Tom, Polly, não interfere nos acontecimentos do segundo romance. Embora ela faça parte do final da trama apresentada no texto literário, como personagem importante para a solução de toda confusão armada pelos garotos na fazenda da família Phelps. Assim, sua participação se dá efetivamente em *Tom Sawyer*.

Como podemos observar no final do romance, Polly conhece muito bem seu afilhado, Tom Sawyer, e sabe lidar com suas artimanhas juvenis, como ela diz: “I reckon I hain’t raised such a scamp as my Tom all these yers, not to know him when I see him. That would be a pretty howdy-do¹¹⁹” (TWIN, 1994, p. 218).

No entanto, ao contrário da relação familiar apresentada acima, a relação entre Huck e seu pai era muito conflituosa, o menino tinha medo de reencontrá-lo na cidade:

Pap he hadn't been seen for more than a year, and that was comfortable for me; I didn't want to see him no more. He used to always whale me when he was sober and could get his hands on me; though I used to take to the woods most of the time when he was around¹²⁰ (TWIN, 1994, p. 9).

¹¹⁷ [Trad. Flaksman, 2002, p. 18: Ela tinha uma irmã, a srta. Watson, uma solteirona magra, de óculos, que tinha vindo morar com ela e aí resolveu me dar aulas com uma cartilha. Me fez estudar mais ou menos uma hora, e aí a viúva disse para ela parar um pouco].

¹¹⁸ [Trad. Flaksman, 2002, p. 18: A srta. Watson ficava o tempo todo me dando ordens: “Tire os pés daí, Huckleberry”; “Não fique curvado assim, Huckleberry – sente na cadeira com as costas retas”; e daí a pouco ela disse: “Pare de bocejar e se espreguiçar assim, Huckleberry – por que é que você nunca se comporta direito?”]

¹¹⁹ [Trad. Flaksman, 2002, p. 311: Ou você acha que eu ia criar um descarado como o meu Tom esses anos todos e não reconhecer quando encontrasse? Essa ia ser muito boa!].

¹²⁰ [Trad. Flaksman, 2002, p. 28: “Meu pai não aparecia há mais de um ano, e eu achava até bom; por mim, não queria ver ele nunca mais. Ele me batia sempre que não estava bêbado e conseguia me pegar; por isso, cada vez que ele aparecia, eu passava quase o tempo todo escondido na mata”].

Entretanto, seu plano não teve o resultado esperado e o reencontro dos dois aconteceu de maneira inesperada pelo personagem. Com o diálogo entre eles, observamos que o pai de Huck não queria que seu filho vivesse em melhores condições de vida. Assim, proibiu que Huck frequentasse a escola e que seguisse os ensinamentos transmitidos pelas senhoras, que almejavam civilizá-lo, como podemos observar a seguir:

I'll learn her how to meddle. And lookly here – you drop that school, you hear? I'll learn people to bring up a boy to put on airs over his own father and let on to be better'n what *he* is. You lemme catch you fooling around that school again, you hear?¹²¹ (TWIN, 1994, p. 15).

Em seguida, a narrativa apresenta o desenvolvimento de uma ação judicial entre dois personagens, a viúva Douglas e o pai do garoto, pela guarda de Huck. Já que esse não conseguiu cumprir o acordo, que seria sair da marginalidade, a guarda de Finn não foi concedida para o próprio pai, que voltou a beber e causou mais problemas na vila. Como uma demonstração de revolta pela decisão, um plano de sequestro foi posto em ação e o garoto foi levado para uma cabana isolada de toda a população.

Desse modo, reforçam-se as qualidades negativas desse personagem que não expressava um exemplo de boa conduta. Ele é caracterizado por um temperamento agressivo, vivia alcoolizado e não conseguia se manter em sociedade, pois sempre causava problemas, vivia marginalizado e desejava o que filho assim vivesse também.

No período em que manteve Huck Finn em cativo, ele apresentava reflexão preconceituosa sobre acontecimentos vividos no passado. Desta forma, o desenvolvimento de uma passagem na narrativa com teor racista se estabelece, o que chama a atenção pelo vocabulário apresentado e na problemática voz que o personagem emprega romance de Twain. Podemos observar esse recurso no trecho selecionado:

Oh, yes, this is a wonderful govment, wonderful. Why, lookly here. There was a free nigger there, from Ohio; a mulatter, most as white as a white man. (...) they said he was a p'fessor in a college, and could talk all kinds

¹²¹ [Trad. Flaksman, 2002, p.35: Eu vou ensinar essas pessoas que elas não podem meter na cabeça de um menino a ideia que ele é melhor que o pai dele, e que pode ficar melhor ainda. Eu não quero te ver nunca mais naquela escola, ouviu? A sua mãe morreu sem ter aprendido a ler e nem escrever. Ninguém da família aprendeu. Eu mesmo nunca aprendi; e aí vem você e me aparece com um rei na barriga. Eu não vou deixar – ouviu bem?]

of languages, and knowed everything. And that ain't the wust¹²² (TWIN, 1994, p. 20).

O narrador-personagem alerta seus leitores que tais reflexões pejorativas estavam sendo produzidas por uma personagem que não deveria ser considerado um cidadão, em plena consciência, como podemos observar no trecho:

Pap was agoing ons o, he never noticed where his old limber legs was taking him to, so he went head over heels over the tub of salt pork, and barked both shins, and the rest of his speech was all the hottest kind of language – mostly hove at the nigger and the govment, though he give the tub some, too, all along, here and there¹²³ (TWIN, 1994, p. 21).

Tanto o comportamento agressivo quanto a dependência de álcool desautorizam suas opiniões a respeito da situação das pessoas escravizadas e recém libertas daquela região. Huck comenta que o presente discurso fora realizado em um momento de fúria e que tais reflexões, sobre o efeito de bebidas, abordavam a opinião de seu pai sobre cidadãos, governo e até mesmo de objetos, sendo que tudo era alvo de revolta e de descontentamento pessoal do personagem.

Assim, com a armação de sua própria morte e com a fuga do cativo:

I took the axe and smashed in the door - I beat it and hacked it considerable, a-doing it. I fetched the pig in and took him back nearly to the table and hacked into his throat with the ax, and laid him down on the ground to bleed - I say ground, because it *was* ground - hard packed, and no boards. Well, next I took an old sack and put a lot of big rocks in it, - all I could drag - and I started it from the pig and dragged it to the door and through the woods down to the river and dumped it in, and down it sunk, out of sight. You could easy see that something had been dragged over the ground. I did wish Tom Sawyer was there, I knowed he would take an interest in this kind of business, and throw in the fancy touches. Nobody could spread himself like Tom Sawyer in such a thing as that. Well, last I pulled out some of my hair, and bloodied the ax good, and stuck it on the back side, and slung the ax in the corner. Then I took up the pig and held him to my breast with jacket (so he couldn't drip) till I

¹²² [Trad. Flaksman, 2002, p. 42: Pois é, esse governo é uma beleza. Uma beleza. Olhe só. Outro dia eu encontrei um negro livre do *Ohio*, um mulato, quase tão branco quanto um homem branco. (...)Disseram que ele era professor na faculdade, e falava não sei quantas línguas, e sabia tudo. Aí eu fiquei sem saber o que fazer, e pensei: o que é que vai ser desse país?]

¹²³ [Trad. Flaksman, 2002, p. 42: Meu pai foi ficando tão animado que nem notou por onde andava om as pernas meio bambas, e aí tropeçou, caiu na tina de carne de porco salgada e esfoliou as canelas. Não parou de falar, mas o resto do discurso dele foi ainda mais violento, usando os palavrões mais cabeludos – contra o tal negro e o governo, mas também contra as tinas, de vez em quando]

got a good piece below the house and then dumped him into the river¹²⁴
(TWAINE, 1994, p. 25).

Desse modo, Huck rompe com o laço de sua verdadeira família, centralizada em uma pessoa abusiva e embriagada, para encontrar, primeiramente, a família que iria civilizá-lo e, após um entediante período, uma nova família que viajaria pelo rio Mississippi - formada por ele e Jim, que, não sabendo que estava preste a ser libertado do trabalho escravo, também estava fugindo para não ser enviado para as lavouras da região Sul dos Estados Unidos.

Desse modo, ao longo do romance, Huck passa por muitas aventuras para ajudar seu amigo Jim. Ele finge ser uma garota para obter alguma informação sobre as buscas realizadas para encontra-los, se arrisca em um navio a vapor destruído e cheio de ladrões, se separa de seu amigo após um acidente com sua jangada e quase se afoga no rio, convive com a família *Grangerfords* – que estavam envolvidos em uma briga mortal com outra família –, reunido novamente com seu amigo, a dupla se une a dois artistas de teatro que enganas vilas inteiras com seus espetáculos mirabolantes e Huck assume a identidade de Tom Sawyer na fazenda dos Phelps – família do garoto que viviam em uma fazenda no Sul. Mas, enquanto todos esses fatos se desenvolvem, Huck continua lutando com sua consciência, pois o menino questiona, a partir de sua opinião própria e outra contaminada pela civilização, se estava ajudando um homem inocente a escapar da escravidão ou estava apenas roubando a “propriedade” da senhorita Watson? Porém, ele decide que ajudar Jim a escapar é a coisa certa a fazer, mesmo que tal ação, conforme os ensinamentos da sociedade, levaria sua alma para o "inferno".

Infelizmente, Jim é recapturado e as coisas rapidamente tomam um outro percurso no texto narrativo. Finalmente, Tom aparece e, com a ajuda de Huck, decide ajudar Jim na fuga de seu cativeiro na propriedade da família Phelps. O plano elaborado não sai como pensado e Tom é baleado em uma confusão resultante das mentiras armadas pelo garoto. Quando ele está recuperado e acorda, toda a situação está fora de suas mãos. Jim está prestes a ser executado

¹²⁴ [Trad. Flaksman, 2002, p. 47-48: Peguei o machado e arrombei a porta. Dei várias machadadas, deixando a porta bem arrebentada. Arrastei o porco para dentro da cabana até perto da mesa, cortei o pescoço dele com o machado e deixei ele sangrar bastante no chão - que era de terra batida, sem assoalho de tábuas. Depois peguei um saco velho e enchi de pedras grandes - todas que eu consegui carregar - e comecei a arrastar a partir de onde o porco estava no chão, indo até a porta e, passando pelas árvores, até a beira do rio; aí joguei o saco na água, e ele afundou na mesma hora. Era fácil ver que alguma coisa pesada tinha sido arrastada pelo chão. Eu queria que Tom Sawyer estivesse ali, sabia que ele ia se interessar por aquele tipo de coisa e que ia ter ideias diferentes. Ninguém era melhor do que Tom Sawyer naquele tipo de situação. Depois eu arranquei um pouco do meu cabelo, espalhei bastante sangue no machado e coleí o cabelo na parte de trás, e joguei o machado num canto. Então peguei o porco, enrolei no meu casaco (para não pingar sangue) e saí carregando no colo até bem longe da casa, depois joguei no rio].

quando Tom anuncia que Jim salvou sua vida e que a srta. Watson realmente havia libertado Jim em seu testamento elaborado há dois meses.

E ainda nesse encerramento, sabemos que o homem morto que a dupla encontrará no episódio da ilha Jackson era o pai de Huck. Desse modo, todo o ponto da trama está interligado. Além disso, Huck ainda tem todo o dinheiro que ele encontrou no final de *Tom Sawyer*. Esse seria o momento de ficar ao redor do ambiente social e tentar, mais uma vez, aprender mais sobre esses elementos civilizadores que todos seguiam no momento. Porém, não é bem assim, Huck foge para a região Oeste do país, com seu companheiro Jim, em busca de novas aventuras.

O texto literário não apresenta uma marcação temporal precisa, mas com a leitura de algumas passagens, sabemos que o romance se desencadeia no verão e na época de imponentes tempestades tropicais para a estação, como podemos observar em:

We spread the blankets inside for a carpet, and eat our dinner in there. We put all the other things handy at the back of the cavern. Pretty soon it darkened up and begun to thunder and lighten; so the birds was right about it. Directly it begun to rain, and it rained like all fury, too, and I never see the wind blow so. It was one of these regular summer storms. It would get so dark that it looked all blue-black outside, and lovely; and the rain would thrash along by so thick that the trees off a little ways looked dim and spider-webby; and here would come a blast of wind that would bend the trees down and turn up the pale underside of the leaves; and then a perfect ripper of a gust would follow along and set the branches to tossing their arms as if they was just wild; and next, when it was just about the bluest and blackest – *fst!*¹²⁵ (TWIN, 1994, p. 36-37).

No romance de Twain, a floresta e o rio são importantes espaços, pois, num primeiro nível de leitura, estes espaços figuram meio para fuga e aventuras. Além disso, são sinônimos de altos perigos e palco de grandes batalhas históricas. Assim, já podemos realizar um mapeamento dos elementos que deverão ser compreendidos no segundo nível de leitura.

¹²⁵ [Trad. Flaksman, 2002, p.36-37: Estendemos os cobertores para forrar o chão da caverna e depois almoçamos lá mesmo. E arrumamos todo o resto das coisas bem à mão, no fundo da caverna. Logo depois, o céu escureceu e começou a relampejar e a trovejar; os passarinhos estavam certos, tinha sido mesmo um sinal. Aí começou a chover direto, uma chuva furiosa, e eu nunca tinha visto uma ventania tão forte. Era uma dessas tempestades que sempre caem no verão. O dia ficou tão escuro que lá fora só se via tudo preto e azul, uma beleza; e a chuva caía tão grossa que não dava para ver direito as árvores que ficavam um pouco mais longe – pareciam cobertas de teias de aranha molhadas; aí vinha um pé-de-vento que envergava as árvores e virava para cima o lado de baixo das folhas, de cor mais clara; e aí uma rajada ainda mais violenta, fazendo os galhos sacudir os braços feito uns loucos; e depois, quando ficava tudo bem preto e bem azul – *fst!*]

Esses ambientes possuem um silêncio absoluto limitado que remete a reflexão pessoal, a partir dos momentos de tempestades e de calma - indicando momentos de tensão e alterações nos acontecimentos do cotidiano de seus personagens. Mas também figuram, principalmente, a tempestade, o conflituoso momento Pré-Guerra Civil e sua profunda extensão ao longo do tempo.

Por outro olhar, também figuram a liberdade almejada por Jim e são sinônimos de lar para Huck, que se sentia angustiado quando desconectado da natureza. Assim, conforme a poética inserida no íntimo da escrita de Walt Whitman (1819-1892), o ser humano só encontrará o seu centro se estiver em contato com a natureza e, para isso, deve se afastar dos sentimentos impuros dos meios urbanos e dos ensinamentos da civilização.

Considerando esses espaços presentes no romance, devemos nos atentar sobre o papel da imensidão na construção das imagens acabadas do imaginário coletivo, ou, em outras palavras, contemplação primeira (BACHELARD, 1978). Pela assimilação de informações reais e fictícias, o leitor pode renovar a contemplação da grandeza da floresta e do rio figurados no texto literário. Bachelard (1978, p. 316) diz que “a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito”. Para a análise dessas imagens devemos considerar que elas são subprodutos do ser imaginante (BACHELARD, 1978).

A partir desse ponto de vista, podemos considerar que, no primeiro nível de leitura, a imensidão interior do leitor atribui significação para determinadas imagens referentes ao mundo apresentado pelo escritor. Como um exemplo, temos a imagem da floresta, que se apresenta por uma descrição objetiva, sua extensão, suas trilhas conhecidas pelo homem e a passagem da luz solar, o clima e o viver na floresta, mas também pela descrição subjetiva, grandeza, profundidade, o jogo de luz e sombras que cria imagens fantasmagóricas no imaginário das pessoas. O interessante questionamento, aponta que o romance apresenta a floresta em seu momento presente, o texto literário não consegue sustentar a dimensão temporal desse espaço, “a história não é suficiente. Seria preciso saber como a Floresta vive sua idade avançada, porque não há, no reino da imaginação, florestas jovens” (BACHELARD, 1978, p. 319). Desse modo, concluímos que a imensidão da floresta e a grandeza do rio não configuram o único espetáculo, pois sua verdadeira simbologia aflora aos olhos e se revela na grandeza íntima do pensamento humano.

Para o narrador-personagem de Twain, a floresta é seu espaço íntimo, estimula seu crescimento e desenvolve uma visão diferente do espaço exterior, a cidade:

The sun was up so high when I waked, that I judged it was after eight o'clock. I laid there in the grass and the cool shade, thinking about things and feeling rested and ruther comfortable and satisfied. I could see the sun out at one or two holes, but mostly it was big trees all about, and gloomy in there amongst them. There was freckled places on the ground where the light sifted down through the leaves, and the freckled places swapped about a little, showing there was a little breeze up there. A couple of squirrels set on a limb and jabbered at me very friendly¹²⁶ (TWIN, 1994, p. 27-28).

Além do mais, não devemos esquecer de analisar a estação do ano em que o romance se desenvolve. Desse modo, o verão seria um dos elementos fundamentais para que as aventuras fossem concretizadas: “There was a little gray in the sky, now; so I stepped into the woods and laid down for a nap before breakfast¹²⁷” (TWIN, 1994, p. 27). Portanto, se opondo ao inverno, que transmite um universo de histórias e lendas protegidas pela velha casa e sua lareira, o verão simboliza a imagem da aplicação e possibilidade de se viver o que se aprendeu através dos discursos dos adultos nesse período de recolhimento.

Não é de se impressionar que Twain tenha seguido o modelo utilizado por escritores como Geoffrey Chaucer (1343-1400) em *The Canterbury Tales* (1387), e Miguel de Cervantes (1547-1616) em *Don Quijote de la Mancha* (1605-1615). Nessas obras, o verão é elemento fundamental para o desenvolvimento de todos os acontecimentos. Uma fonte de energia para se viver o que se aprendeu ao longo de um rigoroso período de inverno ou de aprendizagem.

O rio Mississippi, um grande símbolo nacional, evidentemente é de grande importância em *Huckleberry Finn*. Suas vias fluviais representam a liberdade, mas também, talvez, os problemas de uma vida à deriva:

¹²⁶ [Trad. Flaksman, 2002, p. 52: “O sol já estava tão alto quando eu acordei que achei que já devia ser mais de oito horas. Fiquei deitado na relva, na sombra fresca, pensando nas coisas e me sentindo descansado, confortável e bem satisfeito. Dava para ver o sol através de uma ou duas aberturas na folhagem, mas em quase toda volta só tinha árvores grandes, e eu estava numa grande área de sombra. Tinha alguns lugares sarapintados onde a luz do sol passava pelo meio das folhas, e as pintas claras se mexiam um pouco, mostrando que lá em cima uma brisa estava soprando. Dois esquilos apareceram num galho e ficaram cochichando comigo de um jeito muito simpático.]

¹²⁷ [Trad. Flaksman, 2002, p. 51: “O céu já estava ficando cinzento; entrei na mata e me deitei para dormir um pouco antes de comer alguma coisa”.]

The river went on raising and raising for ten or twelve days, till at last it was over the banks. The water was three or four foot deep on the island in the low places and on the Illinois bottom. On that side it was a good many miles wide; but on the Missouri side it was the same old distance across - a half a mile - because the Missouri shore was just a wall og high bluffs¹²⁸ (TWIN, 1994, p. 37).

Além disso, o rio é o transporte de Huck e Jim. Esse seria o único meio para levá-los do cativo sem aparentes correntes – a escravidão e o abuso infantil –, para a possível liberdade no estado de Ohio. Assim, o rio transmite a simbolização da liberdade por direito próprio.

Outro ambiente presente na narrativa, que devemos voltar nosso olhar, é a cabana. Ambiente em que Huck é mantido em cativo pelo próprio pai:

But by-and-by pap got too handy with his hick'ry, and I couldn't stand it. I was all over welts. He got to going away so much, too, and locking me in. Once he locked me in and was gone three days. It was dreadful lonesome. I judged he had got drowned and I wasn't ever going to get out any more. I was scared. I made up my mind I would fix up some way to leave there. I had tried to get out of that cabin many a time, but I couldn't find no way. There warn't a window to it big enough for a dog to get through. I couldn't get up the chimbley, it was too narrow. The door was thick solid oak slabs. Pap was pretty careful not to leave a knife or anything in the cabin when he was away; I reckon I had hunted the place over as much as a hundred times; well, I was 'most all the time at it, because it was about the only way to put in the time. But time I found something at last; I found an old rusty wood-saw without any handle; it was laid in between a rafter and the clapboards of the roof. I greased it up and went to work. There was an old horse-blanket nailed against the logs at the far end of the cabin behind the table, to keep the wind from blowing through the chinks and putting the candle out. I got under the table and raised the blanket and went to work to saw a section of the big bottom log out, big enough to let me through. Well, it was a good long job, but I was getting towards the end of it when I heard pap's gun in the woods. I got rid of the signs of my work, and dropped the blanket and hid my saw, and pretty soon pap come in¹²⁹ (TWIN, 1994, p. 18-19).

¹²⁸ [Trad. Flaksman, 2002, p. 64-65: “O rio continuou subindo e subindo mais uns dez ou doze dias, e acabou passando por cima dos barrancos da margem. A água chegou a ficar com mais ou menos um metro de fundura nas partes mais baixas da ilha e na margem do lado do Illinois. Daquele lado, o rio ficou com muitos quilômetros de largura; mas do lado do Missouri continuou do mesmo tamanho - mais ou menos um quilômetro - porque a margem ali era uma verdadeira muralha de penhascos bem altos”.]

¹²⁹ [Trad. Flaksman, 2002, p. 39-40: “Mas aos poucos o meu pai começou a exagerar na bebida, e eu já não aguentava mais. Eu vivia todo coberto de calombos. E ele também começou a sair toda hora, me deixando sempre trancado na cabana. Uma vez ele fechou a casa e ficou três dias fora. Fiquei me sentindo muito solitário. Achei que ele tinha se afogado e que eu nunca mais ia conseguir sair de lá, e senti muito medo. E resolvi que ia dar um jeito de escapar. Eu já tinha tentado sair da cabana muitas vezes, mas nunca tinha encontrado um jeito. As janelas eram todas muito pequenas, e não davam para passar nem um cachorro. Eu também não podia sair pela chaminé, que era

Desse modo, suas caracterizações ressoam em imagens simples e na valorização da solidão primitiva, uma imagem claramente distante das alusões da civilização. No texto de Twain, a cabana é o indicativo da inadaptação ao comum por alguns personagens.

Nesse caso, podemos adiantar duas possibilidades de leitura. Na primeira, esse espaço figura refúgio para o pai de Huck, pois ele consegue manter seu padrão de vida primitivo e longe de responsabilidades. Para o garoto, esse centro de militância se transforma em um cativo. Porém, esse momento de solidão é importante para que o menino se fortaleça e escolha, por si mesmo, o caminho que irá percorrer – o da civilização ou do ser livre. Assim, ele poderia se juntar a seu pai e continuar à margem da sociedade.

Entretanto, temos a opção do renascimento e o início de um novo ser, com seus próprios sentimentos sobre o que seria certo e errado e não contaminado positivamente pelo pensamento coletivo do século XIX. Huck, semelhante ao sentimento alimentado por Jim, prefere se estabelecer do lado de fora, pois são personagens que necessitam da resistência e confiança das árvores da floresta em plena fúria do vento, da luminosidade do relâmpago e de todo devaneio que esses poderosos elementos da natureza exercem sobre o homem urbanizado.

Antes de encerrar as corredeiras, Huck se sente confinado tanto pela sociedade, que o mantém preso por suas regras restritivas, quanto pelas irmãs, a viúva Douglas e a senhorita Watson, que, literalmente, mantinham Huck trancado. Assim, o rio é a única rota que eles podem tomar se quiserem ser livres tanto no momento presente como em seus dias posteriores.

Afinal, as regras e leis admiradas pela senhora e pelo Juiz Thatcher não são apenas elaboradas para tornar a vida de Huck miserável, mas, também, são maneiras de protegê-lo. No rio, Huck e Jim encontram todos os tipos de situações que ameaçam suas vidas, como por exemplo assaltantes e potenciais assassinos. Enquanto Huck percorre o Mississippi, ele descobre que a liberdade vem com grande responsabilidade: a de decidir por si mesmo como ser uma nova e boa pessoa.

estreita demais. A porta era de tábuas grossas e maciças. Meu pai sempre tomava o cuidado de não deixar nem faca e nem nada parecido dentro de casa cada vez que saía; acho que revirei aquela cabana toda umas cem vezes; eu passava quase o tempo todo procurando, porque era mais ou menos a única coisa que tinha para fazer. Mas dessa vez eu finalmente encontrei uma serra velha e enferrujada, sem o cabo; estava enfiada entre uma viga e as tábuas do forro do teto. Passei sebo na serra e comecei a trabalhar. Tinha uma velha manta de cavalo pregada nos troncos da parede dos fundos da cabana logo atrás da mesa, para não deixar o vento passar pelas frestas e apagar a vela. Eu me enfiei debaixo da mesa, soltei uma das pontas da manta e comecei a serrar o tronco maior da base da parede, para abrir um buraco que desse para eu passar. Era um trabalho cansativo, mas eu já estava quase acabando quando ouvi um tiro da espingarda do meu pai no meio da mata. Escondi todos os sinais do meu trabalho, tornei a cobrir o tronco com a manta, escondi a minha serra e logo depois meu pai chegou”.]

Logo na primeira publicação de *Huckleberry Finn*, organizado em quarenta e dois capítulos e um Capítulo Final, em 1884, no Canadá e na Inglaterra, e em 1885, nos Estados Unidos, precedidos de um *Notice*¹³⁰ e *Explanatory*¹³¹, o livro foi imediatamente banido. O livro *Huckleberry Finn* foi banido das salas de aula e bibliotecas dos Estados Unidos desde o momento de sua primeira publicação, em 1885. Entretanto, nos dias atuais, a produção de Twain está presente em listas de leitura obrigatória para os alunos do ensino médio nos Estados Unidos. A decisão não foi baseada em seu teor preconceituoso ou no uso constante da palavra *nigger* (*n-word*). A justificativa para o impedimento da leitura se estabeleceu devido a classificação, elaborada no momento de produção, pois foi considerado como um texto "vulgar", devido a figuração de criminosos e as ações positivas realizadas pelo personagem Huck em relação a uma pessoa escravizada. Apesar das críticas recebidas, após cinquenta anos de sua primeira publicação, *Huckleberry Finn* fazia parte da tradição literária norte-americana. Os escritores T. S. Eliot e Ernest Hemingway apontaram que a produção de Twain era um dos livros mais importantes escritos, até então, nos Estados Unidos, mas ainda assim estava sendo banido, expulso e reescrito para se adequar a um tempo que não retratasse os problemas da sociedade local do século XIX.

Diferentemente da recepção no século XIX, as leituras realizadas na atualidade do romance *The Adventures of Huckleberry Finn*¹³² se concentram nos aspectos presentes no primeiro nível de leitura do romance, que exclui o momento de produção do texto literário. Assim, a leitura impossibilitaria o avanço da interpretação do texto literário, pois não se aplica a *historicização* e deixa de identificar as *estratégias de contenção*.

¹³⁰ [Trad. nossa: Aviso: Se alguém tentar encontrar um tema nesta narrativa, será processado; se tentar encontrar uma moral, será banido; se tentar encontrar um enredo, será fuzilado. POR ORDEM DO AUTOR através de G. G., CHEFE DA INTENDÊNCIA.]

¹³¹ [Trad. nossa: Nota explicativa: Neste livro, vários dialetos são usados, a saber: o dialeto negro do Missouri; a forma mais extrema do interior do Sudoeste; o dialeto comum "Pike-Country"; e quatro variedades modificadas deste último. Os sombreamentos não foram feitos de maneira aleatória ou por adivinhação; mas com incômodo e com a orientação confiável e apoio da familiaridade pessoal com esses vários aspectos da fala. Eu faço esta explicação pela razão de que sem ela muitos leitores suporiam que todos esses personagens estavam tentando falar da mesma forma e não conseguindo.]

¹³² No ano de 1995, Peter Hewitt foi diretor da adaptação do romance de Twain, sob o crédito da companhia *Walt Disney Pictures*, para a indústria cinematográfica. A mesma companhia, no ano de 1993, sob direção de Stephen Sommers, produziu um dos filmes mais conhecidos na atualidade que levou o enredo do texto literário para as salas de cinema. Entretanto, a obra do autor também recebeu filmagens em 1939 pela *Metro-Goldwyer-Mayer*, em 1960 pela *Formosa Production* e em 1975 pelo diretor Robert Totlen, pela companhia *ABC Circle Production*. O livro *The Adventures of Huckleberry Finn* não foi somente adaptado para o cinema, pois J. Lee Thompson dirigiu, em 1974, o musical intitulado *Huck Finn: The Musical*.

Desse modo, temos o destaque para a seleção da linguagem utilizada pelas personagens quando se referem as personagens que figuram as pessoas escravizadas. Essa particularidade no romance de Mark Twain, devido ao frequente uso da *n-word*, que na atualidade se classifica como um termo extremamente ofensivo, causa um certo desconforto quando utilizada na disciplina de Literatura Norte-Americana. Robert T. Tally Jr., em seu capítulo *Bleeping Mark Twain? Censorship, Huckleberry Finn, and the Functions of Literature*, diz que:

For many readers, *Adventures of Huckleberry Finn* is therefore a work that causes embarrassment, pain, and resentment. As a hyper canonized text, one frequently included as required reading not only in college classrooms but also in high school and even earlier, Twain's 1885 novel continues to be a controversial touchstone for discussion of race in the United States today¹³³ (TALLY JR., 2014, p. 134).

Com base nessas discussões e na tentativa de auxiliar os professores de literatura norte-americana, temos uma edição apresentada por Alan Gribben (2011), que depois de estudos desenvolvidos na University at Montgomery, no estado do Alabama, apresenta uma nova edição, a *NewSouth Edition*, de *Huckeleberry Finn*, que exclui e substitui a *n-word* do texto literário de Twain por um sinônimo, que seria a palavra *slave*. Desse modo, Gribben justifica a substituição dizendo que: “it might help save the great American novel by making it more suitable for classroom use in high schools or colleges¹³⁴” (TALLY JR., 2014, p. 134). Porém, levando em consideração que a *n-word* utilizada de forma irônica pode ser registrada mais de duzentas vezes no romance de 1885, devemos refletir sobre seu uso e sensibilizar os leitores, a partir da periodização, sobre essa escolha. Podemos harmonizar a avaliação do uso da linguagem escolhida analisando o contexto de produção do texto, sendo que essa foi empregada por um personagem marginalizado, figurando uma minoria, e que se registra o uso do dialeto coletivo da sociedade do século XIX, e, assim, os leitores podem questionar sobre o papel da Literatura, seja considerada como cânone ou cultura de massa.

Considerando a discussão apresentada sobre a adaptação da obra de Twain, a ação de alterar, principalmente no uso do sinônimo para a *n-word*, no texto de Twain, além de ilegitimar

¹³³ [Trad. nossa: Para muitos leitores, *Adventures of Huckleberry Finn* é, portanto, um trabalho que causa embaraço, dor e ressentimento. Como um texto hiper canonizado, frequentemente incluído como leitura obrigatória, não apenas nas salas de aula da faculdade, mas também no ensino médio e até mais cedo, o romance de 1885 de Twain continua sendo um marco polêmico para a discussão de raça nos Estados Unidos da atualidade.]

¹³⁴ [Trad. nossa: pode ajudar a salvar o grande romance americano, tornando-o mais adequado para uso em sala de aula em colégios ou faculdades.]

essa produção, atenua fortemente a problemática racial levantada na atualidade, pois, considerando a controvérsia dessa difícil escolha, como os leitores poderiam concluir que a nova imagem possibilitada pelo uso da palavra *slave*, considerando as questões culturais atuais, tornaria a recepção do romance justa e aceitável na sociedade do século XXI?

Ainda sobre a recepção do romance, o jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva publicou o texto *Twain sem Censura*, no jornal *Folha de São Paulo* (1995), na sessão *Caderno Mais*, afirmando que:

(...) Nas duas primeiras décadas do século 20, centenas de cidades dos EUA proibiram que "Huckleberry Finn" fosse lido por seus estudantes de segundo grau, porque o consideravam imoral e antireligioso. Nas duas últimas décadas do século 20, de novo "Huck" é censurado pelos EUA afora por acharem que ele degrada e destrói a humanidade dos negros. Do caro e sofisticado colégio St. Alban em Washington, onde estudam os filhos do vice-presidente Al Gore e do pastor negro Jesse Jackson, às escolas públicas de Winnetka, Illinois, Twain se encontra sob censura.

Também os jornalistas Celso Masson, Humberto Maia Júnior e Rodrigo Turrer, em texto jornalístico intitulado *Monteiro Lobato merece ser censurado? A absurda tentativa de banir um livro infantil de Monteiro Lobato das escolas sob a acusação de racismo*, publicado na revista *Época* (2010), na sessão *Mente Aberta*, apontam sobre a obra de Mark Twain:

(...) Essa obra-prima alimenta uma controvérsia há duas décadas. Um grupo de acadêmicos e pedagogos acusa o livro de racismo. Para eles, o herói, Huck, humilha com frequência o escravo Jim, um personagem caricato, a quem Huck se refere usando a palavra "nigger" (um termo em inglês considerado uma forma racista e criminoso de se referir aos negros, intolerável para os ouvidos de qualquer americano contemporâneo). "Twain foi incapaz de pairar acima dos estereótipos de negros que os leitores brancos de sua era esperavam e apreciavam", diz Stephen Railton, professor de literatura da Universidade de Virgínia. "Ele recorreu à comédia e ao chiste para fornecer humor à custa de Jim, o que confirmou, em vez de desafiar, o racismo típico do final do século XIX.

Porém, nessa mesma matéria, temos o pensamento contrário de outros estudiosos acerca da obra de Twain. O livro transmite o olhar sobre as atitudes da sociedade americana, sobre o racismo. Fornece uma crítica social e questiona a escravidão praticada no território sulista. Os autores contrários àquela opinião, na *Revista Época* (2010), explicam que:

(...) Huck Finn é um ataque contra o racismo justamente por humanizar o personagem de Jim, um escravo, e com isso expor as falácias dos racistas e da escravidão”, diz Shelley Fisher Fishkin, professora da Universidade Stanford e da Universidade do Texas. “O termo *nigger* nem sequer era usado de forma pejorativa na Inglaterra vitoriana e tampouco nos Estados Unidos até os anos 1940”. Os jovens estudantes, porém, ficaram fora do debate.

O personagem Huckleberry Finn sugere que os valores morais aceitos pela sociedade estavam errados ou deviam ser reavaliados. Como podemos observar nos dois romances, a instituição escolar, geralmente, estava bastante empenhada em manter os valores morais aceitos pela coletividade do momento de produção da obra, e isso também se aplicava na sociedade do século XIX. Na maioria dos casos, aqueles que compactuavam com determinados valores não deveriam trapacear, deveriam respeitar as outras pessoas, manter a boa condução e etiqueta. Assim, à contracorrente, o livro de Twain sugere que a consciência individual deveria ser um guia mais importante do que as regras e leis que todos buscavam respeitar. Esse questionamento está marcado por um encontro que se remete para um dilema ético, o encontro dos fugitivos Huck e Jim, que no segundo romance figura um adulto escravizado que vivia na propriedade da Srta. Watson, irmã da viúva Douglas. O garoto sabe que, legalmente, deveria entregar o escravo fugitivo. O problema, na verdade uma solução, se transforma quando o personagem Jim ganha uma nova visão, pois, a partir de Huck, o personagem passa a ser visto como uma pessoa real e não como uma propriedade de alguém, indo assim contra o pensamento mantido pelos grandes fazendeiros das lavouras do Sul dos Estados Unidos.

Podemos considerar que o calcanhar de Aquiles do texto de Twain se configura pelo constante uso da pejorativa *n-word*. Na atualidade, a palavra carrega uma forte carga positiva e deve ser empregada por um grupo social local e que compartilha do mesmo uso em determinadas situações. Agora, reinsertando o texto literário em seu momento de produção e analisando o uso da *n-word* por determinados personagens, na maioria das vezes por personagens marginalizados, Huck não acarreta problema em se referir ao seu amigo com a mesma palavra. Twain, quando utiliza essa linguagem para escrever sua obra, estava apenas tentando representar o dialeto utilizado na época.

A partir dos elementos contraditórios que carecem de maior análise e do que foi visto pela recepção conturbada no momento de produção do romance de Twain e na

contemporaneidade, faz-se necessário um avanço para o segundo nível de leitura que traz o elemento social para uma ampliação semântica da interpretação desse texto literário.

3.2 Segundo nível de leitura: Verdades e valores são questionados

O período que Huck passou na casa da viúva Douglas proporcionou-lhe um padrão de vida que nunca vivido anteriormente a margem da sociedade, pois o personagem pode frequentar a escola - apesar de detestá-la; e o contato com o ensinamento religioso – mesmo questionando a finalidade de rezar todos os dias. Apesar de sempre realizar os pedidos da Srta. Watson, mentora de Huck, ele refletia, criticamente, sobre as obrigações da sociedade civilizada impostas e, com os trechos apresentados no romance, conclui que não entendia a finalidade de determinados ensinamentos – como rezar para se pedir algo que almejava possuir para realizar suas atividades. De outro modo, ao questionar esse ensinamento, Huck exerce, primeiramente, uma crítica sobre esses valores aprendidos no meio social em que conviverá por um curto período. Huck nos narra que:

The Miss Watson she took me in the closet and prayed, but nothing come of it. She told me to pray every day, and whatever I asked for I would get it. But it warn't so. I tried it. Once I got a fish-line, but no hooks. It warn't any good to me without hooks. I tried for the hooks three our four times, but somehow I couldn't make it work. By-and-by, one day, I asked Miss Watson to try for me, but she said I was a fool. She never told me why, and I couldn't make it out no way. (...) No, says I to myself, there ain't nothing in it. I went and told the widow about it, and she said the thing a body could get by praying for it was "spiritual gifts"¹³⁵(TWIN, 1994, p. 8).

Em um outro ponto da narrativa, quando Huck encontrava-se livre do cativo pelo próprio pai, o personagem também reflete sobre a finalidade de rezar para pedir algo e, assim, conclui que somente para ele não era possível tal ação, pois os pedidos eram concedidos se fossem feitos por outras pessoas. Desse modo, a personagem compreende que não pertence, e

¹³⁵ [Trad. Flaksman, 2002, p. 27: Depois a srta. Watson me levou para o quarto para rezar, mas não adiantou nada. Ela me disse para rezar todo dia, que eu ia conseguir tudo que pedisse. Mas era mentira. Eu bem que tentei. uma vez, consegui uma linha de pesca, mas não o anzol. E como é que eu ia pescar sem anzol? Pedi o anzol umas três ou quatro vezes, mas não teve jeito de funcionar. Tempos depois, um dia, pedi para a srta. Watson tentar por mim, mas ela disse que eu era um bobo. Mas não me disse por quê, e eu nunca consegui entender.(...) e então eu vi que aquilo não funcionava. Voltei para casa e contei para a viúva, e aí ela me disse que as rezas só serviam para a gente conseguir "bens espirituais.]

não quer pertencer, como será apresentado posteriormente, à sociedade civilizada. Ele se sentia diferente dos demais, conforme observamos no excerto apresentado na sequência:

I got a good place amongst the leaves, and set there on a log, munching the bread and watching the ferry-boat, and very well satisfied. And then something struck me. I says, now I reckon the window or the parson or somebody prayed that this bread would find me, and here it has gone and done it. So there ain't no doubt but there is something in that thing. That is, there's something in it when a body like the widow or the parson prays, but it don't work for me, and I reckon it don't work for only just the right kind¹³⁶ (TWIN, 1994, p. 28).

Assim, com a percepção de um indivíduo que não se enquadra em determinado grupo social, Huck apresenta uma visão crítica sobre diferentes atos realizados pelos outros membros do grupo social com quem o personagem convivia, como temos em:

So, I slid out and slipped off up the road, and there warn't anybody at the church, except maybe a hog or two, for there warn't any lock on the door, and hogs likes a puncheon floor in summer-time because it's cool. If you notice, most folks don't go to church only when they've got to; but a hog is different¹³⁷ (TWIN, 1994, p. 83).

Desse modo, considerando a reflexão apontada anteriormente, podemos observar, no romance, as diferenças entre os personagens Huck e Tom. Considerando a história de vida e educação entre os dois garotos, temos o distanciamento entre as ações de conduta entre o que seria certo e errado, como podemos observar em:

Along during that morning I borrowed a sheet and a white shirt off of the clothes-line; and I found an old sack and put them in it, and we went down and got the fox-fire, and put that in too. I called it borrowing, because that was what pap always called it; but Tom said it warn't borrowing, it was stealing¹³⁸. (TWIN, 1994, p. 183)

¹³⁶ [Trad. Flaksman, 2002, p. 53: Eu me instalei num bom lugar no meio da folhagem, e me sentei num tronco, comendo o pão e olhando para a balsa, bem satisfeito. E aí pensei uma coisa. A viúva, ou então o pastor, ou alguém, rezou para aquele pão me encontrar, e era isso mesmo que tinha acontecido! O que prova que aquilo funciona pelo menos um pouco. Quer dizer, funciona quando alguém como a viúva ou o pastor reza, mas comigo nunca dá certo; acho que só funciona com as pessoas certas.]

¹³⁷ [Trad. Flaksman, 2002, p. 159: Não tinha ninguém na igreja, só um que outro porco, porque a porta não tinha tranca e porco adora chão de pedra no verão, porque é muito mais fresco. Se você pensar bem, vai ver que as pessoas só vão na igreja quando precisam; mas porco é diferente.]

¹³⁸ [Trad. Flaksman, 2002, p. 264: Durante a manhã, eu peguei emprestado um lençol e uma camisa branca no varal; encontrei um saco velho e enfiei tudo dentro, depois a gente foi até o mato, pegou os galhos com o fogo-podre e guardou junto. Eu digo que peguei emprestado porque era o jeito que o meu pai falava; mas Tom disse que aquilo

A partir do momento em que os dois garotos planejam a fuga de Jim, figurado por um adulto e não pela criança como em *Tom Sawyer* e que até então estava preso na fazenda, Huck realiza algumas reflexões sobre Tom e como este havia concordado em participar da ação que libertaria Jim do cativeiro. Ele diz que embora Tom fosse bem-educado e não fosse malvado:

Here was a boy that was respectable, and well brung up; and had a character to lose; and folks at home that had characters; and bright and not leather-headed; and knowing and not ignorant; and not mean, but kind; and yet here he was, without any more pride, or rightness, or feeling, than to stoop to this business, and make himself a shame, and his family a shame, before everybody¹³⁹ (TWIN, 1994, p. 176).

Portanto, além de termos uma descrição da personalidade de Tom, que não deve ser considerado como exemplo de um bom garoto, Huck questiona sobre a moral e bons costumes da sociedade da época, representada na narrativa por seu amigo. Apesar de empregar qualidades positivas em relação a Tom, temos a conclusão dada por Huck: “he was Always just that particular. Full of principle¹⁴⁰” (TWIN, 1994, p. 186). Portanto, Huck, mesmo sendo apenas uma criança, precisa a todo o momento rever constantemente seus valores e perceber que o que aprendera dos adultos brancos não era a verdade. Assim, o personagem-narrador, concluindo que sua personalidade seria diferente da de Tom e dos outros personagens da vila ribeirinha, criado por Mark Twain apresenta uma reflexão crítica sobre os valores da sociedade local de sua época. Desse modo, o garoto passa a ter credibilidade para apresentar sua visão sobre os diversos aspectos sociais, positivos ou negativos, presentes no texto literário. Além disso, a ação de estabelecer autonomia para um personagem marginalizado pela sociedade figurada em uma obra ficcional, configura-se em uma *estratégia de contenção* empregada pelo escritor. Primeiramente, o autor se mune do poder da palavra dado ao personagem Huckleberry Finn para abordar, indiretamente, fatos sociais e históricos positivos que não poderiam ser questionados pelo lugar ou posição social que o mesmo ocupava no momento de produção do romance. E dessa forma, dizer sem dizer, uma ação de questionar o dito pelo não dito. Assim, Huck acessa os conceitos engavetados de sentimentos primitivos acometidos pela sociedade do século XIX e redefine os

não era empréstimo nenhum, era roubo mesmo.]

¹³⁹ [Trad. Flaksman, 2002, p. 255: Tom era um garoto respeitável e bem-educado; tinha um nome a cuidar, e uma família com um nome a cuidar; era inteligente, esperto, instruído, e não tinha nada de malvado; mas mesmo assim, sem nenhum orgulho ou sentimento, estava disposto a se meter naquela história, correndo o risco de acabar coberto de vergonha, e ainda cobrir a família de vergonha diante de todo mundo.]

¹⁴⁰ [Trad. Flaksman, 2002, p. 186: Tom sempre foi assim, exigente e cheio de princípios.]

pensamentos já classificados e organizados pela coletividade, em um jogo dúbio entre certo e errado.

3.2.1 “Outra vez Tom Sawyer!!!”: As ações realizadas por Huck e Tom Sawyer em relação a Jim

Ao longo da narrativa, observamos a diferença entre o tratamento dado a Jim por parte das personagens Huck e Tom. No primeiro momento em que Jim é inserido nos acontecimentos, no segundo capítulo do romance, ele é apresentado de forma distante, como podemos observar no trecho apresentado a seguir:

Miss Watson's big nigger, named Jim, was setting in the kitchen door, we could see him pretty clear, because there was a light behind him. He got up and stretched his neck out about a minute, listening. Then he says, "Who dah?"¹⁴¹ (TWIN, 1994, p. 3-4)

Em seguida, o narrador-personagem relata a intenção de seu amigo em pregar uma peça em Jim, para verificar como o mesmo reagiria se fosse amarrado em uma árvore. Huck não aprovou a ideia e tentou convencer para que o plano não fosse aplicado contra Jim. Como não conseguiu convencer Tom, ele não participou da ação e ficou esperando o amigo voltar da aplicação da violência contra o personagem. É importante destacar que Huck diz que:

When we was ten foot off, Tom whispered to me and wanted to tie Jim to the tree for fun; but I said no; he might Wake and make a disturbance, and then they'd find out I wasn't in. Then we got out, and I was in a sweat to get away; but nothing would Tom but he must crawl to where Jim was, on his hands and knees, and play something on him. I waited, and it seemed a good while, everything was so still and lonesome¹⁴² (TWIN, 1994, p. 4).

¹⁴¹ [Trad. Flaksman, 2002, p. 20: O escravo alto da srta. Watson, chamado Jim, estava sentado na porta da cozinha; dava para ver perfeitamente, porque tinha uma luz acesa por trás dele. Ele se levantou, esticou o pescoço e ficou um minuto escutando. E depois falou: "Quem é que está aí?"]

¹⁴² [Trad. Flaksman, 2002, p. 21: Quando já tinha se afastado uns três metros, Tom me disse baixinho que tinha tido a ideia de amarrar Jim na árvore, só para ver o que ele fazia; mas eu disse que não; ele podia acordar e começar a gritar, e aí iam descobrir que eu não estava em casa. Aí Tom disse que só tinha uma vela, e que ia entrar na cozinha para pegar mais. Eu não queria que ele fosse. Disse que Jim podia acordar e vir atrás da gente. Mas Tom queria tentar; a gente entrou, pegou três velas, e Tom deixou cinco centavos em cima da mesa, como pagamento. Aí a gente saiu, e eu queria ir embora logo; mas não houve jeito de impedir Tom de ir se arrastando de quatro até o lugar onde Jim estava dormindo, e pregar alguma peça no escravo. Fiquei esperando, e pareceu que foi muito tempo, no meio do silêncio e da solidão.]

No presente trecho, o leitor pode realizar uma leitura superficial e pensar que Huck não participa da ação por estar preocupado que alguém o encontre fora de casa. Entretanto, observando as características da personagem, o levantamento dessa hipótese gera um impasse que deve ser considerado na leitura. É seguro que o distanciamento de Huck não ocorreu pela afinidade estabelecida entre ele e Jim. Nesse momento, os personagens ainda não haviam estabelecido um laço de amizade. Desse modo, em segundo plano, podemos apontar que Huck já apresenta uma reflexão, não amadurecida, de oposição ao pensamento de teor preconceituoso apresentado por Tom. Huck não aceita participar dos gracejos planejados para aplicação contra Jim sob orientação do amigo. Esse é um pensamento solitário em meio ao grupo em que se encontra, o que vai ser confirmado quando, finalmente, toma a decisão de apoiar Jim em busca da liberdade.

Digamos então que a cooperação entre Jim e Huck foi construída a partir do momento em que os dois, em fuga, se reencontram próximos ao estado de Illinois, na ilha de Jackson:

How do you come to be here, Jim, and how'd you get here?" He looked pretty uneasy, and didn't say nothing for a minute. Then he says: "Maybe I better not tell." "Why, Jim?" "Well, dey's reasons. But you wouldn't tell on me ef I 'uz to tell you would you, Huck?" "Blamed if I would, Jim." "Well, I b'lieve you, Huck. I – I run off." "Jim!" "But mind, you said you wouldn't tell – you know you said you wouln't tell, Huck." "Well, I did. I said I wouldn't, an I'll stick to it. Honest injun I will. People would call me a low down Ablitionist and despise me for keeping mum – but that don't make no difference¹⁴³ (TWIN, 1994, p. 32).

A transposição entre as diferenças raciais é esquecida e Huck se compromete a não entregar Jim. Mesmo que em alguns momentos do texto literário, Huck, com base nos ensinamentos da sociedade, tenha quase uma recaída e mude o seu plano de auxílio para com o seu amigo. Entretanto, conhecendo sua penalidade, que seria na mente do personagem, ir para o inferno, ele decide não entregar Jim e continuar sua tarefa em busca da liberdade, como temos em:

¹⁴³ [Trad. Flaksman, 2002, p. 58: "E você, *Jim*, por que é que veio parar aqui? Como foi que você veio para cá? Ele estava com um jeito meio nervoso, e não disse nada no começo. Mas depois falou: "Acho melhor não contar." "Tenho as minhas razões. Mas você não ia contar para ninguém se eu contasse para você, não é, *Huck*?" "De jeito nenhum, *Jim*." "Está certo, eu acredito, *Huck*. Eu – eu fugi." "*Jim*!" "Mas você disse que não ia contar ninguém – você disse que não ia contar, *Huck*." "Eu disse, sim. Disse que não contava, e não vou contar. Juro que não. As pessoas podem me chamar de abolicionista desgraçado e achar que eu não presto por não dizer nada, mas mesmo assim eu vou ficar calado.]

I couldn't get that out of my conscience, no how nor no way. It got to troubling me so I couldn't rest; I couldn't stay still in one place. It hadn't ever come home to me before, what this thing was that I was doing. But now it did; and it staid with me, and scorched me more and more. I tried to make out to myself that I warn't to blame, because I didn't run Jim off from his rightful owner; but it warn't no use, conscience up and says, every time¹⁴⁴ (TWIN, 1994, p. 66).

O fato é plausível para aplicarmos uma leitura que considera que Huck e Jim pertencem a uma realidade social que se encontra, a dos excluídos pela sociedade civilizada. A experiência de vida, convívio social e o domínio da linguagem aproximam esses dois personagens e, desse modo, os distanciam de Tom e dos demais personagens inseridos na figuração da sociedade da época.

O Sul dos Estados Unidos da América da década de 1880, buscou atrair as indústrias a partir de uma política de incentivos para investidores nas áreas da siderurgia, exploração de madeira, tabaco e para as indústrias têxteis. Entretanto, em 1900, a industrialização e participação do Sul se manteve igual que em 1860. Além disso, a consequência da ação da participação do Sul na base industrial causou a proliferação de doenças e o trabalho infantil. De acordo com Cincotta: “Trinta anos depois da Guerra Civil, o Sul continuava predominantemente pobre, agrário e economicamente dependente. A sociedade impunha uma rígida segregação social entre negros e brancos e tolerava episódios recorrentes de violência racial” (CINCOTTA, 1994, p. 188).

A partir de 1870, as decisões tomadas pela Corte Suprema alimentaram a pré-concepção dos sulistas brancos que, contrariando a própria Reconstrução, construíram ações para reafirmar o controle do estado e, assim, manter o domínio dos brancos:

Em 1873, a Corte Suprema decidiu que a 14ª Emenda (segundo a qual os direitos de cidadania não podem ser reduzidos) não concedia aos americanos de origem africana qualquer novo privilégio ou imunidade em relação ao poder do estado. Além disso, em 1883, a Corte decidiu que a referida Emenda não impedia indivíduos, contrariamente aos estados, de praticar a discriminação. E, no caso *Plessy versus Ferguson* (1896), a

¹⁴⁴ [Trad. Flaksman, 2002, p. 105-106: Fiquei com a consciência pesada, e não teve jeito e nem maneira de eu me sentir melhor. Fui ficando tão perturbado que não conseguia parar quieto; não sossegava no lugar. Até então, nunca tinha me passado pela cabeça o significado do que eu estava fazendo. Mas agora eu tinha percebido, e aquilo não me saía da cabeça; cada vez eu me sentia mais incômodo. Experimentei pensar que a culpa não era minha, porque não tinha sido eu quem tinha feito o Jim fugir da dona dele; mas não adiantou, a consciência me dizia o tempo todo que eu sabia que ele estava fugindo.]

Corte julgou que acomodações públicas “separadas mais iguais” para afro-americano, como as usadas em trens e restaurantes, não constituíam uma violação de seus direitos (CINCOTTA, 1994, p. 189).

Como vimos anteriormente, a segregação racial disseminou-se por todo o território sulista norte-americano. Infelizmente, nos locais em que não houvesse segregação por motivo racial por lei – em ferrovias, restaurantes, hotéis, hospitais e escola – se estabelecia a segregação racial pelo costume e prática do norte-americano branco:

Diante dessa discriminação tão enraizada, muitos americanos de origem africana passaram a apoiar o programa de Booker T. Washington, o principal líder negro do final do século XIX e início do século XX. Ele os aconselhava a se concentrarem em benefícios econômicos modestos e aceitarem a discriminação social temporária. Outros, liderados pelo intelectual afro-americano W.E.B. DuBois, queriam contestar a segregação por meio da ação política. Mas, dada a cumplicidade dos dois principais partidos, os pedidos de justiça racial obtiveram pouco apoio, e as leis segregacionistas continuaram em plena força no sul até muito além da segunda metade do século XX (CINCOTTA, 1994, p. 189).

Também podemos observar que ao longo da narrativa de Twain, Huck sempre se preocupava em conseguir alguma quantia em dinheiro que ajudasse na compra de itens para sobrevivência. Porém, essa ambição do personagem é colocada à prova quando descobre que havia uma recompensa por Jim: “So there’s a reward out for him – three hundred dollars. And there’s a reward out for old Finn too – two hundred dollars¹⁴⁵” (TWIN, 1994, p. 42).

O exemplo é sugestivo para levantarmos outro ponto positivo, pois mesmo o garoto sabendo sobre a quantia que estavam anunciando por Jim, não pensou em entregar o homem para obter proveito financeiro sobre a situação, e, ao contrário, se preocupou em proteger o amigo: “Git up and hump yourself, Jim! There ain’t a minute to lose. They’re after us!¹⁴⁶” (TWIN, 1994, p. 47).

Num episódio, quando os personagens refletem sobre a ação que estavam realizando, a fuga para a liberdade, Huck percebe, em um momento, que estava rompendo com a composição

¹⁴⁵ [Trad. Flaksman, 2002, p. 72: E agora estão dando uma recompensa para quem achar o negro – trezentos dólares.]

¹⁴⁶ [Trad. Flaksman, 2002 p. 78: Levanta logo, Jim! A gente não pode perder nem um minuto! Estão vindo atrás da gente!]

de boa conduta que ensinou a viúva, assim como todos de seu tempo, e se depara com um instante de dúvida:

Jim said it made him all over trembly and feverish to be so close to freedom. Well, I can tell you it made me all over trembly and feverish, too, to hear him, because I begun to get it through my head that he was most free – and who was to blame for it? Why, me. I couldn't get that out of my conscience, no how nor no way¹⁴⁷ (TWIN, 1994, p. 66).

E passado esse momento, Huck conclui:

Then I thought a minute, and says to myself, hold on, -s' pose you'd a done right and give Jim up; would you felt better than what you do now? No, says I, I'd feel bad – I'd feel just the same way I do now. Well, then, says I, what's the use you learning to do right, when it's troublesome to do right and ain't no trouble to do wrong, and the wages is just the same? I was stuck. I couldn't answer that. So I reckoned I wouldn't bother no more about it, but after this always do whichever come handiest at the time¹⁴⁸ (TWIN, 1994, p. 69).

Em seguida, em um episódio de aventura e armações na fazenda da tia de Tom Sawyer, os garotos buscam uma maneira para libertar Jim, que nesse momento estava preso na propriedade da família Phelps. Com efeito, eles conseguiram, depois de muitos planos, libertar Jim que, logo em seguida, foi capturado novamente. Entretanto, diante da situação, Tom, inteiramente surpreendido pela proporção que desencadeou a situação, relata que “they hain't no *right* to shut him up! *Shouve!* – and don't you lose a minute. Turn him loose! heain't no slave; he's as free as any cretur that walks this earth!¹⁴⁹” (TWIN, 1994, p. 127).

¹⁴⁷ [Trad. Flaksman, 2002, p. 105: Jim disse que ele estava tremendo todo e se sentindo como se estivesse com febre, porque nunca tinha chegado tão perto da liberdade. E eu só posso dizer que também estava tremendo e me sentindo meio febril só de ouvir ele falar, porque eu entendi que ele já estava quase livre mesmo – e de quem era a culpa? Só minha. Fiquei com a consciência pesada, e não teve jeito e nem maneira de eu me sentir melhor...]

¹⁴⁸ [Trad. Flaksman, 2002, p. 109: Aí eu pensei um minuto, e vi uma coisa – será que eu ia estar me sentindo melhor se tivesse feito a coisa certa e denunciado *Jim*? Não, ia estar me sentindo bem mal – do mesmo jeito que eu estava me sentindo agora. Então eu pensei: o que é que adianta a gente aprender a fazer a coisa certa quando isso traz problemas e fazer a coisa errada não, e no fim das contas dá tudo na mesma?]

¹⁴⁹ [Trad. Flaksman, 2002, p. 311: Mas eles não têm direito de prender o Jim! Corre até lá – sem perder um minuto. Mande soltar! Ele não é escravo. É tão livre quanto qualquer criatura dessa terra!]

Tom esclarece, finalmente, que o propósito das armações seria uma forma de viver novas aventuras e, também, entregar uma quantia em dinheiro para Jim por ter aceito participar do plano de fuga elaborado por ele.

Desse modo, concluímos, na comparação entre os personagens, que Tom Sawyer representa, figurativamente, as pessoas que não aceitavam a abolição da escravatura no Sul dos Estados Unidos e almejavam manter o pensamento escravocrata presente no cerne da sociedade. Assim, podemos afirmar que o personagem figura o momento que os Estados Unidos da América ainda não formavam a nação construída posteriormente à Guerra Civil Norte-Americana, mas, apesar disso, indica o momento de questionamento dos valores defendidos pelos colonizadores e a necessidade da instauração da democracia no Novo Mundo. Contradizendo e ampliando esse ponto negativo em relação a personagem, a partir do pagamento efetuado a Jim, temos a sustentação da ideia da relação de trabalho que deveria ser estabelecida na sociedade da época em que o livro foi escrito e publicado, assim abordando o ideal defendido pelas lutas e a nova configuração social construída após o conflito entre Norte e Sul. Desse modo, o leitor pode refletir sobre os resultados, após esse grande conflito, e ter um registro dos rumos tomados pelos norte-americanos após as propostas dos grandes idealizadores político-sociais.

3.3 Terceiro nível de leitura em *Huckleberry Finn*: novos caminhos e perspectivas

O mundo em 1880 era praticamente global, pois grande parte do globo terrestre já havia sido conhecido e mapeado, sendo que as explorações de novos espaços já não consistiam em “descobertas”. Assim, o desbravamento do desconhecido impulsionou, já nesse momento da História, elementos de competição, buscando sempre aumentar o poder de dominação e, até mesmo, de ambientes poucos explorados, como por exemplo o Ártico e a Antártida. (HOBSBAWN, 2015).

O desenvolvimento e expansão das ferrovias e da navegação a vapor possibilitou a redução do tempo das viagens intercontinentais ou transcontinentais. Assim, um trajeto que levaria meses seria completo em questão de semanas, e, conforme aponta Hobsbawn (2015), na produção intitulada *A era dos impérios: 1875-1914*: “em breve as tornariam uma questão de dias:

com a conclusão da Ferrovia Transiberiana, em 1904, seria possível viajar de Paris a Vladivostok em 15 ou 16 dias” (p. 54).

Além disso, os países ganharam mais rapidez na transmissão de informações a partir do telégrafo elétrico. Assim, o progresso era atenuado com a produção material e de comunicação rápida e conectada com todo o mundo considerado desenvolvido. Desse modo, apesar dessas conquistas, as diferenças entre as regiões pré-industriais e das demais localidades, grandes centros urbanos, eram perceptíveis nos termos de produção, riqueza e cultura. Hobsbawn (2015, p. 58), aponta que:

De fato, uma estimativa recente calcula que, entre 1750 e 1800, o produto nacional bruto *per capita* nos países hoje conhecidos como ‘desenvolvidos’ era basicamente o mesmo que na região agora conhecida como “Terceiro Mundo”.

Desse modo, o século XIX apresentou uma defasagem comparando com o ocidente. A principal causa se pauta na tecnologia, que não impactava somente o âmbito econômico, mas também a política:

Um século após a Revolução Francesa, tornava-se cada vez mais evidente que os países mais pobres e atrasados podiam ser facilmente vencidos e (salvo se fossem muito grandes) conquistados, devido à inferioridade técnica de seus armamentos (HOBSBAWN, 2015, p. 59).

Ao estudarmos o ano de 1880 podemos apontar que a dialética entre o desenvolvido e o defasado, o dominante e o dependente, o rico e o pobre; e entre o Primeiro Mundo (Europa com o desenvolvimento capitalista mundial) e o Segundo Mundo (Oriente Médio) foram acentuadas. Segundo Hobsbawn (2015, p. 67):

Nos anos 1880, a Europa, além de ser o centro original do desenvolvimento capitalista que dominava e transformava o mundo, era, de longe, a peça mais importante da economia mundial e da sociedade burguesa. Embora a posição futura da América como superpotência econômica mundial já estivesse assegurada pelo ritmo e pelo ímpeto de sua industrialização, o produto industrial europeu ainda era duas vezes maior do que o americano, e os principais avanços tecnológicos ainda provinham basicamente do leste do Atlântico.

Portanto, entre o centésimo aniversário da Revolução Americana (1876) e o da Revolução Francesa (1889), o ocidente tomou consciência do fato de que seu território, nascido entre a Declaração de Independência, a construção da primeira ponte de ferro e a tomada da Bastilha, estava completando cem anos. Porém, o verdadeiro resultado estava na comparação entre a sociedade dos anos 1880 e dos anos 1780.

Nesse período, os Estados Unidos da América apresentavam um enorme potencial de consumidores e já pensava na padronização de um mercado de massa. As pequenas empresas dominavam o setor médio comercial, mas a economia do consumo de massa não demorou em estabelecer sua implantação e progresso no país.

Segundo Hobsbawn (2015), o progresso também parecia ser notório nas “estatísticas morais”, mas se estabeleceu de maneira distinta. Ao contrário de seguir os avanços da tecnologia ou da ciência, os conceitos morais possibilitaram cada vez mais a divisão da classe média e das massas populares e “a humanidade foi dividida segundo a ‘raça’, ideia que penetrou na ideologia do período quase tão profundamente como a de ‘progresso’” (p. 104).

No século XIX, os elementos que constituíam a economia mundial capitalista estavam voltados para as “economias nacionais” britânica, alemã e norte-americana. O novo sistema econômico não reconhecia fronteira, pois sua melhor aplicação se pautava no livre movimento dos fatores de produção. Hobsbawn (2015, p. 130) diz que:

A teoria pura do liberalismo econômico era obrigada a aceitar as consequências mais extremas, ou mesmo absurdas, de seus pressupostos, desde que se pudesse demonstrar que destes decorria a otimização dos resultados globais”.

Entretanto, os países desenvolvidos não estavam divididos somente em “economias nacionais”. O processo de industrialização e a Depressão transformaram esses grupos internacionais em rivais (HOBSBAWN, 2015), pois as metas alcançadas por determinado grupo, ou empresa, poderiam atingir a posição dos demais no mercado econômico global e conforme Hobsbawn (2015, p. 138):

Entretanto, o controle do mercado e a eliminação da concorrência constituíam apenas um aspecto de um processo mais geral de concentração capitalista, e não eram nem universais nem irreversíveis: em

1914 houve uma concorrência muito mais acentuada nos setores petrolífero e siderúrgico norte-americanos do que houvera dez anos antes.

Com esse exemplo citado, observamos que transformações na estrutura das grandes empresas, desde alterações nas oficinas e nos escritórios, sucederam entre o período de 1880 e 1914, conforme aponta Hobsbawm (2015, p. 143): “de meados dos anos 1890 à Grande Guerra, a orquestra econômica mundial tocou no tom maior da prosperidade, em vez de no tom menor da depressão”.

As novas indústrias agiam como “setores líderes” do crescimento econômico. Como grandes exemplos temos o algodão na primeira revolução industrial e o início das ferrovias em 1840, pois alavancaram a economia mundial. Desse modo, o surgimento dos setores que revolucionaram a tecnologia, desde 1780, foram responsáveis pelos *booms* econômicos.

Por conseguinte, como vimos, a economia se ampliou geograficamente e aumentou a parcela dos países industrializados e em processo de industrialização, Hobsbawm (2015, p. 156) complementa que: “na Europa, em virtude da revolução industrial na Rússia e em países como a Suécia e a Holanda, até então pouco atingidos por ela, e, fora da Europa, por causa do desenvolvimento da América do Norte e, já até certo ponto, do Japão”. Desse modo, a economia mundial se construiu na pluralidade. Assim, a economia britânica perdeu seu posto de ser a única nação industrializada. E não devemos deixar de apontar que a “Era dos Impérios” foi marcada pela rivalidade entre os Estados¹⁵⁰.

Apesar disso, em 1914, a Grã-Bretanha, detinha 44% dos investimentos ultramarinos mundiais (HOBSBAWN, 2015). Assim, a dimensão da frota britânica de navios a vapor era maior que a totalidade das frotas mercantes de todos os outros países europeus. O próprio desenvolvimento do pluralismo mundial reforçava a centralidade da Grã-Bretanha:

O país, sozinho, restabelecia um equilíbrio global, pois importava mais bens manufaturados de seus rivais, exportava seus próprios produtos industriais para o mundo dependente, mas principalmente obtinha rendimentos invisíveis de vulto, provenientes tanto de seus serviços comerciais internacionais (bancos, seguros etc.) como da renda gerada pelos enormes investimentos no exterior do maior credor mundial (HOBSBAWN, 2015, p. 160).

¹⁵⁰ [HOBSBAWN, 2015, p. 62: Esse conjunto de Estados era a “Europa”, constituída não só pelas regiões que formavam, claramente, o cerne do desenvolvimento capitalista mundial – sobretudo a Europa central e do noroeste e algumas colônias ultramarinas.]

E, segundo Arrighi (1996), em seu livro intitulado *1937 – O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*, “o Reino Unido exerceu as funções de governo mundial até o fim do século XIX. De 1870 em diante, porém, começou a perder o controle do equilíbrio de poder europeu e, logo depois, do equilíbrio global” (p. 59).

Além disso, a revolução tecnológica e industrial também foram um grande marco nesse período, mas a dupla transformação da empresa capitalista, na estrutura e em seu *modus operandi* (HOBSBAWN, 2015), reforçou a substituição do antigo sistema econômico mundial.

Entretanto, por um outro lado, a concentração de capital aumentou a distinção entre “empresa” e “grande empresa”. Também não devemos deixar de destacar a crescente rivalidade política entre os Estados a partir da concorrência econômica entre grupos empresariais nacionais, fato que contribuiu para o fenômeno do imperialismo e para a Primeira Guerra Mundial.

Desse modo, a economia mundial, assim como a local, era determinada por um núcleo capital desenvolvido, ou em desenvolvimento, onde os “avançados” almejavam dominar os “atrasados”: “foi provavelmente o período da história mundial moderna em que chegou ao máximo o número de governantes que se autodenominavam ‘imperadores’” (HOBSBAWN, 2015, p. 175). Assim, as vítimas desse processo foram as antigas organizações econômicas.

Com essa reflexão, podemos observar que a questão levantada no romance de Mark Twain, a partir da dialética entre o mundo liberal de Huck e imperialista de Tom, aponta para uma nova fase do desenvolvimento nacional e internacional. A partir da expansão de novos ideais nacionais, que abarcavam elementos políticos e econômicos, eram, claramente, um fator que alimentava a separação do Estado e marcou o início de uma nova fase do capitalismo. Esse apontamento não é perceptível com a realização de uma leitura superficial. Assim, a periodização auxilia no denso e confuso desemaranhar dessa História.

Conforme apontado nesta pesquisa, devemos empregar um olhar atento para o personagem Huck Finn. No primeiro romance, que deve ser considerado como importante por apresentar as primeiras impressões sobre os personagens e para o conhecimento do local das aventuras juvenis. Huck, por não estar inserido nos padrões de vida ditados pelo senso comum, deveria ser evitado pelas demais crianças, pois seria um mau exemplo. O personagem tem a possibilidade de relacionar-se com os demais personagens por intermédio de Tom Sawyer. Dessa forma, a figura apresentada por Tom influencia na caracterização de Huck. A falta de apoio de

Tom seria o fim da existência de Huck no romance, pois ele não teria condições de interagir no cenário apresentado pelas suas atribuições dadas.

Todavia, Huck também se reafirma perante a sociedade e recebe colaboração para ser inserido no meio da sociedade civilizada. Tais iniciativas, colaboradas também por Tom, indicam um ponto de alteração no primeiro romance, explicando assim as razões da reinserção de Huck Finn no segundo livro como narrador em primeira pessoa.

A partir de uma das afirmações marxistas apontada por Wolfgang J. Mommsen (1984) em *Max Weber and German Politics 1890-1920*, podemos compreender o cerne de nossa análise:

Apenas uma *confusão política* completa e um otimismo ingênuo podem impedir que se reconheça que os esforços inevitáveis em favor da *expansão comercial* de todas as nações civilizadas, sob *controle da burguesia*, após um *período de transição* de concorrência aparentemente pacífica, aproximam-se nitidamente do ponto em que apenas o poder decidirá a parte que caberá a cada nação no *controle econômico* da Terra e, portanto, a esfera de ação de seus povos e, especialmente, do *potencial de ganho* de seus *trabalhadores* (MOMMSEN, 1894, p. 77, grifos nossos).

No encerramento do romance *The Adventures of Huckleberry Finn* temos a resolução de uma confusão vivida pelos personagens. Desse modo, a confusão de identidade entre Tom e Huck é descoberta e a verdade sobre a condição de Jim, ex-escravizado, é revelada para todos. Assim, o texto literário remete à confusão política entre as grandes lavouras do Sul dos Estados Unidos, o segundo pilar das economias imperiais e sob controle da aristocracia burguesa norte-americana do século XIX, entre a expansão comercial do mercado econômico em uma “nova etapa” do capitalismo. Esse período de transição, marcado por incertezas econômicas e aparentemente pacífico, passa o poder da decisão ao grupo, ou à nação, que tiver o maior controle econômico sobre as demais potências ou grupos industrial-capitalistas. Também devemos destacar que não foi apenas um fenômeno econômico e político, pois atingiu a esfera cultural.

Com base na organização social do Sul dos Estados Unidos, o personagem Tom Sawyer figura a classe dominante que detinha a maior parte das grandes lavouras e, assim, o poder econômico regional. O pagamento de Jim realizado por Tom, portanto, remete às novas estratégias de interesse de dominação sobre as massas e a formação continuada dos interesses dos Estados sulistas.

No final do século XIX não existia país industrializado, em processo de industrialização ou de urbanização que não precisasse repensar a condição de suas massas de trabalhadores. Principalmente o Sul, historicamente marcado pelo trabalho escravo, marginalizava a maioria de seu povo.

Em nossa compreensão, apesar de toda descrição pejorativa para com Huck, atribuídas pelos personagens adultos presentes no romance, a realização de uma boa ação para os cidadãos da vila ribeirinha pode ser a explicação pela mudança de julgamento e auxílio atribuídos para o garoto.

Entretanto, Huck é diferente dos demais, pois sempre questiona sobre os ensinamentos transmitidos pela sociedade branca e, especialmente, por suas próprias reflexões, estabelece que não segue esse padrão ditado pela sociedade em que estava inserido. Com isso, apontamos que o personagem configura a imagem de um novo país, reacendendo assim a necessidade de alterações na compreensão de sociedade que estava voltada para o progresso e inserção no caminho sem volta do Capitalismo. A convicção dos ensinamentos era tão enraizada na cultura norte-americana do século XIX que mudanças eram compreendidas como ociosidade e rebeldia de seus precursores e defensores.

Defendemos, portanto, que Jim, classe social não ouvida no período histórico da produção da obra, também ganha voz na narrativa de Twain, quebrando com o estilo clássico buscado pelos escritores americanos do início do século XIX, e, ainda mais, figurando as dificuldades encontradas pela busca da liberdade, contribuindo assim para o desenvolvimento de um tom libertador à moral de uma sociedade que defendia o trabalho escravo para o enriquecimento de uma pequena parcela da comunidade local.

Os Estados Unidos passaram a ocupar o centro da economia mundial capitalista, pois configurava uma nova economia nacional, de riqueza e dimensões maiores de recursos. O jovem país evoluiu e se tornou possuidor de um poder de atração de mão-de-obra, capital e de novas iniciativas. As instituições da hegemonia norte-americana foram responsáveis pela considerável restrição dos direitos e poderes das nações se relacionaram com outros Estados e com seus próprios cidadãos. Nesse sentido, ao questionar sobre as aventuras presentes no romance, inserimos de Huck e Jim em uma nova hierarquia, pois os personagens abrandam uma reflexão sobre o momento de produção do mesmo. Desse modo, Huck exerce um papel fundamental na figuração do momento de mudanças na nova organização capitalista dos Estados Unidos, que

passar para a principal organização hegemônicas e dominantes. A utilização de um narrador-personagem em primeira pessoa possibilita uma outra forma para além da estrutura, pois coloca Huck como porta-voz dessas mudanças e numa interlocução com o ex-escravizado Jim.

Considerações finais

O personagem Tom Sawyer do segundo livro possui uma personalidade muito diferente do menino malicioso apresentado no romance com seu nome. Assim, podemos concluir que os dois livros são radicalmente diferentes não apenas em termo de estilo, mas em relação ao público alvo que se almejava atingir com a reflexão social para com a sociedade do século XIX dos Estados Unidos no Pós-Guerra Civil e, assim, o momento posterior da abolição da escravidão em todo território nacional – principalmente nas lavouras do Sul do país. Em *Tom Sawyer* temos uma narrativa que busca retratar a vida liderada por pessoas que não se diferenciavam muito do populacional comum para a época, como por exemplo a organização das instituições e atividades diárias e suas decisões coletivas. John Seelye¹⁵¹ (2012, p. 10), diz que:

Literary realism was also a movement that placed heavy emphasis on materials drawn from the author's own experiences, whether they were the intrigues of village life (as in the stories by Sarah Orne Jewett) or those of the professional world (as in Howells's novels). No writer of the post-Civil War years better exemplifies this emphasis than Mark Twain¹⁵².

A partir do momento em que comparamos as aventuras em *Tom Sawyer*, podemos questionar sobre a ideia de realidade presente nas ações realizadas por Tom. Na maior parte dos acontecimentos, as aventuras imaginadas pelo protagonista do romance somente recebem uma pincelada do real a partir de fatos que poderiam acometer risco a vida dos personagens presentes no texto literário. Em *Huckleberry Finn*, ao contrário do cenário apresentado anteriormente, Tom tenta recriar um mundo que não poderia existir concretamente na sociedade que estava inserido no momento de produção do romance. Assim, as peripécias juvenis seriam uma estratégia para suavizar a questão da marginalização dos povos nativos que vivem nas regiões dos Estados Unidos e o sufocamento dos mesmos para o avanço da sociedade branca norte-americana.

¹⁵¹ O professor John Seelye é pesquisador na área da Literatura Norte-Americana da Universidade da Florida.

¹⁵² [Trad. nossa: “O realismo literário também foi um movimento que colocou grande ênfase nos materiais extraídos das próprias experiências do autor, sejam eles as intrigas da vida da aldeia (como nas histórias de Sarah Orne Jewett) ou as do mundo profissional (como nas novelas de Howells). Nenhum escritor do período pós-guerra civil exemplifica melhor essa ênfase do que Mark Twain.]

Ao contrário da primeira obra, o romance *Huckleberry Finn* não sustenta os elementos imaginários juvenis figurado pelo personagem Tom Sawyer. Desse modo, a tentativa de viver novas aventuras é interrompida pela agressão sofrida por Huck por seu pai, pela fuga do trabalho escravo presente nas lavouras da região Sul, pela marginalização de alguns personagens e pelos ataques por arma de fogo contra o grupo de Huck. Desse modo, a fantasia dos sonhos românticos é destruída, mas prevalece, como elemento principal de toda a narrativa, a vontade dos meninos em ajudar Jim – figurando no segundo livro as pessoas que enfrentaram uma dura ideologia social do pós-abolição nas terras de cultivo do Sul dos Estados Unidos da América no século XIX.

Desse modo, o dilema moral enfrentado por Huck pela ajuda prestada a Jim e, assim, pela sua decisão em ajudar seu amigo a escapar da propriedade dos Phelps, pode ser apontado como a chave de leitura do segundo romance de Mark Twain, iniciado em *Tom Sawyer*, e como marco na Literatura Norte-Americana – pois foi enriquecida com o registro do dialeto utilizado pelas pessoas marginalizadas pela sociedade, fato que não ocorria nas importantes produções literárias do país no Realismo norte-americano. John Seelye (2012, p. 15) aponta que:

(...) Huck is a personification of rural virtue who is forced to make a moral choice and makes the right one, a choice, moreover, that is solidly imbedded in the conventional middle-class morality shared (in 1885) by most of Mark Twain's intended readers. Huck, ultimately, is "one of us", is acceptable precisely because he does not act like poor white trash - say, like his father¹⁵³.

Ao longo do segundo romance, o leitor pode observar que Huck, a partir de uma reflexão moral ligada à concepção de boas ações em torno da sociedade de São Petersburgo, tenta renunciar sua promessa feita para Jim. Entretanto, o personagem Jim, detendo um segredo que poderia mudar os acontecimentos do romance – que seria o fato de Pap Finn ter sofrido um acidente que custará a própria vida – age com cuidado para não revelar toda a verdade a Huck, pois a busca da liberdade é alimentada pela necessidade do menino de escapar de um pai que estava morto. Como podemos observar, o segredo utilizado por Jim foi descoberto logo nos

¹⁵³ [Trad. nossa: "(...) Huck é uma personificação da virtude rural que é forçada a fazer uma escolha moral e faz a escolha correta, além disso, solidamente inserida na moral convencional da classe média compartilhada (em 1885) pela maioria dos leitores pretendidos de Mark Twain. Huck, em última instância, é 'um de nós', é aceitável, precisamente porque ele não age como um pobre lixo branco - como o seu pai - digamos".]

primeiros capítulos do livro, especificamente no capítulo quarto, no momento em que Huck procura o amigo e solicita que o mesmo consulte seu oráculo pessoal, uma grande bola de pelo retirada do estômago de um boi, para obter a previsão se seu pai estava voltando nessa etapa de sua vida – em que Huck possuía dinheiro suficiente para sobreviver, frequentava a escola e fora acolhido pelas pessoas da vila ribeirinha; como podemos observar no trecho:

‘Yo’ ole father doan’know, yit, what he’s a-gwyne to do. Sometime she spec he’ll go ‘way, en den agin he spec he’ll stay. De bes’ way is to res’ easy en let de ole man take his own way. Dey’s two angels hoverin’ roun’ ‘bout him. One uv ‘em is white en shiny, en t’other one is black. De white one gets him to go right, a little while, den de black one sail in en bust it all up. A body can’t tell, yit, which one gwynn to fetch him at de las’. But you is all right. You gwynn to have considerable trouble in you’ life, en considable joy. Sometimes you gwynn to git hirt, en sometimes you gwynn to git sick; but every time you’s gwynn to git well agin. Dey’s two gals flyin’ ‘bout you in yo’ life. One uv’ em ’s light en t’ other one is dark. One is rich en t’ other is po’. You’s gwyne to marry de po’ one just en de rich one by-en-by. You wants to keep ‘way fum de water as much as you kin, en don’t run no resk, ‘kase it’s down in de bills dat you’s gwyne to git hung.’ when I lit my candle and went up to my room that night, there set pap, his own self!¹⁵⁴ (TWAINE, 1994, p. 13-14).

Outro ponto que deve ser observado é o reaparecimento de Tom no final do livro *Huckleberry Finn*, pois tal acontecimento não pode ser considerado como uma coincidência ou como a continuidade apropriada para o desfecho do clímax da narrativa, mas o leitor deve esquematizar que o cruel plano para libertar Jim, que estava em cativeiro na propriedade dos Phelps, revela-se como um jogo desumano, pois o personagem sabia que o mesmo já era um homem livre. Somente após uma grande lição por fantasiar algo em um ambiente real, Tom Sawyer, sofrendo de muitas dores, revela a verdade e, assim, após a certeza de estar seguro, Jim revela seu segredo bem guardado e todos ficam sabendo que Pap Finn, principal preocupação de

¹⁵⁴ [Trad. Flaksman, 2002, p. 33-34: “O seu pai ainda não sabe o que é que ele vai fazer. Às vezes ele acha melhor ir embora, às vezes acha melhor ficar por aqui mesmo. A melhor coisa é você não fazer nada e deixar ele resolver. Em volta dele tem dois anjos voando. Um é branco e brilhante, e o outro é todo preto. O anjo branco faz ele andar do jeito certo por um tempo, mas depois o preto vem e acaba estragando tudo. Por enquanto, não dá para saber qual dos dois é que vai acabar ganhando. Mas com você tudo bem. Você vai ter muito problema na vida, mas muita alegria. Às vezes vai se machucar, e às vezes vai ficar doente; mas sempre vai ficar bom de novo. Tem duas moças voando em volta de você na sua vida. Uma é bem clarinha e a outra é morena. Uma é rica e a outra é pobre. Você vai se casar primeiro com a pobre, mas depois com a rica. É melhor você ficar longe de água enquanto puder, e tomar muito cuidado, porque está escrito que você vai acabar morrendo na força.” Quando eu acendi a minha vela e subi para ir dormir naquela noite, quem foi que encontrei sentado no meu quarto? Meu pai em pessoa!]

Huck, estava morto durante tempo o todo – pois o mesmo fora encontrado em um dos momentos do capítulo nove:

‘Hello, you!’ But it didn’t budge. So I hollered again, and then Jim says: ‘De man ain’t asleep - he’s dead. You hold still - I’ll go en see.’
He went and bent down and looked, and says: ‘It’s a dead man. Yes, indeed; naked, too. He’s ben shot in de back. I reck’n he’s ben dead two or three days. Come in, Huck, but doan’look at his face - it’s too rashly’¹⁵⁵ (TWIN, 1994, p. 38).

O personagem Huck indagava Jim em relação a esse momento, mas o mesmo afirmava que discutir esse assunto poderia atrair má sorte para os dois: “After breakfast I wanted to talk about the dead man and guess out how he come to be killed, but Jim didn’t want to. He said it would fetch bad luck (...)”¹⁵⁶ (TWIN, 1994, p. 39).

Com as discussões anteriores apresentadas no presente trabalho, também concluímos que apesar do romance *Huckleberry Finn* abarcar pontos que agradam a crítica literária atual – como a atribuição do poder na palavra para personagens ainda não ouvidos pela literatura norte-americana, possuir um narrador-personagem à margem da sociedade da época e pela provocação dos leitores com as questões históricas levantadas pela fuga da dupla Huck e Jim – o livro de Twain foi atacado e banido das bibliotecas por distrair os jovens com temas levianos e por atacar a moral social do século do momento de produção do romance e, posteriormente no século XXI, pelo uso da palavra pejorativa *nigger* para se remeter às pessoas que foram escravizadas nas lavouras do Sul dos Estados Unidos.

Entretanto, com o auxílio da periodização devemos (re)ler *Huckleberry Finn* como um personagem da literatura infantojuvenil norte-americana que passa por um processo de amadurecimento ao longo do romance e se torna um grande herói, diferente e se distanciando do personagem Tom Sawyer – mesmo que Tom promova questionamentos das ideias de seu momento histórico, ele permanece eternamente entre os outros homens e mulheres de sua sociedade, pois, diferente de Huck, o garoto não consegue se separar da sociedade civilizada e viver distante das morais estabelecidas pelos adultos.

¹⁵⁵ [Trad. Flaksman, 2002, p. 65-66: “Ei, moço!” Mas ele não se mexeu. Eu gritei também, e então Jim disse: “Aquele homem não está dormindo – está morto mesmo. Fica quieto aqui – eu vou ver.” Jim foi até lá, se abaixou, olhou e disse: “É um homem morto, sim, senhor; e está nu. Levou um tiro nas costas. Deve ter morrido há uns dois ou três dias. Entra aqui, Huck, mas não olha para a cara dele – está muito machucada.”].

¹⁵⁶ [Trad. Flaksman, 2002, p. 67: “Depois de comer, eu puxei conversa sobre o sujeito morto daquela casa, querendo adivinhar de que modo ele tinha sido assassinado, mas Jim não quis falar sobre o assunto. Disse que aquilo dava azar(...)”].

Considerando as contribuições da análise de um texto literário em três níveis de leitura, conforme proposto por Jameson (1992), buscamos demonstrar a necessidade da periodização para se estudar a possível afirmação de teor preconceituoso e o aspecto socio-histórico presentes nos romances *The Adventures of Tom Sawyer* e *The Adventures of Huckleberry Finn*. Desse modo, o percurso de realização do trabalho contemplou uma leitura romanesca das obras, com identificação do tempo, espaço, personagens e a estrutura da narrativa utilizada pelo autor dos textos literários. Com essa primeira leitura foi possível identificar algumas peculiaridades que deveríamos analisar. Assim, posteriormente em segundo e terceiro nível de leitura, as questões sobre a personalidade de Tom Sawyer e Huckleberry Finn receberam uma atenção maior, assim como a forma de tratamento dos personagens com o personagem Jim e, também, os questionamentos de Huck sobre a sociedade norte-americana do século XIX.

Com base nos questionamentos apontados no primeiro nível, o segundo nível de leitura possibilitou o entendimento que a análise pautada na compreensão social do século XXI influenciará a interpretação dos romances de Twain e trará atrito de valores – desconsiderando que os romances figuram o século XIX. Desse modo, reforçamos a necessidade da historicização (JAMESON, 1992) do texto literário no momento de produção, compreendido pela configuração social e pelas principais mudanças que aconteceram na sociedade norte-americana após a abolição da escravidão no país.

No percurso de leitura, o leitor pode compreender que, se opondo a recepção crítica realizada no momento de produção do romance, temos, com a crítica contemporânea, uma atenção redobrada para a utilização da “*n-word*” como forma de referência para as pessoas escravizadas e, assim, pela problemática que a falta de atualização linguística do termo utilizado pelo autor na obra causa desconforto para seus leitores na atualidade. Entretanto, o texto literário também recebeu parecer positivo no momento de produção, pois acreditava que sua leitura induzia os jovens a praticar ações contrárias às boas maneiras ensinadas pela sociedade civilizada, tais como auxiliar a fuga de uma pessoa escravizada, questionar os valores básicos pregados pelas instituições sociais primordiais naquele período – a saber a instituição escolar e religiosa – e, assim, a tentativa de colocar os jovens leitores contra os valores sociais defendidos pela maioria dos cidadãos.

Para mostrar essa visão para nossos leitores, buscamos apoio em alguns momentos da História Geral dos Estados Unidos da América. Assim, aspectos sobre a Colonização da América

do Norte, da Guerra de Independência da Nova Inglaterra contra a Inglaterra, da Guerra Civil ou de Secessão que dividiu a jovem nação entre Norte e Sul, o processo de abolição da escravatura no Sul e as dificuldades dos recém-libertos perante os desafios da sociedade em desenvolvimento industrial foram suporte para justificar as questões apresentadas anteriormente e que estão presentes no subtexto dos textos literários de Mark Twain.

Dessa forma, as considerações abordadas anteriormente deixam margem para a análise realizada no terceiro nível de leitura. Assim, a partir dos pontos elencados na leitura superficial dos textos literários em questão, a verificação das estratégias de contenção e a aplicação da periodização, continuamos nossa leitura a partir do distanciamento entre os personagens Tom e Huck.

Já aplicando o terceiro nível de leitura, no romance *The Adventures of Tom Sawyer* o protagonista deixa claro que pertence à classe média e que compartilhava do pensamento comum dos demais personagens que figuram o grupo social do século XIX na sociedade norte-americana, especificamente sulista. Assim, Tom carrega os ideais dos grandes proprietários de extensas terras que exerciam poder dominante sobre a massa, sobre a classe de trabalhadores e marginalizados. Entretanto, com base na obra do autor, sabemos que ainda assim o personagem tem um diferencial aparente se comparado com outros personagens, como percebemos a distinção da personalidade de Tom em relação a seu irmão Sidy.

Portanto, de certa forma, Tom figura os antigos colonizadores que defendiam a necessidade do trabalho escravo para o desenvolvimento das lavouras do Sul dos Estados Unidos. Por outro lado, a recaída do personagem no final do segundo romance, com a libertação de Jim, remete a influência do poder das fortes mudanças advindas pela Revolução Francesa e Industrial. Desse modo, a sociedade do Pós-Guerra Civil não estaria livre do arrebatamento das frágeis leis da nova nação pelos fatores revolucionários desses marcos históricos.

O romance *The Adventures of Huckleberry Finn* figura a necessidade de mudança da situação enfrentada pelas pessoas que foram escravizadas nas lavouras do Sul dos Estados Unidos. Assim, o personagem Huck, que se aproxima do personagem Jim por estar também à margem da sociedade, consegue realizar o distanciamento dos valores positivos defendidos no momento de produção do romance, para assim concluir que o estabelecimento da liberdade era necessário para acompanhar os ideais revolucionários que já estavam atingindo o país. Desse modo, Huck figura o novo ideal da jovem nação que não aceitava o trabalho escravo, que havia

iniciado o desenvolvimento industrial e que almejava, conforme uma das facetas do capitalismo em sua primeira fase, desenvolver e estabelecer a prática do trabalho assalariado.

Desse modo, a realização desta pesquisa, assim como apresentado ao longo dos capítulos, teve como foco a ampliação da leitura dos romances de Mark Twain, *The Adventures of Tom Sawyer* e *The Adventures of Huckleberry Finn*, e levar à luz que a compreensão de elementos do contexto histórico e literário que devem ser considerados na leitura dialética. Nesse sentido, entendemos que este trabalho é relevante pois procura mostrar como os romances de Twain figuram o pensamento de seu momento de produção, pois além de indicar um registro das mudanças na formação de determinada sociedade, interliga-se um importante momento de transformação social nos Estados Unidos do final do século XIX e início do século XX.

Referências

Corpus da pesquisa

TWAIN, Mark, 1835-1910. **As Aventuras de Tom Sawyer**. Tradução de Alda Porto. São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor, 34).

_____. **The Adventures of Tom Sawyer**. Condensed and adapted by W.T. ROBINSON. Ashland: Bendon, 2014.

_____. **The Adventures of Tom Sawyer**. New York: Penguin Books, 2014.

_____. **The Adventures of Huckleberry Finn**. London: Penguin Books, 2012.

_____. **Adventures of Huckleberry Finn**. Dover Publications, 1994.

_____. **As Aventuras de Huckleberry Finn**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Editora Ática, 2002. (Coleção EU LEIO).

Referencial teórico

ARRIGUI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto; São Paulo, Editora UNESP, 1996.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BRADBURY, Malcolm. **The Modern American Novel**. Oxford: OUP, 1984.

CANIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, São Paulo, USP, n.8, p.67-89, 1970.

_____. Literatura de dois gumes. In: **Educação pela Noite e Outros Ensaios**. SP: Ática, 1987.

CINCOTTA, Howard (Ed.). **Perfil da história dos EUA**. Washington, SC: Departamento dos Estados Unidos da América, 1994. 407p.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

EAGLETON, T. Crítica Política. In: _____. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Tradução brasileira de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, C. A.; **“The Coup e Brazil”**: uma leitura do Norte pelo Sul. 2003. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo), São Paulo.

GALLAGHER, C. Ficção. In: Moretti, F. (Org.). **O romance, 1**: a cultura do romance. Tradução brasileira de Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 629-658.

GRAY, Richard. **A History of American Literature**. U.S.A.: Blackwell Publishing, 2009.

HARDT, M.; WEEKS, K. (Org.). **The Jameson reader**. Oxford: Blackwell, 2000.

HIGH, Peter. **An Outline of American Literature**. New York: Longman, 1990.

HOBBSAWN, E. J.; **A era dos impérios, 1875-1914** [recurso eletrônico]. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A era das revoluções, 1789-1848** [recurso eletrônico]. Tradução Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JAMESON, F. **O Inconsciente Político**: A narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

KENT RASMUSSEN, R. Introduction. In: TWAIN, Mark. **The Adventures of Tom Sawyer**. New York: Penguin Books, 2014.

KIERNAN, Victor G.; **Estados Unidos: o novo imperialismo**. Rio de Janeiro, Record, 2009.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Elena O. Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

MOMMSEN, J. Wolfgang. **Max Weber and German Politics 1890-1920**. Chicago, 1984.

ROBERTS, A. **Frederic Jameson**. Londres; Nova York: Routledge, 2000.

ROBINSON, F. G. **The Cambridge Companion to Mark Twain**. Cambridge University Press, 1995.

SCHWARZ, R. (org.) **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SMITH, R. L. The Legend of Mark Twain. In: **Perspective**. Sweetwater Reporter News, agosto, 1991.

TALLY, JR. Bleeping Mark Twain? Censorship, Huckleberry Finn, and the Functions of Literature. In: OBERON, Claire; YOUNG, Vershawn Ashanti; PIMENTEL, Charise (Edts.). **From Uncle Tom’s Cabin to The Help: Critical Perspectives on White-Authorred Narratives of Black Life**. Palgrave Macmillan, 2014.

TWAIN, M. **The Autobiography of Mark Twain**. Edição de Charles Neider; Adaptação de Ruth B. Murray. Office of English Language Programs; English Language Programs Division; United States Information Agency. Washington, D.C., 2006.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Embaixada dos Estados Unidos da América, 1994.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**. Tradução brasileira de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. (Serie Princípios v.41).